

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
ANA LUIZA TIMM SOARES

INVENTANDO GÊNERO: FEMINISMO, IMPRENSA E PERFORMATIVIDADES SOCIAIS
NA RIO GRANDE DOS “ANOS LOUCOS” (1919 A 1932)

CURITIBA
2010

ANA LUIZA TIMM SOARES

INVENTANDO GÊNERO: FEMINISMO, IMPRENSA E PERFORMATIVIDADES SOCIAIS
NA RIO GRANDE DOS “ANOS LOUCOS” (1919 A 1932)

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História junto ao Programa de Pós-Graduação em História, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a Dr^a Roseli Terezinha Boschilia

CURITIBA
2010

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha orientadora, Prof^a Dr^a Roseli Boschilia, a quem devo muito por esta dissertação.

Também agradeço à agência CAPES, pela bolsa parcial de incentivo à pesquisa, e ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, em especial, à Maria Cristina.

Gostaria de dizer obrigada a todos os professores que participaram, direta ou indiretamente, na realização deste trabalho, cujos nomes não citarei aqui, pois o espaço não permite que todos sejam nomeados, e receio por relegar alguém à exclusão.

Obrigada aos membros que compuseram a Banca de Qualificação, Prof. Dr. Euclides Marchi e Prof^a Dr^a Ana Paula Vosne Martins, que, de diferentes formas, contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradeço, ainda, aos colegas que estiveram comigo nesta caminhada, em especial à Kety De March, Gabriela Novaes, e Reginaldo Cerqueira, os quais compartilharam comigo não só diversas dúvidas e anseios, mas também suas conquistas.

Ao Núcleo de Estudos de Gênero, cujas palestras e debates promovidos suscitaram, ainda mais, um eu questionador e inconformado com o fazer historiográfico.

À minha mãe, Dona Hilma, que sempre tornou frutíferas as discussões sobre papéis a serem exercidos de acordo com o gênero, designando tarefas iguais às meninas e menino da família. Ao Agnaldo, meu “paidrasto”, que sempre se mostrou disposto a ouvir e contribuir com novas perspectivas sobre a vida, o universo, e tudo mais. À Marina, a caçulinha, que me faz rir quando o pessimismo assola meus pensamentos. Ao Santiago, o primogênito, que apesar da faceta de durão – políticas da masculinidade – é um dos homens mais doces que tive o privilégio de conviver.

Ao Eduardo, que me acompanhou em diversos eventos acerca do tema estudado, embora este não seja seu principal objeto de interesse acadêmico, criticando, elogiando e, principalmente, incentivando o bom andamento de minha pesquisa, provando, com todos os atos e palavras, o verdadeiro significado da palavra companheiro.

Obrigada a todos.

RESUMO

O interesse em desacreditar o movimento feminista de inícios do século XX por meio de práticas discursivas que visavam resguardar o papel que tradicionalmente cabia às mulheres, perpassou por muitos veículos de informação. Esta prática também esteve presente nas páginas do jornal *O Tempo*, um dos mais longevos e importantes diários que circulou na cidade do Rio Grande entre os anos de 1906 a 1960. Para a análise dos discursos difundidos por este periódico estabeleci como baliza temporal as datas entre 1919, (data em que Bertha Lutz, principal representante do feminismo no período, fundou a Liga pela Emancipação Feminina, cujo intuito primordial era a concessão do sufrágio à mulher) e 1932, ano em que foi instituído o voto feminino no país. Nesse período, o jornal *O Tempo* esteve sob a direção do jornalista Alípio Cadaval, fundador do jornal e ilustre personagem na historiografia oficial da cidade, preocupado em combater, especialmente, o grupo liderado por Bertha Lutz. A partir desse contexto, procuro discutir de que forma *O Tempo* construiu/difundiu enunciados performativos sobre as ideias feministas, afirmando posições e papéis ideais a serem seguidos não só pelas mulheres da época, mas também, pelos homens. Para tanto, parto do pressuposto de que os discursos, ao *descrever* as mulheres, e também os homens, definiam papéis e identidades *permitidos* às relações de gênero, relegando estes sujeitos à apenas uma de suas múltiplas facetas. Nesse sentido, busco referenciar a noção de discurso a partir da concepção de Foucault, na medida em que, para o autor, os discursos devem ser tratados como práticas que formam os objetos de que falam. Transpondo esta análise para a problemática de gênero, dialogo com Judith Butler, para a qual a linguagem que se refere aos corpos não faz somente uma constatação ou descrição desses corpos, mas, no instante da nomeação, constrói aquilo que nomeia.

Palavras-chave: Feminismo, Discurso, Imprensa, Performatividade.

ABSTRACT

The interest is to discredit the feminist movement of the early twentieth century by means of discursive practices aimed at safeguarding the role that traditionally was for women, through several channels of information. This practice was also present in the pages of the newspaper *O Tempo (The Time)*, one of the most important long-lived and widely circulated daily in Rio Grande between the years 1906 to 1960. For the analysis of discourses broadcast by this journal established as temporal marker dates from 1919, (when Bertha Lutz, most representative of feminism in the period, founded the *Liga pela Emancipação Feminina (League for Women's Emancipation)*, whose main purpose was to grant suffrage to women) and 1932, when it was established the women's vote in the country. During this period, the newspaper *O Tempo (The Time)* was under the direction of Alipio Cadaval journalist, founder of the, and illustrious character in official historiography of the city, anxious to fight, especially, the group led by Bertha Lutz. From this context, to discuss how time to build / spread out on the performative feminist ideas, stating positions and roles ideals to be followed not only by women of the time, but also by men. Therefore, the author assumes that the discourse to *describe* women, and men too, defining roles and identities *allowed* to gender relations, leaving them subject to only one of its many facets. In this sense, I try to reference the concept of discourse from Foucault's conception, in that, for the author, the discourses should be treated as practices that form the objects they refer. Applying this analysis to the gender problem, dialogue with Judith Butler, for which the language that refers to bodies not only makes a statement or description of these bodies, but at the moment of appointment, appointing it builds.

Keywords: Feminism, Discours, Press, Performativity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 FEMINISMO, HISTÓRIA E GÊNERO	13
1.1 AS PRIMEIRAS CONQUISTAS.....	13
1.1.1 O Sufragismo.....	13
1.1.2 Múltiplos Feminismos.....	23
1.1.3 O “Problema Feminino”.....	26
1.2 FEMINISMO DISCUTIDO.....	30
1.2.1 (Des) Construindo o sexo.....	30
1.2.2 História das Mulheres.....	33
1.2.3 Gênero.....	35
1.2.4 “Problemas de Gênero.....	39
2 RIO GRANDE E O TEMPO	43
2.1 O JORNAL <i>O TEMPO</i> E SEUS PERSONAGENS: AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO.....	43
2.1.1 A “Família” Cadaval.....	43
2.2 DISCURSIVIDADES NA CIDADE.....	52
2.2.1 Feminismo n’ <i>O Tempo</i>	52
2.2.2 Política e imprensa.....	58
2.3 OUTROS LUGARES.....	63
2.3.1 Cartografias da diferença.....	63
2.3.2 Performatividade discursiva ou representação?.....	67
3 ANALISANDO O JORNAL	71
3.1 ENUNCIADOS PERFORMATIVOS EM O TEMPO.....	71
3.1.1 A defesa da família e do lar.....	71
3.1.2 Moda, mulheres e comportamento.....	77
3.1.3 Normatizando corpos.....	85
3.1.4 Feminismos: o encontro com a política	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
BIBLIOGRAFIA	109
ANEXOS	119

INTRODUÇÃO

O fazer história é mais do que nunca uma atividade política, recusando a repetição do mesmo, aquele murmúrio infundável de reafirmação da ordem, de criação incessante de um mundo pensado de forma binária, conjugado no masculino, nas articulações de poder, nas economias gerais do saber, construtoras de hierarquias, diferenças e desigualdades¹.

Embora houvessem alguns escritos acerca da discussão sobre o papel das mulheres na sociedade em finais do século XVIII – como aqueles empreendidos por Olympe de Gouges² (França), Mary Wollstonecraft³ (Inglaterra) – o feminismo, como movimento organizado, iniciou-se em meados do século XIX, a partir da insatisfação de muitas mulheres, inconformadas com sua exclusão do terreno público, principalmente em países da Europa Ocidental e nos Estados Unidos. Para Roncaglio⁴, as mudanças que marcaram esses locais no final do século XVIII, baseadas na noção de liberdade, juntamente ao entendimento da opressão que recaía sobre as mulheres, suscitaram, posteriormente, o surgimento do movimento feminista⁵.

Assim, através das leituras realizadas, percebe-se que na chamada *primeira onda do feminismo*⁶ (a qual abrange o período estudado) as manifestações pela igualdade entre os sexos foram calcadas na questão da busca pela cidadania, aliada às reivindicações acerca da organização da família, oportunidades de estudo ou acesso a determinadas profissões, direito à herança; sendo o sufrágio um de seus objetivos mais imediatos. Desse modo, essas reivindicações estavam ligadas, de forma mais direta, ao interesse das mulheres brancas e de camadas abastadas dos grandes centros urbanos brasileiros.

¹ SWAIN, Tânia Navarro. *Intertextualidade: perspectivas feministas e foucaultianas*. Labrys, N° 5. jan-jul. de 2004, p. 2 e 3.

² Foi uma defensora da democracia e dos direitos das mulheres. Em sua obra *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne* (1791), desafiou a conduta injusta da autoridade masculina e da relação homem-mulher que expressou-se na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão durante a Revolução Francesa.

³ *A Vindication of the Rights of Woman*, obra onde a autora defende os direitos das mulheres foi publicada em 1790. Mary via a educação como um caminho para as mulheres conquistarem um melhor "status" econômico, político e social. Defendia não apenas que elas tinham direito à educação como afirmava que, da igualdade na formação de ambos os sexos, dependia o progresso da sociedade como um todo.

⁴ RONCAGLIO, Cynthia. *Pedidos e recusas: mulheres, espaço público e cidadania*. Curitiba, Pinha: 1996.

⁵ “Ainda que tenha sido instigante o papel das Revoluções Americana e Francesa, as mulheres teriam mais de um século de complicados e conturbados caminhos a percorrer para obter o acesso ao espaço público e serem consideradas cidadãs. (IDEM, p. 38)”.

⁶ Feministas e acadêmicos dividiram a história do movimento em três "ondas". A primeira onda se refere principalmente ao sufrágio feminino, movimentos do século XIX e início do XX. A segunda onda se refere às ideias e ações associadas com os movimentos de liberação feminina iniciados na década de 1960, que lutavam pela igualdade legal e social para as mulheres. A terceira onda seria uma continuação - e, segundo alguns autores, uma reação às suas falhas - da segunda onda, e se inicia na década de 1990.

Desta forma, o movimento sufragista chegou ao Brasil em meados da década de 1910, mais precisamente, a partir do pós-Primeira Guerra Mundial. A conquista do voto feminino em alguns dos países da Europa e, posteriormente, nos Estados Unidos suscitou inquietações de âmbito político na mulher brasileira. Surgiram organizações oficiais dos direitos femininos no país, dirigidas por mulheres residentes nas *urbe*, as quais faziam-se beneficiadas pelo avanço da educação formal que se processava desde o século XIX.

Segundo Duarte⁷, além dos grupos feministas que surgiram no interior de camadas abastadas presentes na sociedade, os quais ocuparam grande parcela da imprensa com suas reivindicações, a década de 1920 foi particularmente pródiga na movimentação de mulheres, pois viu emergir, também, nomes vinculados a um movimento anarco-feminista, que propunha a emancipação da mulher em distintos planos da vida social; tais como a instrução da classe operária e uma nova sociedade libertária, mas discordava quanto à representatividade feminina ou à idéia do voto para a mulher.

Céli Pinto⁸ divide estas diferentes tendências em três grupos, os quais denomina de: “feminismo bem comportado”; “feminismo mal comportado” e “o menos comportado dos feminismos”. O primeiro centra-se na luta pela conquista do voto, liderado por Bertha Lutz⁹, que, para a autora, apresentou um caráter conservador se comparado aos demais, pois o mesmo não questionava a opressão da mulher. Nesse sentido, a luta para a inclusão das mulheres à cidadania não se caracterizou pelo desejo de alteração das relações de gênero, mas como um complemento para o bom andamento da sociedade.

Já a segunda tendência, vertente que reunia uma gama heterogênea de mulheres (intelectuais, anarquistas, líderes operárias) defendia, para além do político, o direito à educação e falava em dominação masculina, além de abordar temas que, para a época, eram delicados, como, por exemplo, a sexualidade e o divórcio. Em relação ao terceiro grupo, Pinto afirma que o mesmo

⁷ DUARTE, Constância Lima. *Feminismo e Literatura no Brasil*. Revista Estudos Avançados, vol.17 nº 49. São Paulo: Sept./Dec. 2003, p. 03.

⁸ PINTO, Céli Regina. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2003, p. 01 e 02.

⁹ Inspirada pelos movimentos feministas da Europa e dos Estados Unidos, Lutz foi uma importante figura do feminismo no Brasil. Fundou a Federação Brasileira para o Progresso Feminino, após ter representado o Brasil na assembléia geral da Liga das Mulheres Eleitoras, realizada nos Estados Unidos, onde foi eleita vice-presidente da Sociedade Pan-Americana. As principais bandeiras de luta eram baseadas nas mudanças na legislação trabalhista com relação ao trabalho feminino e infantil, e até mesmo a igualdade salarial.

se manifestava especificamente no movimento anarquista e no Partido Comunista, tendo como principal representante Maria Lacerda de Moura¹⁰.

Partindo da concepção de Céli, certamente não se pode afirmar que, já nos primórdios do movimento “feminista bem comportado”, havia a ideia de fazer frente às estruturas de poder baseadas no gênero, mas é importante ressaltar que este também abriu novas possibilidades de vivências para os sujeitos. Assim, não há como negar a ação do feminismo sufragista em um momento decisivo, em meio aos preconceitos nos mais diversos âmbitos, pois penetrar na esfera pública era um velho anseio, por longo tempo vedado às mulheres. Significava uma conquista, possibilitando-lhes, segundo Hannah Arendt¹¹, assumir sua plena condição humana através da ação política, da qual haviam sido violentamente excluídas ao longo da História¹².

Nesse sentido, partilho da idéia das autoras Joan Scott e Louise Tilly¹³, as quais criticam as posturas evolucionistas, que assumem a existência de uma única experiência para todas as mulheres; bem como as concepções mecanicistas, onde mudanças em uma determinada esfera corresponderiam, necessariamente, às mudanças nas demais. Desta forma, a delimitação temática imbuída nestas linhas privilegia a análise da sociedade urbanizada brasileira, imbricada a um grupo específico de mulheres, em detrimento das camadas menos abastadas residentes na *urbe* e ainda daquelas que habitavam os vastos territórios campestres existentes no país.

Assim, embora o movimento feminista contasse com múltiplas facetas, o recorte temático e temporal deste trabalho fundamenta-se a partir da visibilidade que o jornal *O Tempo* dirigiu ao grupo liderado por Bertha Lutz e demais parcelas do feminismo composto por mulheres provenientes de camadas abastadas, em detrimento dos demais grupos. Para Soihet¹⁴, os atos políticos de Lutz e de outras mulheres de seu entorno evidenciavam o terreno movediço em que eram enunciados, anunciados e conduzidos, trazendo a noção de “feminismo tático”, que criou

¹⁰ Foi professora nas Escolas Modernas e nas Universidades Populares, sendo conferencista e escritora. Se notabilizou por seus escritos feministas. Fundou em 1920, no Rio de Janeiro, a *Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher*, que combateria a favor do sufrágio feminino.

¹¹ ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária/EDUSP, 1981.

¹² “Passavam as mulheres, segundo Hannah Arendt, a garantir sua transcendência, pois o espaço público, afirma aquela filósofa, não pode ser construído apenas para uma geração e planejado somente para os que estão vivos: deve transcender a duração da vida dos homens mortais, aos quais acrescentamos, também, a das mulheres mortais.” IN SOIHET, Rachel. *Sutileza, Ironia e Zombaria: instrumentos no descrédito das lutas das mulheres pela emancipação*. Labrys, N° 4. Ago- Dez: 2003.

¹³ SCOTT, J. & TILLY, L. A. *Mulheres, trabalho e família na Europa do século XIX*. Apud SOIHET, R. *História das mulheres*. 1997, p. 285.

¹⁴ SOIHET, Rachel. *O feminismo tático de Bertha Lutz*. Florianópolis/Santa Cruz do Sul, Editora das Mulheres/EDUNISC: 2006.

“ocasiões” para a conquista de metas e objetivos. Também, para Costa¹⁵, as ações deste grupo não podem ser vistas como atos domesticados, ainda que bem comportados.

Como reação ao movimento, distintos veículos de informação construíram e divulgaram discursos com o intuito de combater os anseios do feminismo, em que pese o fato de que, através do sufrágio, as mulheres garantiriam sua inserção na esfera pública. A estratégia anunciada por Soihet parece se efetivar, ao menos no que se refere aos meios de comunicação, visto o espaço que a imprensa dedicou a estas reivindicações – seja para criticar ou para apoiar. Os periódicos em geral ocuparam um espaço privilegiado neste debate, no qual se insere, também, a produção discursiva d’*O Tempo*.

Assim, o interesse em desacreditar o movimento através de práticas discursivas, visando resguardar o papel que tradicionalmente cabia às mulheres, perpassou por muitos veículos de informação. Nesse âmbito, ressalto que a escolha do Rio Grande do Sul, e, efetivamente, da cidade do Rio Grande, não se deu de forma aleatória. Sabe-se que existem alguns estudos sobre o feminismo e a imprensa no Rio de Janeiro, destacando-se àqueles empreendidos por Raquel Soihet¹⁶. No entanto, o deslocamento da ênfase do eixo político tradicional (RJ/SP/MG) para o Rio Grande do Sul deveu-se à peculiaridade da política regional no período, visto que o Estado encontrava-se em uma situação de crise, fato que explicitarei com mais vagar no decorrer deste trabalho.

A imprensa rio-grandina foi uma das mais destacadas do Rio Grande do Sul e mesmo do Brasil, no tocante à quantidade e a qualidade de seus periódicos¹⁷. Assim, pode-se observar que o Porto do Rio Grande não representou somente a principal via de acesso ao comércio de mercadorias, servindo também à circulação de informações e idéias, pois as notícias do país e do mundo chegavam ao Estado através dos jornais, carga de muitos navios que atracavam na cidade. No caso em questão, a “novidade” seria o movimento em prol da emancipação política feminina.

O jornal *O Tempo*, principal fonte desta pesquisa, era impresso em formato *Standart*¹⁸ (Padrão), papel-imprensa, e contava com quatro laudas. Tratava-se de um jornal diário, o qual

¹⁵ COSTA, Suely Gomes. *Um estimulante encontro com Michel de Certeau: o feminismo tático de Bertha Lutz*. Cadernos Pagu, N° 27, Campinas: 2006, p. 02.

¹⁶ Entre estes podemos citar: SOIHET, Rachel. *Sutileza, Ironia e Zombaria: instrumentos no descrédito das lutas das mulheres pela emancipação*. Labrys, N° 4. Ago- Dez: 2003, e SOIHET, Rachel. *O feminismo tático de Bertha Lutz*. Florianópolis/Santa Cruz do Sul, Editora das Mulheres/EDUNISC: 2006.

¹⁷ ALVES, Francisco das Neves. *A imprensa na cidade do Rio Grande. Um catálogo histórico*. Coleção Pensar a História Sul-Rio-Grandense, n° 32. Rio Grande, FURG: 2005.

¹⁸ Esta denominação compreende publicações entre 60 cm x 38 cm e 75 cm x 60 cm.

circulava na urbe rio-grandina de terças a domingos, não sendo publicado apenas nas segundas-feiras. Embora sua tiragem não fosse mencionada pela redação do mesmo, sabe-se que o periódico era um dos mais importantes e populares meios de comunicação impressa entre as camadas letradas da cidade do Rio Grande.

Ao longo da pesquisa foram levantados cerca de 4.000 exemplares do jornal, entre os anos de 1919 e 1932. Durante o arrolamento foram localizados aproximadamente 150 artigos, enfatizando o tema do feminismo e das relações de gênero. Os referidos textos eram publicados invariavelmente na primeira página do diário, como artigos opinativos ou diretamente na sessão editorial. No caso dos artigos opinativos, normalmente os mesmos aparecem assinados por colaboradores ou personalidades convidadas. Já a opção pela publicação desses artigos no espaço destinado ao editorial reflete, via de regra, a opinião da empresa, da direção ou da equipe de redação, sem a obrigação de ter alguma imparcialidade ou objetividade.

A regularidade dos textos que privilegiavam temas relacionados às mulheres ou à condição feminina de modo geral se adaptava de acordo com o contexto político, pois em períodos de conturbações governamentais¹⁹ o assunto é relegado ao segundo plano, contando apenas com notas informativas acerca das votações relativas ao tema. Assim sendo, pode-se apreender que o espaço ocupado por tais artigos era àquele destinado às informações sobre a política²⁰. Nesse âmbito, as reivindicações sufragistas destacavam-se nas páginas do periódico.

Após a fase de levantamento, independentemente do fato de os artigos terem sido publicados como editoriais ou na forma opinativa, a documentação foi classificada de acordo com os temas mais recorrentes abordados pelo jornal. Esta opção metodológica visou uma análise mais apurada acerca das diferentes/semelhantes opiniões sobre o movimento feminista, bem como as imbricações que tais discursos realizaram entre o feminismo e outros setores da sociedade, ligados estes diretamente ao comportamento dos sujeitos e, também, à formação de condutas sociais. Ressalto que todos os artigos foram mantidos com suas grafias originais, visando uma maior inserção no contexto da época ao leitor.

Assim, juntamente a publicações sobre o feminismo político/sufragista, assunto de maior destaque nas páginas do periódico, também eram impressos textos associando este à moda, ao cinema, à família e a educação. Ressalto que os artigos analisados, sejam estes editoriais ou

¹⁹ Tais como a chamada Revolução de 1923 e o Golpe de 1930, temas que ocuparam destaque elevado nas páginas do periódico.

²⁰ Local, nacional ou mesmo internacional.

opinativos, traziam a marca do discurso normativo, com base em concepções masculinas, determinando quem eram as mulheres e o que deveriam fazer no contexto social – ou seja, eram, em sua maioria, discursos *sobre* estas e não *destas*, o que não significava que não havia mulheres pensando dessa forma masculinizante, em favor do *status quo*²¹, – para que se perpetuasse uma hierarquia de gênero rígida no que concerne às relações de poder.

Michel Foucault, ao analisar os meandros do poder²², constata que este não apenas rejeita ou reprime; mas também produz, instiga. Chamando a atenção para os detalhes, Foucault aponta para o fato de que o poder produz sujeitos, fabrica corpos dóceis, induz comportamentos, ou seja, *normatiza*²³ condutas, utilizando a expressão do próprio autor. Neste sentido, Guacira Louro²⁴ afirma que homens e mulheres não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, os mesmos se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas condizentes aos seus papéis na sociedade. Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder.

Foucault atenta, ainda, para o fato de que determinados indivíduos passam a fazer parte da História na medida em que suas vidas se encontram com o poder, são atravessadas por este. No caso em questão, pode-se aferir que, embora constituído por uma pequena parte de emancipacionistas²⁵ o movimento feminista brasileiro da “primeira onda” – bem como em épocas posteriores – parece ter causado certas inquietações no interior da sociedade urbana do país, subvertendo estas relações de poder, fato amplamente difundido nas bibliografias utilizadas e discutido na cidade do Rio Grande através da produção discursiva do periódico *O Tempo*.

Nesse sentido, busco referenciar a noção de discurso a partir da concepção, também, de Foucault, na medida em que os discursos devem ser tratados “como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam²⁶” e ainda “o discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de nossos próprios olhos²⁷”. Para este autor, a “vontade de verdade” presente nos discursos em distintos períodos da história ocidental atua

²¹ Alguns artigos analisados foram assinados por mulheres.

²² FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Edições Graal: 1979, p. 123.

²³ (Grifo meu).

²⁴ LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, Ed. Vozes: 1997, p. 40 e 41.

²⁵ Palavras do jornal *O Tempo*.

²⁶ FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária: 2008, p. 55.

²⁷ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, Edições Loyola: 1996, p. 49.

como um sistema de exclusão, sendo este apoiado em um suporte institucional, o qual exerce um poder coercitivo e normatizador sobre os sujeitos.

No entanto, visto que esta “vontade de verdade” busca nas disciplinas a legitimidade daquilo que é dito, a mesma não é imutável, sendo que proposições científicas modificam-se constantemente, embora sempre envoltas pela alcunha de “verdade”. Isto significa que não se pode falar acerca de qualquer coisa em qualquer época e lugar, sendo os discursos constituídos historicamente, mas estes são, também, constitutivos da história. Desta forma, busco imbricar a noção da produção identitária ao discurso, na medida em que “aquilo que se diz, uma vez dito, vira coisa no mundo: ganha espessura, faz história. E a história traz em si a ambigüidade do que muda e do que permanece²⁸”.

Procuro, assim, dialogar com Judith Butler²⁹, para a qual o gênero é visto como algo performativo, sendo uma construção que se dá através da repetição de atos que tenham alguma correspondência com as normas sociais e culturais, buscando discutir as *invenções*³⁰ de gênero a partir da produção discursiva do periódico *O Tempo*, almejando o entendimento da produção destas identidades fixas, edificadas por discursos e práticas que nos fazem pensar que há alguma vantagem ser homem ou mulher³¹, e cujos objetivos centram-se na manutenção de uma hierarquia construída historicamente, e, por isso, mutável.

Conforme Louro³², Butler tomou o referido conceito de performatividade da lingüística³³, a fim de afirmar que a linguagem que se refere aos corpos ou ao sexo não faz tão somente uma constatação ou descrição desses corpos, mas, no instante da nomeação, constrói aquilo que nomeia, produz os corpos e os sujeitos. As sociedades, desse modo, constroem condutas que regulam e materializam o sexo dos atores sociais e essas “normas regulatórias” precisam ser constantemente repetidas e reiteradas para que tal materialização se concretize. Nesses moldes,

²⁸ ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e o seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, Pontes: 1996, p. 09.

²⁹ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 2003, p. 153.

³⁰ Justifico, aqui, o título de meu trabalho. Nesse sentido, *inventar* gênero é constituir (e se constituir) sujeito, a partir de atos performativos.

³¹ WALLERSTEIN, Valeska. *Feminismo como pensamento da diferença*. Labrys, N° 5. jan-jul. de 2004, p.14.

³² LOURO, Guacira Lopes. *Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação*. Revista Estudos Feministas. vol.9 n° 2 Florianópolis, 2004.

³³ John Langshaw Austin foi o precursor na discussão acerca do caráter performativo da linguagem, e, posteriormente, Foucault desenvolveu perspectiva semelhante no que se refere aos discursos.

tais normas têm um caráter performativo, um poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam, reiterando constantemente as regras de gênero.

Ao imbricar as noções de performatividade, identidade, linguagem e gênero, Joana Pinto³⁴ relata também, que a produção discursiva normatiza sujeitos através do ato que se propõe a descrevê-los, controlando, pela exclusão e pré-definição, comportamentos lingüísticos e sociais em geral. Silva³⁵ complementa estas afirmações na medida em que relata que a eficácia produtiva de enunciados performativos ligados à identidade depende de sua constante repetição. Assim, ao serem pronunciadas incessantemente, determinadas proposições fazem com que algo se efetive, ou seja, aquilo que se diz pode definir ou reforçar identidades.

A partir destas afirmações, parto do pressuposto de que os discursos – neste caso àqueles publicados pelo jornal *O Tempo* – ao *descrever* as mulheres, e também os homens, definiam papéis e identidades *permitidos* às relações de gênero. A constante repetição de concepções identitárias binárias empreendidas pela produção discursiva do jornal criava/difundia enunciados performativos de gênero. “São sempre as condições históricas específicas que nos permitem compreender melhor, em cada sociedade, as relações de poder que estão implicadas nos processos de submetimento dos sujeitos³⁶”.

Ao refletir sobre estas questões, Baczko³⁷ afirma que em épocas de crise de um determinado poder acentua-se a produção de imaginários sociais divergentes, marcando dicotomias étnicas, regionais, de gênero, entre outras. Contudo, o que estaria ameaçando o *status quo* vigente no período? Devido ao fato de que a esfera pública fazia-se, até então, território exclusivamente masculino, a inserção das mulheres neste ambiente através da concessão do sufrágio seria um indício de que os tempos estariam mudando, e a hegemonia masculinizante nos mais diversos setores sociais se encontraria ameaçada.

Segundo Woodward³⁸, a identidade é marcada pela diferença, no entanto, algumas distinções são vistas como mais importantes do que outras, dependentes, estas, de contextos históricos específicos. Assim, embora para determinado indivíduo possa haver múltiplas

³⁴ PINTO, Joana Plaza. *Conexões teóricas entre Performatividade, Corpo e Identidade*. Revista DELTA, nº 23, 2007.

³⁵ SILVA, Thomas Tadeu. *A produção social da identidade e da diferença*. In: SILVA, Thomas Tadeu (org). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Editora Vozes: 2000, p. 92 e 93.

³⁶ LOURO, 1997, p. 53.

³⁷ BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In. Dicionário Einaudi: 1984, p. 300.

³⁸ WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução técnica e conceitual*. In: SILVA, Thomas Tadeu (org). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Editora Vozes: 2000, p. 11.

identidades³⁹, pode-se inferir, através da análise do jornal *O Tempo*, que na sociedade estudada as concepções identitárias ligadas ao gênero faziam-se preponderantes, visto a situação de crise em que estas se encontravam no período analisado.

A conquista do sufrágio por parte do contingente feminino não traria apenas um novo papel a ser exercido pelas mulheres, seja este o de eleitora ou elegível, e sim, a possibilidade de uma nova identidade, não mais vinculada apenas ao âmbito privado. Embora o feminismo de princípios do século XX tivesse como prioridade o acesso a direitos políticos, dava-se um primeiro passo em direção à emancipação efetiva do “segundo sexo⁴⁰” frente à sociedade predominantemente falocêntrica⁴¹.

É precisamente porque as identidades são construídas dentro, e não fora, do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas definidas, por estratégias e iniciativas efetivas⁴². Desta forma, as identidades são construídas por meio da diferença, e não exteriormente a esta. Isso implica o reconhecimento de que é apenas por meio da relação com o *Outro* que o significado “positivo” de qualquer termo – e assim, sua identidade – pode ser construída⁴³. Segundo Cuche, “a identidade existe sempre em relação à outra. Ou seja, identidade e alteridade são ligadas e estão em uma relação dialética. A identificação acompanha a diferenciação⁴⁴”.

As identidades de grupo são, portanto, um aspecto inevitável da vida social e também política, e as duas são interconectadas porque as diferenças se tornam visíveis, salientes e problemáticas em contextos específicos. É nesses momentos, quando exclusões são legitimadas por distinções de grupo, quando hierarquias econômicas e sociais favorecem alguns em detrimento de outros; que a tensão entre indivíduos e grupos emerge⁴⁵.

³⁹ AZEVEDO, 2003; BORBALAN, 2004; BAUMAN, 2005; CASTELLS 1997; HALL, 2003.

⁴⁰ Alusão ao livro de Simone de Beauvoir, publicado originalmente em 1949, com o título “Le deuxième sexe.”

⁴¹ “A heterossexualidade compulsória, termo cunhado por Adrienne Rich (1981) constitui fundamento do sistema patriarcal, e esta categoria expressa muito além da sexualidade. (...) Neste sistema, as mulheres são definidas por seus corpos, em duas vertentes: o da procriação e a da sedução, ambas ligadas intrinsecamente ao masculino. (SWAIN, 2007: p. 09).”

⁴² HALL, Stuart. Quem Precisa de identidade? In: SILVA, Thomas Tadeu (org). Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, Editora Vozes: 2000, p. 109.

⁴³ DERRIDA, J. *Positions*. Apud HALL, S. *Quem Precisa de identidade?* 2000: p. 110.

⁴⁴ CUCHE, Denys. *A noção cultural nas ciências sociais*. Bauru, EDUSC: 1999, p. 183.

⁴⁵ SCOTT, 2005, p. 17 e 18.

Nesse âmbito, Tânia Swain⁴⁶ afirma que as novelas, os romances, as revistas em quadrinhos, os *jornais*, entre outros meios de comunicação, em seu espaço de recepção e interação veiculam perspectivas identitárias sobre mulheres, homens, e demais sujeitos sociais, onde imagens e textos compõem assim um mosaico que integra a maneira de perceber o mundo e o desenho de sua positividade. Assim, os enunciados performativos do feminino e do masculino que habitavam o periódico estudado, destacavam para uma pesada divisão de poderes e importância na sociedade, cujos valores ficavam impressos no texto.

Partindo das questões anteriormente abordadas, a temática imbuída a este estudo discute, tendo como parâmetro os primórdios do movimento feminista no Brasil - primeiras décadas do século XX - como se constituiu o jogo de performatividades⁴⁷ acerca das relações dicotômicas entre masculinidades e feminilidades através da análise dos artigos publicados pelo jornal rio-grandino *O Tempo*⁴⁸ - entre os anos de 1919⁴⁹, (data em que Bertha Lutz, principal representante do feminismo no período, fundou a Liga pela Emancipação Feminina, cujo intuito primordial era a concessão do sufrágio à mulher) a 1932⁵⁰, ano em que é instituído o voto feminino no país - cujos temas freqüentemente delineavam a questão do movimento feminista no Brasil.

Nesse sentido, algumas problemáticas ainda surgiram com o decorrer da pesquisa: quais foram os enunciados performativos que o jornal analisado criou e/ou divulgou acerca da figura feminina que lutava por seus ideais? De que forma este meio de comunicação construía valores, normas e identidades dicotômicas para homens e mulheres, marcando relações de poder na sociedade em que circulava?

Com o intuito de responder estas questões, foi fundamental, como referencial teórico desta pesquisa, o vulto assumido pela História Cultural, preocupada com as identidades coletivas de uma ampla variedade de grupos sociais, quebrando binarismos e repensando a disciplina histórica. Assim, concordo com Tânia Navarro Swain⁵¹, para a qual a História é uma força

⁴⁶ SWAIN, Tânia. *Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas "femininas"*. In: História: Questões e debates. Curitiba: Ed. da UFPR, v. 18, n° 34, jan/jun. 2001, p. 14.

⁴⁷ Toma-se, aqui, o conceito de performatividade cunhado por Judith Butler (1999), cujo cerne desloca a ênfase da identidade como descrição, como "aquilo que é", para a idéia de "tornar-se".

⁴⁸ Periódico rio-grandino veiculado nos anos de 1906 a 1960, fundado por Alípio Cadaval.

⁴⁹ "Em 1919 formou-se a Legião da Mulher Brasileira, no Rio de Janeiro." HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940*. Florianópolis, Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul, EDUNISC: 2003, p. 289.

⁵⁰ Através do Decreto n°. 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, é instituído o Código Eleitoral Brasileiro, e o artigo 2 disciplinava que era eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, alistado na forma do código.

⁵¹ SWAIN, IDEM, p. 02.

imaginativa que nos permite adentrar regiões desconhecidas, apesar dos moldes em que somos construídas, preparadas para repetir uma realidade solidificada em cânones interpretativos.

Também para Margareth Rago⁵², o movimento feminista e, posteriormente, os estudos de gênero, abalaram profundamente as metanarrativas ocidentais, universalizantes e definitivas, desafiando, desta forma, as hierarquias sexuais e sociais tradicionais. Assim, “a História mudou radicalmente seus rumos, deu vazão a novas inquietações temáticas, ampliou seus espaços e formas de problematização, renovou procedimentos metodológicos⁵³”. Ao realizar este trabalho, foi necessário ainda o diálogo com outras áreas de conhecimento, em especial a Lingüística e a Filosofia, com o intuito de problematizar os seguintes conceitos: gênero, discurso, feminismo, identidade, performatividade, entre outros.

A abordagem proposta neste estudo não pretende enfatizar o papel de personagens ilustres no que toca ao processo feminista no Brasil, e sim, analisar de que forma o jornal *O Tempo* criou/divulgou enunciados performativos sobre o que seria o *feminino*, em contraposição ao *masculino* e também às *feministas*, a partir da perspectiva da análise de discurso, verificando se o mesmo almejava perpetuar e conduzir o processo de subjetivação da mulher, instituindo identidades e/ou papéis sociais dicotômicos.

Para adentrar no cerne da proposta desta pesquisa, no primeiro capítulo procurei elucidar algumas questões referentes à trajetória do movimento feminista da “primeira onda” em distintos países, bem como sua difusão no Brasil, e especificamente na cidade do Rio Grande, a partir de artigos publicados pelo jornal *O Tempo*. Busco ilustrar algumas reivindicações do movimento feminista, e como o jornal se posicionava perante estas. Além disso, empenho-me em ressaltar a importância do feminismo em seu desdobramento no campo científico/acadêmico, perpassando por problemáticas da disciplina histórica e a inclusão de novos temas de pesquisa, entre eles, as relações de gênero.

Já na segunda etapa deste trabalho, procuro inserir a fonte analisada em seu contexto, bem como explicitar algumas notas sobre os personagens envolvidos em tal processo histórico. Procuro, ainda, o diálogo com autores que discutem/trabalham a partir da Lingüística, enfatizando a perspectiva da Análise de Discurso, objetivando instrumentalizar seu uso na prática histórica. Além disso, destaco como o jornal *O Tempo* é uma fonte interessante para pensar a

⁵² RAGO, Margareth. *O desconcerto da mudança*. História Viva Edição Nº 28 - fevereiro de 2006, p. 41.

⁵³ IDEM: p. 42.

questão da diferença no tocante às relações de gênero, não só a partir dos artigos analisados, mas em algumas seções e propagandas veiculadas por este.

O terceiro capítulo destina-se a análise dos artigos do periódico no tocante à suas impressões acerca do movimento feminista e seus desmembramentos (ou não) na moda, no cinema, na educação e na família. Nesse sentido, este capítulo foi organizado de acordo com as temáticas acima citadas, as quais nomeei conforme as abordagens propostas pelo meio de comunicação analisado, posto que algumas publicações não tocam no assunto feminismo de forma direta, ampliando a discussão de identidades e papéis sociais referentes aos sexos de forma mais abrangente. Desta forma, os artigos foram divididos conforme as seguintes problemáticas: *A defesa da família e do lar; Moda, mulheres e comportamento; Normatizando corpos e Feminismos: o encontro com a política.*

Assim, convido ao leitor a ingressar no mundo das relações de gênero, tema com o qual me identifiquei no decorrer da vida acadêmica a partir de questionamentos incitados por alguns mestres, cujo cerne congrega passado e presente, e, porque não, propostas críveis de mudanças futuras. “A palavra é ação, e o gesto que desfaz os contornos é também um movimento de criação contínua⁵⁴”.

⁵⁴ SWAIN, Tânia. *Editorial*. IN: Labrys: Estudos Feministas. Nº 1-2, julho/ dezembro 2002 , p. 02.

1 FEMINISMO, HISTÓRIA E GÊNERO

Falar de feminismo significa tocar em um dos tabus mais evitados, principalmente por mulheres, que temem ser consideradas “feias, mal amadas, lesbianas, inadequadas¹”.

1.1 AS PRIMEIRAS CONQUISTAS

1.1.1 O sufrágismo

Nos idos de 1920, era comum o leitor do jornal *O Tempo*, publicado na cidade do Rio Grande, se deparar com artigos como o que segue abaixo, intitulado O Feminismo:

É assombrosa a marcha do feminismo na Europa, onde a mulher tem imposto sua vontade aos governos. De Copenhague, telegrafaram a data de 3 do corrente, anunciando esperar-se que a Sra. Marie Lessen faça parte do novo ministério da Dinamarca. Aqui, no Brasil, não há muitos dias, uma mulher presidiu à uma sessão do 3º Congresso Operário, que funcionou no Rio de Janeiro e que acabou de dissolver-se².

Notícias como essas eram publicadas com freqüência, junto a informações sobre economia ou política mundial/nacional/local, denotando a preocupação dos articulistas responsáveis pelo periódico em relação ao avanço do feminismo no mundo e também no Brasil, sobretudo no que dizia respeito ao movimento sufragista. Tema recorrente na imprensa, a questão do voto feminino aparecia como um fantasma ameaçador ao poder político masculino, conforme mostra o trecho inicial da matéria publicada pelo jornal estudado, em maio de 1920.

O Feminismo:

Nos Estados Unidos da América, o poder político dos homens está ameaçado. Segundo os cálculos do Partido Nacional Feminista, se a emenda do sufrágio feminino for ratificada e a lei promulgada a tempo para que as mulheres possam alistar-se em todos os Estados, o poder político dos homens apenas suplantarão o do sexo fraco pela diferença de 2.500.000 votos.

Pela estatística de 1910, o número de eleitores nos EUA é de 26.883.566. Todavia, nas eleições de 1916, somente compareceram às urnas 18.528.743 deixando de votar por diversos motivos, entre os quais o da falta de alistamento, 11.000.000. Se a abstenção do eleitorado masculino se mantiver nesta proporção, dado que as mulheres estão dispostas a concorrer às urnas, é fácil prever quão perigoso se tornará para o prestígio do sexo forte (...)³.

¹ SWAIN, 2004, p.01.

² O Tempo, 06/05/1920 – Ano XIV, 1ª p. 1ª coluna.

³ O Tempo, 20/05/1920 – Ano XIV, 1ª p. 1ª coluna.

No Brasil, a preocupação com os rumos que o movimento sufragista estava tomando, levava os jornais a reproduzirem notícias publicadas no exterior, com o objetivo de alertar os leitores sobre os perigos que esses avanços poderiam trazer ao modelo social vigente, no qual a mulher era mantida na esfera doméstica, cumprindo o papel de esposa e mãe devotada. No texto acima, as expressões baseadas no corpo biológico, como “sexo forte” e “sexo fraco”, marcam ainda mais esta diferenciação. Nesse sentido, o sufragismo teve um papel importante ao questionamento de padrões estabelecidos no que concerne às relações de gênero.

A questão do sufrágio foi considerada primordial neste momento do movimento feminista, pois estas acreditavam que, pelo voto, as mulheres seriam capazes de solucionar problemas causados por leis injustas que lhes vetavam o acesso ao trabalho e à propriedade. Habilitando-se ao sufrágio, as mulheres passariam a ser também elegíveis e assim, poderiam concorrer com os homens por cargos eletivos.

Assim, o movimento sufragista teve início nos Estados Unidos, em meados do século XIX⁴, como uma tentativa de denunciar a exclusão da mulher na esfera pública. A Convenção dos Direitos da Mulher, realizada em Seneca Falls (1848) é considerada um dos marcos do feminismo americano, pois neste momento foi aprovada uma moção – a qual afirmava que todas as mulheres americanas tinham o dever de lutar pelo sufrágio. Embora seja complicado analisar um processo a partir de datas específicas, ressalto que estas são necessárias para a criação do *mito fundador*⁵ em torno de determinada temática, neste caso, do feminismo.

Ao longo de três gerações, o movimento adquiriu diferentes facetas, sendo que a mais violenta se deu nos anos que antecederam a conquista do sufrágio, pois muitas militantes foram presas neste período. Em 1920 foi ratificada a 19ª Emenda Constitucional, a qual concedeu o direito de voto às mulheres norte-americanas, após décadas de embates travados em prol da inserção das mulheres na esfera pública.

No que se refere à Inglaterra, o esforço para a organização do movimento deu-se de forma semelhante a estadunidense, visto que as militantes instilavam campanhas de mobilização da opinião pública, buscavam apoio de parlamentares e partidos, organizavam passeatas, atos

⁴ Embora já houvessem alguns escritos acerca da discussão sobre o papel das mulheres, como já mencionado – o feminismo, como movimento organizado, inicia-se em meados do século XIX.

⁵ “A fundação pretende situar-se além do tempo, fora da História, num presente que não cessa nunca sobre a multiplicidade de formas ou aspectos que pode tomar. Não só isso. A marca peculiar da fundação é a maneira como ela põe a transcendência e a imanência do momento fundador: a fundação aparece como emanado da sociedade e, simultaneamente, como engendrando essa própria sociedade da qual emana” CHAUI, Marilena. *Brasil – Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo: 2004, p. 9 e 10.

públicos e abaixo-assinados. Neste país, a luta pelo sufrágio contava com dois grupos: as chamadas *pacifistas* e as *suffragettes*, sendo que estas radicalizavam sua atuação através da danificação a propriedades privadas e de bens materiais, como forma de chamar a atenção para sua causa⁶.

As ações de protesto empreendidas pelas sufragistas, contudo, apenas vieram a obter sucesso com a aprovação do *Representation of the People Act* em 1918, o qual estabeleceu o voto feminino no Reino Unido. No entanto, tratou-se de uma conquista parcial, pois a concessão foi destinada apenas àquelas que tinham mais de 30 anos. Inconformadas com a reforma, vista como inacabada, ressurgiram reivindicações em nome do movimento: após inúmeras prisões e protestos – algumas militantes faziam greve de fome com o intuito de alcançar seus direitos – o sufrágio feminino, na Inglaterra, foi concedido no ano de 1928⁷.

A França também contava com um movimento organizado, embora o mesmo não tenha tido um número expressivo de participantes⁸, fato que influenciou na conquista do sufrágio, sendo este efetivado apenas em 1948. Para Roncaglio⁹ é interessante notar que na França, emblema da razão e da liberdade na revolução do século XVIII, a mulher tenha tido seus direitos tão tardiamente conquistados, se comparada a outros países, pois antes de 1915 o direito de voto já havia sido concedido na Austrália, Nova Zelândia, Finlândia, Noruega, e mesmo em alguns estados dos EUA. Anne-Marie Sohn descreve este quadro desfavorável ao sufragismo na França:

a partir do fim da guerra¹⁰, diversas propostas são avançadas pelos parlamentares para conceder às mulheres um direito de voto pelo menos parcial, para recompensar o contributo das mulheres para a vitória, na retaguarda. (...) a Câmara dos Deputados aprova, a 8 de maio de 1919, o direito de voto às mulheres, sem qualquer restrição. Todavia, para ter força da lei, o projeto tem que se ratificado pelo Senado, no seio do qual as discussões se arrastam, até a sua recusa em 7 de novembro de 1922. O receio de que o boletim do voto feminino permitisse à Igreja exercer uma influência política oculta, fazendo pressão sobre as paroquianas numerosas, o conservadorismo profundo dos senadores e a sua misoginia latente, conduzem um impasse, visto que os novos projetos da Câmara, em 1925, 1932 e 1935, são igualmente reprovados¹¹.

⁶ ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo, Editora Brasiliense: 1991, p. 47.

⁷ SOHN, Anne-Marie. *Entre duas guerras. Os papéis femininos na França e na Inglaterra*. In: DUBY, Georges & PERROT, Michele. *História das mulheres no ocidente. O século XX*. Porto Alegre, Edições Afrontamento Ltda: 1991, p. 140.

⁸ (IDEM)

⁹ RONCAGLIO, Cynthia. *Pedidos e recusas: mulheres, espaço público e cidadania*. Curitiba, Editora Pinha: 1996, p. 56.

¹⁰ A autora refere-se à Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

¹¹ SOHN, 1991, p. 140.

Entre outros países, onde o movimento sufragista suscitou amplos debates, é possível citar a Alemanha e a Rússia, sendo que, em ambos, houve uma forte aliança entre o feminismo e o socialismo¹². Entretanto, é importante ressaltar que o engajamento de alguns socialistas nos movimentos de emancipação das mulheres evidenciava-se somente na medida em que este não comprometesse a luta mais ampla pela implantação de uma nova estrutura social.

Assim, o feminismo foi considerado por alguns como o movimento social de maior ênfase do século XX, chegando ao Brasil de forma efetiva a partir do período entre-guerras, mais precisamente na década de 1920. A conquista do sufrágio feminino em alguns dos países mais influentes da Europa, como já mencionado, trouxe à luz a questão da emancipação política da mulher brasileira. Surgiram organizações oficiais dos direitos femininos no país, dirigidas por mulheres residentes na *urbe*, as quais se faziam beneficiadas pelo avanço da educação formal que se processava desde o século XIX.

Em resposta a uma afirmação, publicada em um jornal do Rio de Janeiro, de que as realizações feministas nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha exerceriam pouca influência no Brasil, Bertha Lutz – então principal representante brasileira do movimento – fez um chamado oficial para a constituição de uma liga de mulheres brasileiras, no ano de 1918, objetivando demonstrar a capacidade da figura feminina em assumir responsabilidades políticas no futuro¹³. Esta foi fundada em 1919, com a nomenclatura “Liga pela Emancipação Feminina”, cujo intuito primordial era a concessão do sufrágio à mulher.

No mesmo ano, o periódico estudado publicou notícia acerca da votação de uma emenda favorável ao voto feminino, bem como a opinião de um Senador sobre a questão, chamando a atenção para o assunto em pauta no período:

Voto á mulher

Será apresentada ao senado, conforme noticiamos em telegramma, uma emenda concedendo o direito de voto às mulheres maiores de 25 annos de idade.

Diversos senadores vão votar pela emenda e acredita-se que ella se incorpore á nossa legislação. O Dr. Lauro Muller vae combater a proposta:

- Não é que eu ache a mulher incapaz de exercer esse direito – disse S. Ex. Penso até que algumas mulheres têm mais capacidade de votar que certos homens. Não sei porque, uma senhora que toma o seu bonde e, á hora certa, entra para o ministério do exterior, e senta-se á sua secretaria trabalha e recebe os seus vencimentos no fim do mês, uma senhora que, no concurso tirou primeiro lugar, e é funcionaria, não sei porque, repito, essa senhora não pode intervir nas eleições e ter opinião sobre seus dirigentes.

¹² RONCAGLIO, IDEM, p. 57.

¹³ HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940*. Florianópolis, Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul, EDUNISC: 2003, p. 288.

Combaterei, porém a emenda, argumentando com ella própria. Se na linguagem da Constituição “cidadão brasileiro” quer dizer homem e mulher, esta deve ser eleitora e para seu alistamento deve exigir-se os mesmos attributos que ao homem, e, neste caso, basta ter vinte e um annos. Se, porém, cidadão brasileiro quer dizer homem, a mulher, não póde, pela Constituição, votar¹⁴.

A partir da leitura deste texto, é possível notar que o tema não ocupava apenas as seções editoriais e opinativas do jornal – objetos de análise central neste trabalho – bem como se apresentava de forma noticiosa. Entretanto, é interessante observar que, mesmo quando publicado na parte destinada às notícias, o periódico imprimia suas considerações acerca do assunto, fato que pode ser apreendido a partir da escolha de uma opinião contrária ao sufrágio feminino para a publicação.

Realizando uma análise acerca das primeiras décadas do século XX, Rachel Soihet; em sua obra “*Sutileza, ironia e zombaria: instrumentos no descrédito das lutas das mulheres pela emancipação*”¹⁵; relata que distintos meios de comunicação utilizavam-se sutilmente do deboche e da zombaria como forma de constranger mulheres que lutaram por direitos, buscando frear quaisquer alterações nas relações de gênero, aprisionando-as em papéis que lhes impossibilitassem o exercício de plena cidadania.

Ainda que a opinião impressa no jornal tivesse como base à fala de um Senador do período, é possível perceber a sutileza daquilo que foi dito a partir dos argumentos instilados pelo mesmo, que, ao apoiar sua ideia na Constituição brasileira, parecia desacreditar na continuidade do movimento sufragista. Além disso, a publicação de tais deliberações por parte do periódico apontava para anseios de manutenção do modelo social vigente, visto a divulgação abundante de concepções contrárias ao voto às mulheres.

Assim, o comportamento feminino reivindicador de uma participação mais plena na sociedade foi visto como uma ameaça à ordem estabelecida, sob o signo dos interesses masculinos, na qual temeu-se a perda de seu predomínio nas relações de poder entre os gêneros. Desta forma, tais pressupostos adquiriram, naquele momento, legitimidade nos saberes hegemônicos da época. A filosofia afirmava nas mulheres a inferioridade da razão como um fato

¹⁴ O Tempo, 23/12/1919, ano XII, 1ª p. 4 e 5ª colunas. Grafia mantida conforme o original.

¹⁵ SOIHET, Rachel. *Sutileza, Ironia e Zombaria: instrumentos no descrédito das lutas das mulheres pela emancipação*. Labrys, N° 4. Ago-Dez: 2003.

incontestável, cabendo-lhes, apenas, cultivá-la na medida necessária ao cumprimento de seus deveres naturais: obedecer ao marido, ser-lhe fiel, cuidar dos filhos¹⁶.

Em outro sentido, para June E. Hahner¹⁷, no início da segunda década do século XX, as ações feministas no Brasil tinham proliferado a passos rápidos. Para a autora, a concessão de alguns direitos às mulheres, antes exclusivos do universo masculino, não afetariam ou alterariam as estruturas familiares e sociais no Brasil e, assim, o voto feminino traria ao governo uma imagem de fidalguia e pureza – sendo que nem este, nem o acesso à universidade impediriam a mulher de cumprir com seus deveres domésticos.

Mas a questão já está posta: seria a concessão do sufrágio feminino algo resolvido sem maiores entraves? Segundo Michelet¹⁸, na medida em que a mulher aspire à atuação no âmbito público, *usurpando*¹⁹ os papéis masculinos, transmuta-se em força do mal e da infelicidade, dando lugar ao desequilíbrio da História. Assim, respeitada a identificação mulher - natureza, em oposição àquela de homem - cultura, o autor vê na relação dos sexos um dos motores da História.

Parafraseando Olympe de Gouges²⁰, a qual afirmava que a continuidade de seus estudos acerca dos direitos femininos, já no século XVIII, atrairia a inimizade daqueles que, sem refletirem sobre suas boas idéias e intenções, a condenariam sem piedade como uma mulher que somente tem paradoxos a oferecer e não problemas fáceis de serem resolvidos; as feministas brasileiras também se engajavam na luta pelos seus direitos de maneira que suscitasse árduas oposições? Ou suas reivindicações não processariam mudanças radicais no *status quo* vigente no período? Quais as possibilidades de inserção da mulher no âmbito até então exclusivo ao masculino? Segundo Joan Scott,

O feminismo (das primeiras décadas do século XX) foi um protesto contra a exclusão das mulheres da política; seu objetivo foi o de eliminar a diferença sexual na política. Mas a sua campanha foi voltada às mulheres. Pelo fato de agir em favor das mulheres, o feminismo produziu a diferença sexual que buscava eliminar – chamando a atenção exatamente para a questão que pretendia eliminar²¹.

¹⁶ IDEM, p. 02.

¹⁷ HAHNER, IDEM, p. 277.

¹⁸ MICHELET, Jules. Apud. SOHIET, Rachel. *História das Mulheres*. In: CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo. (org). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro, Campus: 1997, p. 276.

¹⁹ (Grifo meu).

²⁰ GOUGES, Olimpe de. *Oeuvres*. Apud: SCOTT, Joan. *O enigma da igualdade*. Revista Estudos Feministas, 2005.

²¹ SCOTT, 2005, p. 21.

Apesar de a autora referenciar as feministas de um modo geral, sem especificar de qual nacionalidade estas provêm, a indicação de um movimento reivindicatório à participação do quadro político se insere na problemática brasileira, pois este se constituía no anseio mais urgente de nossas “patrícias²²”. Nesse sentido, a busca pela eliminação de tal distinção entre os sexos pode ter contribuído para a construção das representações de gênero por parte da sociedade nacional.

Margareth Rago²³ também afirma que, ao invés de produzir uma quebra de paradigmas no interior da sociedade, as feministas do início do século parecem ter ajudado na fundação de padrões sexuais e de um modelo de feminilidade que as afirmavam enquanto sombra do homem e que lhes davam o direito à existência apenas como auxiliar do crescimento masculino, no público ou no privado.

Desta forma, o movimento liderado por Bertha Lutz na década de 1920 – cujas reivindicações assumiram caráter hegemônico naquele momento – teve como alvo o ingresso das mulheres à cidadania, ligando-se efetivamente ao exercício do trabalho, o acesso à educação, a plenitude de direitos políticos e civis. Contudo, apesar da multiplicidade de atividades que conseguiu empreender, a conquista do voto mereceu prioridade.

Para Hahner²⁴, no processo de ampliação de seus apelos e de expansão de suas bases de apoio nas camadas abastadas, o movimento em prol das mulheres no Brasil tornou-se mais conservador, e tendeu a enfatizar a luta por uma reforma constitucional e legal, em vez de transformações muito radicais. Assim, segundo a autora, durante os anos de 20 e 30, as feministas brasileiras canalizaram esforços no sentido de ampliar os seus direitos no âmbito público.

June Hahner²⁵ afirma, ainda, o caráter ideológico relativamente inexpressivo do movimento brasileiro, fato que pode ter resultado em uma estratégia de liderança em manter a respeitabilidade, a fim de aumentar suas possibilidades de sucesso juntamente ao apoio de políticos favoráveis sem distúrbios sociais e políticos. Também Rachel Soihet, ao refletir sobre estas questões, relata que:

²² Expressão largamente utilizada nos artigos do jornal estudado.

²³ RAGO, Margareth. *Os feminismos no Brasil: dos “anos de chumbo” à era global*. Labrys, N° 3, Jan-Jul: 2003, p. 04.

²⁴ HAHNER, IDEM.

²⁵ IDEM, IBIDEM.

O movimento social liderado pela Dra. Bertha Lutz no Brasil, nas décadas de 1920 e 1930 teve como alvo o acesso das mulheres à cidadania plena e, apesar das limitações, comuns aos demais movimentos feministas da época, algumas de suas propostas, como os direitos civis, só recentemente vem sendo implementadas. (...) No tocante à luta empreendida pela conquista do voto, este só foi concedido quando ‘assim interessou a classe dominante’²⁶.

No entanto, apesar da aparente *pacificidade* do movimento sufragista brasileiro, em contraposição às feministas inglesas e norte-americanas, as quais, segundo Cott “não se limitavam à emancipação política, reivindicando por maior participação na economia e pregando a liberdade sexual feminina²⁷”, muitas associações de mulheres²⁸ não tardaram a aparecer no contexto nacional. Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy comentam sobre a questão sufragista:

Se o movimento sufragista não se confunde com o feminismo ele foi, no entanto, um movimento feminista, por denunciar a exclusão da mulher da possibilidade de participação nas decisões públicas. Uma vez atingido seu objetivo – o direito ao voto – esta prática estava fadada a desaparecer. Há assim uma desmobilização das mulheres. Entretanto, o questionamento prossegue, incorporando outros aspectos que configuram a condição social da mulher.²⁹

Embora estas organizações visassem o benefício de um determinado grupo social, não se descaracterizava como um movimento específico de gênero. Certamente não se pode afirmar que já nos primórdios do movimento havia a ideia de fazer frente às estruturas de poder baseadas no sexo biológico, mas abriu novas possibilidades de vivências para estes sujeitos. Não há como negar a ação do feminismo sufragista em um momento decisivo, em meio aos mais diversos preconceitos, pois penetrar na esfera pública era um velho anseio, por longo tempo interdito às mulheres.

Segundo Anne-Marie Sohn³⁰, as elites desenharam um retrato moral da mulher que valorizava a sensibilidade em detrimento da inteligência, o devotamento e a submissão, em lugar da ambição ou de especulações intelectuais que excedessem as suas forças e ameaçassem a sua

²⁶ SOIHET, Rachel. *História das Mulheres*. In: CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo. (org). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro, Campus: 1997, p. 282.

²⁷ COTT, Nancy. *A mulher moderna: o estilo americano dos anos vinte*. In: DUBY, Georges & PERROT, Michele. *História das mulheres no ocidente. O século XX*. Porto Alegre, Edições Afrontamento Ltda: 1991, p. 95.

²⁸ “Em 1919 formou-se a Legião da Mulher Brasileira, no Rio de Janeiro. Também neste local, em 1920, funda-se a Liga para Emancipação Intelectual da Mulher. Além destas, podemos citar a Legião da Mulher Brasileira, a Associação Cristã (feminina) entre outras. (HAHNER, IDEM, p. 289)”.

²⁹ ALVES & PITANGUY, IDEM, p.48.

³⁰ SOHN, 1991, p. 117.

feminilidade. A esfera pública era reservada ao homem, e o *home, sweet home* (lar doce lar) à mulher.

Contrapondo a esta análise, retorno à tese de Hahner³¹, a qual afirma que na década de 1920, um moderado movimento feminista tinha passado a ser aceito no Brasil. Para a autora, no discurso teórico, e talvez na realidade também, o culto à mulher podia combinar-se com o sufrágio, como já mencionado. Desta forma, dever-se-ia permitir que esses “seres superiores” votassem e concorressem a cargos.

Mas onde se encontrava este suporte? Qual seria a visibilidade e amplitude daqueles que defendiam a causa feminista? Um artigo divulgado em princípios da década de 1920, que traz a opinião dos Senadores em relação ao sufrágio feminino, não corrobora a afirmação de Hahner, sendo a maioria dos congressistas contrários à instituição do voto às mulheres:

O voto feminino:

Como o divórcio, que de quando em quando surge espectral a perturbar a paz dos congressistas, impressionando-os sinistramente, o voto feminino também faz suas aparições no congresso. Desse modo, foi sondada a disposição de animo de vários senadores, que, ao que dizem, se manifestaram pelos seguintes conceitos:

Alfredo Ellis - Sou a favor, nem podia deixar de ser. A Constituição, quando diz ‘cidadão’ não lhe determina o sexo. Sim minhas senhoras. Façam o favor de votar.

Soares dos Santos - Não contem comigo. O logar de mulher é no lar, e não nas urnas. (...).

Raymundo de Miranda - Mulheres? Que entrem. Mas só as maiores de 50 anos.

Octacílio de Câmara - Que idéa! Voto contra. Lá se vae o lar, lá se vae a família, e é capaz até de queimar-se a carne assada! Si dermos o direito de voto às mulheres, acabou-se tudo. Que idéa.

Cunha Pedrosa - Nem me falem nisso...

Metello Junior - A questão é muito delicada, agora não há tempo. Vou estudar.

Antonio Massa - Deus nos livre! Si num eleitorado só de homens já há tanta barafunda! Imagine quando as mulheres votarem ‘em massa’.

Eloy de Souza - Que votem todas as mulheres, menos a minha engommadeira. Que seria dos meus collarinhos?

Dest’arte mais uma vez, cahiu o voto feminino, graças ao humorismo demolidor dos senhores senadores³².

Visto que o sufrágio só foi concedido às mulheres em 1932, após duas décadas de atividade feminista no país³³, a análise da autora não parece condizer com a situação vigente no período estudado, pois apenas um representante do Senado manifestou-se favoravelmente à

³¹ HAHNER, 2003, p. 276

³² O Tempo, Ano XIII, 05/12/1920, p. 01, 3ª coluna.

³³ “O Partido Feminino Republicano, fundado em 1910, deveria levar a questão do sufrágio para dentro do Congresso. (...) Além do voto, reivindicava a emancipação das mulheres brasileiras em termos gerais, e, especificamente, advogava que os cargos de serviço público deviam ser abertos a todos os brasileiros independente do sexo. (HAHNER, 2003, p. 280).”

instituição do voto à mulher, apoiando-se na Constituição. Assim, a concessão do sufrágio feminino não traria as benesses percebidas por Hahner, mantendo a posição de submissão da mulher na esfera pública.

Além disso, o articulista refere-se pejorativamente ao voto feminino, bem como à possível conquista do direito de divórcio, pois ambos surgem “espectralmente, perturbando a paz dos congressistas, impressionando-os sinistramente”. Ao descaracterizar o movimento feminista em suas diferentes facetas, o jornal reagiu às conquistas favoráveis às mulheres no período.

Partindo da concepção foucaultiana de poder, é importante destacar que o poder só pode exercer sua influência onde há liberdade. A liberdade que permitiu o surgimento do movimento feminista suscitou também sua reação contrária. “Como o poder seria sem dúvida agradável e fácil de dismantelar, se (o mesmo) se limitasse a vigiar, espiar, surpreender, proibir e punir; mas incita, suscita, produz; não é apenas o olho e o ouvido; faz falar e agir³⁴”.

Assim, é evidente a importância da conquista do voto por parte das mulheres neste primeiro momento do feminismo no país. A possibilidade de o contingente feminino ser inserido na esfera pública através do sufrágio permitiria, posteriormente, a possibilidade de uma nova configuração social no tocante às relações de gênero. E os meios de comunicação em geral, e em particular o periódico *O Tempo*, construíam e divulgavam discursos contrários a estes anseios, objetivando a manutenção da ordem social no período, sendo esta baseada na hierarquia de sexo homem-mulher, sendo designados papéis específicos, binários e complementares a cada um destes sujeitos.

No entanto, embora a luta pela conquista do sufrágio tenha merecido destaque privilegiado à época, outras motivações visando à emancipação das mulheres foram alvo de debates nos “loucos anos 20”. O contexto de efervescência política e cultural trouxe à luz diferentes perspectivas de combate à submissão feminina nos mais diversos setores da sociedade no período.

³⁴ FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Veja Passagens, 1992.

1.1.2 Múltiplos feminismos

Desta forma, outros grupos e líderes feministas emergiram no contexto nacional. De acordo com a análise de Céli Regina Jardim Pinto³⁵, o desenvolvimento do feminismo no Brasil em princípios do século XX apresentou três vertentes distintas. A primeira, já citada, liderada por Bertha Lutz, defendeu a incorporação da mulher aos direitos políticos, sendo apreciada como a face bem-comportada do feminismo à época. A segunda vertente, denominada pela autora como feminismo difuso, expressou-se na imprensa feminista alternativa, e foi composta por mulheres cultas, com vidas públicas, na grande maioria professoras, escritoras e jornalistas.

Defenderam a educação da mulher, e abordaram, ainda, alguns assuntos melindrosos para o período, tais como o divórcio e a sexualidade, além de compartilharem os anseios do grupo representado por Lutz no que se refere aos direitos políticos. Esta parcela do movimento feminista também mereceu certo destaque por parte do periódico estudado – embora o mesmo privilegiasse as discussões sobre o sufrágio – principalmente no tocante ao tema da instrução da mulher. É notável que, ao contrário do que ocorria no debate acerca do voto, a educação feminina geralmente não se constituía em alvo de críticas, como se pode apreender a partir da leitura do trecho a seguir:

Com a Mulher

Pertence á “Tribuna Feminina” este trecho, que recomendamos muito especialmente:

“É a mulher quem aos homens dá o ser, quem os cria, os educa, preparando-lhes o caracter; é ella quem os guia nos caminhos íngremes e tortuosos da vida. Eduquemol-a si quizermos homens de bem, de integro valor moral e intellectual; si quizermos patriotas e bons cidadãos. Eduquemol-a se desejarmos a remodelação da sociedade. Filhos de mulheres fúteis, artificiaes, postiças e mascaradas, só podem ser palhaços, é dessas ‘derrotistas’ da moral e da família que surgem como cogumellos os batedores de carteiras, os bajuladores dos homens do poder, os ‘penetras’, os ‘almofadinhas’ e quejandos cretinoides que infiltram no paiz como verdadeira lepra social, envenenando, deturpando, desmoralizando todas as instituições, desde o cidadão até a nacionalidade”³⁶.

O jornal “A Tribuna Feminina”, fundado em 1919 no Rio de Janeiro, foi um órgão do Partido Republicano Feminino, tendo como principal representante a figura de Leolinda Daltró³⁷,

³⁵ PINTO, 2003.

³⁶ O Tempo, 23/07/1919, Ano XII, Nº 193. 1ª p. 3ª coluna.

³⁷ Natural da Bahia, a educadora trabalhou com grupos indígenas em Goiás. Precursora do movimento feminista no Brasil, fundou, em dezembro de 1910, no Rio de Janeiro, o Partido Republicano Feminino, depois que a Justiça negou seu pedido de alistamento eleitoral. O partido, pioneiro, defendia os direitos plenos da mulher. Também foi a responsável pela mobilização, em novembro de 1917, que reuniu quase cem mulheres, em marcha pelas ruas do Rio de Janeiro pelo direito ao voto.

líder deste segundo grupo de feministas, as quais optaram por ocupar os espaços públicos e chamar sempre a atenção para suas reivindicações. Segundo Duarte³⁸, após várias passeatas e de muita pressão junto aos políticos, conseguiram apresentar o primeiro projeto de lei em favor do sufrágio feminino.

A autora afirma que o fato representou uma ameaça tão expressiva, que os antifeministas do Senado, da Câmara e da imprensa se uniram numa campanha de ridicularização das mulheres e do escasso contingente de homens que as apoiavam, conseguindo atrasar o processo e arrastar a campanha do voto até 1928. Os argumentos utilizados pela reação expressavam a concepção masculinizante de família, de lar doméstico – onde a mulher era “rainha” – e dos “sagrados” deveres femininos, considerados incompatíveis com qualquer participação na esfera pública.

Nesse sentido, o papel da mulher era entendido como o de regeneradora do homem e da sociedade, tal como defenderam Rousseau e Fénelon nos séculos XVIII e posteriormente Comte, no século XX. Assim, embora o direito à educação não oferecesse a mesma oposição que o sufrágio, como dito anteriormente, a instrução feminina era necessária somente na medida em que elevasse a condição dos homens e da sociedade como um todo, visando à ordem e o progresso da pátria. *O Tempo* imprime tais ideais em artigo publicado no ano de 1921:

Pela mulher desvalida

(...) Todos conhecem a urgente necessidade de combate ao analphabetismo e trabalhar para que não nos caia a pecha de nacionalidade vencida por uma grande maioria de ignorantes. Uma vigorosa corrente contra esse grande mal se propaga no Rio de Janeiro, e a ‘Legião da Mulher Brasileira’, acompanhando tão nobre intuito, vem com a abnegação tratando de facilitar a instrução á mulher e de habilitar-a ao exercício das proffissões liberaes, para ganhar honrada vida. Diffundindo a instrucção superior indistinctamente a ambos os sexos, teremos efficazmente collaborando na extincção da ignorância que nos humilha, prejudica e retarda aspiração de progresso. (...) Quem dá para a instrucção da mulher ignorante e desvalida, dá a Patria e á familia. Que o Rio Grande dê o que de superfluo existe nas fartas bolsas de seus habitantes ricos e que seja a bella capital a primeira a iniciar tão benemerita faina³⁹.

Visando combater tal ideia, e criticando o modelo social vigente de forma mais ampla, surgiu a terceira vertente do movimento, segundo Pinto⁴⁰, a menos comportada de todas. Esta foi composta por anarquistas e socialistas, e defendeu a liberação da mulher, condenou a exploração do trabalho e teve, na liderança, a já citada Maria Lacerda de Moura, a qual afirmava: “eduquem

³⁸ DUARTE, 2003.

³⁹ *O Tempo*, 1º/10/1921. Ano XIV, 1ª p. 3ª e 4ª colunas.

⁴⁰ PINTO, 2003.

a mulher, despertem sua consciência, iluminem sua clarividência moral e ela reformará o mundo⁴¹”.

Segundo Minardi⁴², a crítica era endereçada principalmente aos anarquistas que, em suas manifestações orais e escritas, não mencionavam o nome das companheiras de luta. A falta de menção da importante contribuição das mulheres por vários autores, intelectuais e mesmo militantes anarquistas, foi uma falha considerada comum, que revelou a incoerência do discurso libertário em relação à prática.

A autora relata ainda que estas feministas propuseram a emancipação do papel da mulher na sociedade, para a transformação da realidade cotidiana. Rebatendo as concepções masculinas sobre a inferioridade biológica da mulher, Maria Lacerda de Moura afirmava que a mulher “não nasceu exclusivamente para ser mãe, para o lar, para brincar com o homem, para divertí-lo⁴³”. Embora não tenham sido encontradas referências diretas ao terceiro grupo nas páginas d’*O Tempo*, pode-se perceber mais facilmente o discurso reacionário aos preceitos libertários, afirmando o papel da mulher na esfera privada:

Deus creou o homem e a mulher para o destino que lhes era próprio: um não pode ocupar a posição, nem exercer as funções do outro. Suas diversas vocações são perfeitamente distintas. São companheiras iguaes, mas nos seus respectivos poderes são desiguaes. O homem é rijo, a mulher é delicada e nervosa. Um sobresahe pela força do cérebro, o outro pela qualidade do coração. Verdade é que há homens effeminados e mulheres varonis, mas estas são apenas exceções que provam a regra. (...) A verdadeira esposa é um bordão que serve de apoio em épocas de provança e de dificuldades, nunca deixando de animar e consolar, quando chega a desgraça ou a fortuna se mostra adversa: na mocidade é o ornamento na vida do homem e fiel companheira da idade madura quando se perdem as ilusões da vida e só se vê a realidade dellas. É pelo regimem domestico que o coração do homem se forma e regula bem. Ella deve agradar ao gosto e aos olhos de seu marido. (...) A regra de ouro do casamento é “soffrer e conter-se”. (...) É muito certo o provérbio – uma palavra doce dissipa a cólera!...⁴⁴

Afirmando posições binárias para homens e mulheres, o texto traz à luz inquietações presentes na sociedade da época, em relação à emancipação feminina através das ideias e ações do movimento feminista, em particular àquelas empreendidas pela “terceira vertente”. Ao marcar

⁴¹ http://mail_b.uol.com.br/cgi-bin/webmail :Uma face do anarquismo feminista no Brasil p.4

⁴² MINARDI, Inês M. *Trajetória de luta: mulheres imigrantes italianas anarquistas*. Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

⁴³ MOURA, Maria Lacerda de. Apud. RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar – Brasil 1980-1930*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

⁴⁴ *O Tempo*, 1º/11/1923. Ano XVI, 1ª p. 1ª e 2ª colunas.

lugares e comportamentos adequados e dicotômicos aos sexos, o jornal combatia a os ideais libertários difundidos por Moura.

Segundo o discurso contido no texto, àqueles que não faziam parte do *status quo* presente na sociedade do período, se enquadravam como exceções à regra, nas margens do convívio social considerado ideal. Assim, apesar dos esforços empreendidos por distintos grupos feministas, a mulher era mantida como “ornamento na vida do homem”, limitando sua existência ao âmbito doméstico. Apesar das múltiplas frentes de luta que o feminismo de inícios do século conseguiu empreender, foram necessários alguns anos para a realização de suas primeiras conquistas.

1.1.3 O “Problema Feminino”

A ênfase da família tradicional – e de uma imagem idealizada da mulher dentro dela – pode ser entendida a partir da percepção de que, num mundo que muda constante e aceleradamente, ela passou a ser considerada como um porto seguro, uma esfera humanizada num ambiente crescentemente desumanizado. Desta forma, fica evidente que a distinção entre os sexos é uma criação político-discursiva da economia binária dos gêneros *naturais*, cujo fundamento constitui-se na procriação⁴⁵.

Segundo Luc Capdevilla⁴⁶, a difusão de tal discurso pode estar ligado à questão do pós-guerra⁴⁷, partindo da problemática se os períodos bélicos reforçam ou não as fronteiras do gênero.

Por muito tempo permaneceu a ideia de que grande parte da responsabilidade da crescente presença das mulheres no espaço público foi dada a partir da sua presença nas fábricas e em diferentes setores – antes apenas masculinos – o que era exigido pelo esforço feito pelas nações envolvidas nas duas grandes guerras mundiais. Para Pedro,

Essa afirmação, entretanto, nunca foi consenso: Françoise Thébaud⁴⁸ e outras historiadoras mostram como as duas guerras, e ela refere-se especialmente à primeira, interromperam o movimento feminista que na época lutava pelo direito ao voto. Tais autoras apontam, inclusive, como as nações em guerra reforçaram identidades de gênero, e após o conflito as crises demográficas deram ensejo a toda uma simbologia de enaltecimento da maternidade. Visto isso, pode-se apreender que a guerra teria reforçado

⁴⁵ SWAIN, 2004, p. 15.

⁴⁶ CAPDEVILLA, Luc. *As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com Luc Capdevila*. In PEDRO, Joana. Rev. Estud. Fem. v.13 n.1 Florianópolis jan./abr. 2005, p. 02.

⁴⁷ No caso em questão, após a Primeira Guerra Mundial.

⁴⁸ THÉBAUD, Françoise. A Grande Guerra: o triunfo da divisão sexual. In: DUBY, Georges & PERROT, Michele. *História das mulheres no ocidente. O século XX*. Porto Alegre, Edições Afrontamento Ltda: 1991, p.32.

uma identidade masculina hegemônica, em crise nas vésperas do conflito, e repostado (ou reafirmado) as mulheres no seu lugar de mães dedicadas, donas de casa, esposas submissas e admiradoras⁴⁹.

Certamente não se pode afirmar que o Brasil participou de forma efetiva na Primeira Guerra, mas o país pôde sentir os efeitos desta, principalmente no que toca às relações de gênero. O jornal *O Tempo* publicou, em 1919, algumas considerações sobre o papel das mulheres ao término do período bélico:

Problema Feminino

O governo britannico está seriamente preocupado em resolver um problema de máxima importância, tal seja o do aproveitamento das mulheres que acabam de ser dispensadas das ocupações militares. (...) E' sabido que milhares de mulheres prestaram relevantes serviços na marinha, no exercito, e agora se encontram sem ocupação. Algumas, porém, continuam a trabalhar nos estaleiros e nos serviços auxiliares do exercito, gastando para esse fim, o melhor de suas energias, mas, de um momento para outro estão ameaçadas de perder o emprego para cede-los aos soldados desmobilizados, que reclamam os logares que exerciam antes da guerra. (...) Parece certo que as mulheres serão aproveitadas nos serviços do campo e das fabricas, garantindo-se-lhes também uma compensação razoável na producção. Entretanto, observa-se um certo descontentamento ante as promettidas concessões ao elemento feminino, pois que, ao continuar ella entregue aos misteres da fabrica e da lavoura, as mulheres deixarão de prestar o devido carinho nas suas funcções domesticas⁵⁰.

Assim, embora fosse permitido às mulheres o trabalho fora de casa, estas não deviam relegar ao segundo plano suas funções primeiras, sendo estas imbricadas ao âmbito doméstico. Para Jane Felipe, neste período a produção de vários discursos –fossem estes religiosos, médicos, filosóficos, pedagógicos e literários – foram acionados colocando em circulação representações de gênero e sexualidade, geralmente baseadas em concepções de uma natureza biológica específica, reforçando, em alguma medida, a desigualdade entre mulheres e homens⁵¹.

Desta forma, Guacira Louro, na obra “*Gênero, sexualidade e educação*”⁵² aproxima-se destas proposições, afirmando que os discursos e práticas constituidores dos sujeitos e as disputas por representação as quais são empreendidas pelos vários grupos culturais, demonstram o caráter construído e incompleto, a provisoriedade e a instabilidade de todas as identidades sexuais e de gênero.

⁴⁹ IDEM: p. 33.

⁵⁰ *O Tempo*, 03/10/1919 – Anno XIII, nº 251. 1ª p. 6ª coluna. Grafia mantida de acordo com o original.

⁵¹ FELIPE, Jane. *Governando Corpos Femininos*. Labrys, N° 4, Ago-Dez: 2003, p. 01.

⁵² LOURO, 2004: p. 01.

Partindo do pressuposto de que a belicosidade faz parte das “Políticas da Masculinidade⁵³” descritas por Robert Connel, o esforço em forjar identidades fixas para os sujeitos após tal período – neste caso, da Primeira Guerra Mundial – é indelevelmente plausível. Neste âmbito, “as masculinidades estão profundamente implicadas à violência organizada, nas tecnologias e nos sistemas de produção que levam à destruição ambiental e à guerra nuclear⁵⁴”.

Desta forma, segundo Gilles Lipovetsky⁵⁵, a marcha pela igualdade não arruinou as oposições de gênero, sendo que as identidades sexuais mais se recompõem do que se desfazem, pois o homem permanece prioritariamente associado aos papéis públicos e “instrumentais”, e a mulher aos privados, estéticos e afetivos: longe de operar uma ruptura com o passado histórico, a modernidade trabalha em reciclá-lo continuamente. Este autor analisa a sociedade contemporânea – princípios do novo milênio – e ao transportar suas idéias para a segunda década do século XX, evidencia-se que as transformações ocorridas no período do pós- primeira guerra não modificaram as construções identitárias dicotômicas entre homens e mulheres, pelo contrário, reforçaram-nas.

Entretanto, é preciso notar que a invisibilidade produzida a partir de múltiplos discursos que caracterizaram a esfera do privado, o mundo doméstico, como “verdadeiro” e único universo feminino, já vinha sendo gradativamente rompida por algumas mulheres, principalmente no que concerne às camadas menos abastadas da sociedade: trabalhadoras dos meios urbano e rural exerciam atividades fora do lar nas fábricas, oficinas e lavouras; mas cujos anseios ainda não estavam intrinsecamente ligados à emergência do feminino em amplos e divergentes campos de exercício do poder na nascente nação brasileira⁵⁶.

Todavia, como afirma Soihet⁵⁷, mulheres pobres, via de regra, chefes de família, o exercício do trabalho configurava-se como base da sobrevivência e, portanto, era parte indissociável de suas vidas. O que não significa, porém, que as idéias contrárias ao feminismo não circulassem também nas camadas populares, e o papel de provedor, destinado aos homens na

⁵³ CONNELL, Robert. *Políticas da Masculinidade*. In: Educação e Realidade/ UFRGS, vol. 20, n° 2. Porto Alegre, jul/dez:1995.

⁵⁴ IDEM, p. 186.

⁵⁵ LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo, Cia. Das Letras: 2000, p. 15.

⁵⁶ Efetivamente, não me encontro na posição reacionária de afirmação da inexistência de sentimentos críveis de mudança no interior das camadas populares brasileiras, e sim, de que estas não se ligavam substancialmente; ao menos neste momento; às relações de gênero, sendo suas reivindicações mais urgentes imbricadas à questões econômicas.

⁵⁷ SOIHET, 2003: p. 07.

organização familiar patriarcal, constituía-se em um ideal que não escapava a esses grupos, embora dificilmente se concretizasse.

É importante ressaltar que esta pesquisa centra-se justamente neste primeiro momento de reivindicações por parte deste contingente de mulheres. Nesse sentido, o movimento feminista buscou novas nuances a partir da conquista do voto. A opressão feminina em distintos aspectos sociais trouxe à luz novos temas de discussão, e a possibilidade de adentrar na esfera pública, âmbito até então exclusivamente masculino, incita a inquietação das mulheres no tocante à sua condição nos mais diversos setores de suas experiências sociais.

Embora tenha ocorrido uma desmobilização das mulheres no período⁵⁸, sendo esta retomada a partir da década de 1960, algumas autoras não cessaram seus escritos sobre a temática, entre elas a filósofa Simone de Beauvoir⁵⁹ e a escritora Virginia Woolf⁶⁰. Tendo em vista que foram as discussões posteriores ao período estudado que possibilitaram os debates atuais, e, entre estes, a realização deste trabalho, é necessária uma breve incursão na história do movimento feminista em suas outras “ondas”, bem como os desdobramentos incitados por este no campo científico/acadêmico.

⁵⁸ Após a conquista do voto, sendo esta, no Brasil, em 1932.

⁵⁹ Comentarei sobre esta autora na seqüência deste trabalho.

⁶⁰ Em suas obras *Um Teto Todo Seu* e *Orlando*, Woolf sobrepasa as dicotomias de sexo na literatura, sendo que, para autora, este não é determinante na forma de escrever, e propõe uma escrita andrógina. Embora a autora não se considerasse feminista, sua obra foi importante para debates posteriores sobre a temática.

1.2 FEMINISMO DISCUTIDO

Ouso dizer que às vezes você se espanta com minha maneira independente de andar pelo mundo como se a natureza me tivesse feito de seu sexo, e não do da pobre Eva. Acredite em mim, querido amigo, a mente não tem sexo, a não ser aquele que o hábito e a educação lhe dão⁶¹.

1.2.1(Des) Construindo o sexo

Um clima de efervescência cultural e política foi a marca da década de 1960 em distintas e múltiplas partes do globo, com o surgimento das vanguardas artísticas e a ampliação dos movimentos sociais, os quais expressaram sua inconformidade em relação à sistemas sociais e políticos tradicionais, ao formalismo científico, à discriminação e à segregação, seja esta étnica, de gênero, ou referente às camadas sociais.

No tocante à imagética referente ao gênero, Lehnert⁶² afirma que a estética do feminino e do masculino transforma-se, novamente, nos anos 60; sendo que os ideais de feminilidade vigentes, principalmente, na década anterior – que marcavam demasiadamente as distinções entre os sexos – foram renegados. Para o autor, esta década aproximou-se do ideário dos anos 1920 e 30, o qual baseava-se na moda andrógina.

É neste período contestatório o movimento feminista ressurgiu⁶³, expressando-se através de grupos de conscientização, protestos públicos, livros, jornais e revistas⁶⁴, bem como nas pesquisas acadêmicas. A obra *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir, publicado em 1949, serviu como modelo para novas reflexões neste momento – ainda que este livro seja anterior ao referido contexto, o mesmo inaugura as discussões que se desenvolveram posteriormente, tais como àquelas conduzidas por Betty Friedan, em *A Mística Feminina*⁶⁵ (1963), Kate Millet, *Política Sexual*⁶⁶ (1969) e Juliet Mitchell n’*A Condição da Mulher*⁶⁷ (1969)⁶⁸.

⁶¹ Frances Wright, feminista inglesa. Apud. RAGO, Margareth. São Paulo em Perspectiva. V.15 N°3. São Paulo, jul./set 2001.

⁶² LEHNERT, Gertrud. *História da Moda do século XX*. Portugal: Köneman, 2000: p. 57.

⁶³ Parto do pressuposto que a chamada “primeira onda” do movimento estabeleceu-se em princípios do século XX, sendo o feminismo novamente articulado a partir das décadas de 1960 e 70.

⁶⁴ LOURO, 1997, p. 16.

⁶⁵ O livro constitui uma série de depoimentos de mulheres de camadas médias que corresponderiam ao ideal de “rainha do lar”, revelando a insatisfação destas com sua condição exclusivamente doméstica.

⁶⁶ Ao analisar historicamente as relações entre os sexos, a autora afirma que o sistema patriarcal prevalece em todas as culturas, penetrando em distintos aspectos da vida social.

Joana Maria Pedro comenta sobre as distinções existentes entre as “ondas” do movimento feminista, e ainda, acerca do caráter político desta nova etapa do mesmo.

O feminismo, como movimento social visível, tem vivido algumas “ondas”. O feminismo da “primeira onda” teria se desenvolvido no final do século XIX e centrado na reivindicação dos direitos políticos – como o de votar e ser eleita – nos direitos sociais e econômicos, como o de trabalho remunerado, estudo, propriedade e herança. O feminismo da chamada “segunda onda” surgiu depois da Segunda Guerra Mundial, e deu prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado – entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres. Naquele momento, uma das palavras de ordem era “o privado é político”⁶⁹.

No que concerne ao contexto brasileiro, o movimento feminista⁷⁰ parece ter adquirido nuances próprias e diferenciadas se comparado aos Estados Unidos e a Europa, embora fosse influenciado por estes, bem como ocorreu na “primeira onda”. Nesse âmbito surgiram, no Brasil, grupos de reflexão que contavam com a leitura e discussão de textos feministas produzidos no exterior (não exclusivamente nos Estados Unidos, mas também na França, na Grã-Bretanha, entre outros), voltados para a transformação pessoal e cultural das participantes⁷¹. Para Joana Pedro,

Lutar no Brasil pela “liberação das mulheres”, no campo da esquerda em plena ditadura militar, não permitia que o feminismo brasileiro fosse semelhante ao projeto que se desenvolvia na Europa e nos Estados Unidos, de onde vinham livros, idéias e propostas. (...) A luta contra a ditadura e a busca por “conscientização” das camadas populares tornaram o movimento feminista e de mulheres uma maneira menos arriscada de realizar esse projeto⁷².

⁶⁷ A autora busca formular uma teoria que permita compreender os aspectos gerais da discriminação de sexo, bem como sua especificidade em diferentes camadas sociais.

⁶⁸ Títulos originais: *Le Deuxième Sexe*, *The Feminine Mystique*, *Sexual Politics* e *The woman condition* respectivamente.

⁶⁹ PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, Vol. 24 n° 1. Franca: 2005 : p. 03.

⁷⁰ Joana Maria Pedro relata que diferentes narrativas fundadoras do feminismo brasileiro resultaram de disputas de poder entre diversos grupos feministas e distintos personagens, estes envolvidos na luta contra a ditadura militar (1964 a 1985). Entre estes eventos *originários*, destaca-se a reunião ocorrida em julho de 1975 na Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro, e com a constituição do Centro da Mulher Brasileira. Nesse sentido, tal acontecimento apoiou-se na instauração do Ano Internacional da Mulher, iniciativa fomentada pela Organização das Nações Unidas. Entretanto, algumas participantes do movimento contestam esta data como marco na fundação do feminismo brasileiro, posto que anteriormente já ocorriam reuniões cujo cerne constituía-se na discussão acerca da “situação da mulher”. O fato é que, independentemente destas disputas, o feminismo propiciou debates profícuos à coletividade social e à academia. PEDRO, *Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978)*. Revista Brasileira de História, Vol. 26, n° 52: 2006.

⁷¹ PEDRO, 2006: p. 258.

⁷² IDEM, p. 269.

Surgem, assim, os chamados *estudos da mulher*, cujo intuito primordial era tornar visíveis àquelas que foram sumariamente ocultadas pelo cânone científico. Neste período, a categoria utilizada por estes estudos se configurava na palavra “Mulher”, em contraposição à “Homem”, considerada, por estas estudiosas, como universal e excludente. É interessante observar que o destaque conferido a estes termos (ambos descritos com iniciais maiúsculas) atribuía às mulheres características semelhantes, independentemente de suas etnias/camadas sociais/culturas/nacionalidades, relegando uma identidade comum para todas estas personagens. Ao refletir sobre este momento, Louro afirma que:

Os estudos iniciais se constituem, muitas vezes, em descrições das condições de vida e de trabalho das mulheres em diferentes instâncias e espaços. Estudos das áreas de Antropologia, Sociologia, Educação, Literatura, etc, apontam ou comentam as desigualdades sociais, políticas econômicas, jurídicas, denunciando a opressão e submetimento feminino. Contam, criticam, e, algumas vezes, celebram as “características” tidas como femininas⁷³.

No campo da História, Keith Jenkins⁷⁴, ao enfatizar a distinção existente entre *História* e *Passado*, aponta para o fato de que, embora muitas mulheres tenham vivido em múltiplas sociedades e em distintas temporalidades, poucas aparecem nos textos de acadêmicos, sendo sistematicamente “apagadas” em muitos relatos de historiadores. Bonnie Smith⁷⁵, ao narrar o desenvolvimento da História como conhecimento profissional, retrata o silenciamento das mulheres não apenas como objetos de pesquisa histórica, mas também como *agentes produtores* desta História⁷⁶.

Para Guacira Louro⁷⁷, homens e mulheres, através de diferentes práticas sociais, constituem relações onde ocorrem, constantemente, negociações, avanços e recuos, revoltas e alianças. Isso não significa, entretanto, desprezar o fato de que as mulheres tenham, de forma mais freqüente, sofrido manobras de poder que as constituem como *o outro*⁷⁸, geralmente subordinada ou submetida; no entanto, tais artimanhas não as anularam como sujeitos. No

⁷³ LOURO, 1997: p. 17 e 18.

⁷⁴ JENKINS, Keith. *A História Repensada*. São Paulo, Contexto: 2005: p. 26.

⁷⁵ SMITH, Bonnie. *Gênero e História*. Rio de Janeiro, EDUSC: 2003.

⁷⁶ “Ao iniciar-se o século 19, a pesquisa em arquivos não era de forma alguma o caminho universalmente aceito para a verdade histórica, como também não era o seminário a principal forma de instilar o um sofisticado conhecimento histórico (...) Naquela época, a história muitas vezes indicava uma sensibilidade intensa, escondia lembranças extremamente amargas e via-se relacionada aos mortos, não ao passado na forma de conhecimento profissional (SMITH, 2003: p. 48 e 49)”.

⁷⁷ LOURO, 1997: p. 40.

⁷⁸ (Grifo meu).

entanto, verifica-se que estes atores (atrizes) sociais, embora não se encontrem excluídos de um passado, constantemente encontram-se marginalizados quando da construção do mesmo. Perrot comenta sobre esta questão:

Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. (...) A gramática contribuía para isso. Quando há mistura de gêneros, usa-se o masculino plural: *eles* dissimula *elas*.⁷⁹

Nesse sentido, entretanto, a partir da renovação historiográfica nas décadas de 1960 e 70 - a qual traz à luz novos questionamentos e objetos à análise do historiador - associada ao ressurgimento do feminismo - estes indivíduos transformam-se em sujeitos⁸⁰, novamente, de sua própria história. Segundo Michelle Perrot⁸¹, a emergência do tema “mulher” nas ciências humanas neste período deve-se a distintos fatores, sejam estes científicos, sociológicos ou políticos.

Joana Maria Pedro⁸² relata que para as historiadoras(es) cuja perspectiva de análise baseia-se nos Annales, torna-se mais fácil escrever uma história que inclua as mulheres. A proposta do método regressivo de Marc Bloch em sua obra *O ofício do Historiador*, permite pensar no passado não só pelas questões do presente, bem como observar outras fontes, além das unicamente oficiais e narrativas. Seguindo as discussões do movimento feminista, a História passa a incluir outros sujeitos em suas narrativas.

1.2.2 História das Mulheres

Adquire espaço, deste modo, a chamada *História das Mulheres*, cujo objetivo seria “dar voz” a estes personagens, anteriormente silenciados pelo cânone historiográfico, como já mencionado. Em 1984, ano relevante à construção dos “estudos da mulher”, é publicado *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*, de Maria Odila Leite da Silva Dias,

⁷⁹ PERROT, Michele. *Minha História das Mulheres*. São Paulo, Contexto: 2007: p. 21.

⁸⁰ Toma-se como parâmetro, aqui, a noção cunhada por Castells, para o qual, “sujeitos não são indivíduos, mesmo considerando que são constituídos de indivíduos. São o ator social coletivo pelo qual indivíduos atingem significado holístico em sua experiência” (CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade. Volume II*. São Paulo, Paz e Terra: 1997, p. 26).

⁸¹ PERROT, 2007: p. 19 e 20.

⁸² PEDRO, 2005: p. 06 e 07.

considerada uma das primeiras obras desta “nova História” no Brasil, bem como *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologias de textos de viajantes estrangeiros*, de Miriam Moreira Leite, publicado no mesmo ano.

Além destes trabalhos, pode-se citar: *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920*, de Rachel Soihet (1989); *As mulheres, o poder e a família: São Paulo século XIX*, de Eni Mesquita Sâmara (1989); *Ao sul do corpo: condição feminina, mentalidades e maternidades no Brasil Colônia*, de Mary Del Priore (1993); e *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*, de Joana Maria Pedro (1994), entre outros.

É interessante observar que praticamente todas estas primeiras obras incluíam os termos *mulher*, *mulheres*, *feminino* em seus títulos, objetivando enfatizar o conteúdo de seus escritos. Ao longo das discussões, estas nomenclaturas vão se dissipando, dando lugar à categoria *gênero*, bem como *feminilidades* e *masculinidades*. Múltiplas identidades passam a ser reconhecidas nestas análises, fato discutido com mais vagar no decorrer deste trabalho.

Entre os autores que ainda trabalham nesta perspectiva, é relevante destacar a produção de Michele Perrot e Georges Duby⁸³, Françoise Thébaud⁸⁴, June Hahner⁸⁵, Natalie Zemon Davis⁸⁶, e, no Brasil, da historiadora Mary Del Priore⁸⁷, cujos escritos fazem-se amplamente difundidos, não apenas no âmbito acadêmico. Embora muitos autores ainda trabalhem sob estes parâmetros – das autoras brasileiras citadas apenas Priore inclui-se neste patamar – tais estudos passaram a ser alvo de críticas, visto que isolam as mulheres de sua relação com os homens, e, além disso, freqüentemente tratam as mulheres como um contingente unificado.

Em que pese o fato de algumas/alguns pesquisadoras/es contemporaneamente ainda realizem suas análises a partir da perspectiva *diferencialista*⁸⁸, ou seja, enfatizando

⁸³ Entre outras obras, cito: DUBY, Georges & PERROT, Michele. *História das mulheres no ocidente. O século XX*. Porto Alegre, Edições Afrontamento Ltda: 1991, e PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História - Operários, Mulheres, Prisioneiros*. São Paulo, Paz e Terra: 1988.

⁸⁴ THÉBAUD, François. *A Grande Guerra: o triunfo da divisão sexual*. In: DUBY, Georges & PERROT, Michele. *História das mulheres no ocidente. O século XX*. Porto Alegre, Edições Afrontamento Ltda: 1991.

⁸⁵ HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940*. Florianópolis, Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul, EDUNISC: 2003.

⁸⁶ DAVIS, Natalie. *Womens History in Transition: the European case*. *Feminist Studies*, v.3, n.3/4: 1976.

⁸⁷ Entre suas obras mais relevantes, destaco: PRIORE, Mary Del. (org). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Editora Contexto e Fundação UNESP: 1997.

⁸⁸ Dois pólos conceituais são percebidos como divisores do campo da produção literária e teórica feminista atualmente: o feminismo anglo-americano e o feminismo francês. Desta forma, Hollanda afirma que o feminismo francês trabalha no sentido de uma possível “subjetividade feminina”, e vincula-se à psicanálise. Por outro lado, a corrente anglo-saxônica procura denunciar aspectos arbitrários das representações da imagem feminina na tradição literária e particularizar a escrita das mulheres como lugar potencialmente privilegiado para a experiência social

potencialidades distintas entre homens e mulheres, existem, hoje, controvérsias acerca deste tipo de abordagem, as quais, inicialmente faziam-se preponderantes. No entanto, cabe destacar que tais trabalhos foram importantes para discussões posteriores, posto que trouxeram à luz vivências anteriormente relegadas. De coadjuvantes, as mulheres passaram a protagonistas de sua história.

Além disso, é importante ressaltar que estas análises traziam a marca do político, sendo tal fator indispensável em momentos onde se busca reivindicar novos parâmetros à sociedade, questionando determinações culturais e históricas. Nesse sentido, a “segunda onda” do feminismo abalou estruturas hierárquicas de poder, tradicionalmente baseadas em concepções biologicistas de *papéis* e *identidades* atribuídos diferentemente e prioritariamente, aos sexos.

Retornando às obras produzidas em princípios da “retomada” do feminismo nas décadas de 1960 e 70, é relevante ressaltar que, ao questionar apenas o par submissão feminina *versus* dominação masculina, estes estudos passaram a ser alvo de críticas, visto que não privilegiaram diferenças existentes entre as próprias mulheres, além de isolarem o contingente feminino de sua relação com os homens.

1.2.3 Gênero

A partir destas indagações, é pensada a categoria de análise de Gênero, objetivando tornar tais discussões, primordialmente levantadas pelo movimento feminista, mais “científicas”. A maior inserção das mulheres na academia neste período propiciou novas nuances ao debate, pois neste primeiro momento⁸⁹, os trabalhos acerca da condição feminina eram primordialmente realizados por estas. Nesse sentido, o gênero não só problematizou concepções históricas e acadêmicas sobre as distinções entre as mulheres e entre os homens, como suscitou questionamentos no interior do próprio movimento feminista.

Para o feminismo, *gênero* passou a ser usado no cerne dos debates que se desenvolveram dentro do próprio movimento, buscando uma explicação para a subordinação das mulheres⁹⁰. Neste âmbito, a introdução da categoria de gênero representou o aprofundamento e a expansão

feminina. A denúncia da ideologia falocêntrica que permeia a crítica tradicional e determina a constituição do cânone literário e o desenvolvimento de uma arqueologia da literatura, com o objetivo de resgatar trabalhos escritos por mulheres, as quais foram silenciadas e/ou excluídas do campo literário são os principais objetivos destas feministas, também chamadas de *igualitaristas*.

⁸⁹ Esta problemática permanece alvo de discussão ainda na atualidade.

⁹⁰ PEDRO, 2005: p. 03.

das teorias críticas feministas. Segundo Lia Machado⁹¹, a noção de gênero aponta para o caráter relacional do feminino e do masculino, indicando, ainda, a exigência de um posicionamento teórico nos debates feministas.

Como marco desta mudança no pensamento feminista/acadêmico afere-se o seminário Estudos sobre *Mulher no Brasil: Avaliação e Perspectivas*, organizado pela Fundação Carlos Chagas com o apoio da Fundação Ford, realizado em novembro de 1990 em São Roque, SP; cujos artigos posteriormente foram reunidos e publicados sob o título de *Uma Questão de Gênero* (1992), organizado também por Costa e Bruschini, obra importante na construção dos estudos referentes às relações de gênero.

Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual *gênero* será um conceito fundamental⁹².

No tocante à pesquisa histórica, em 1990, foi traduzido no Brasil, pela revista *Educação e Realidade*, o artigo de Joan Scott, intitulado: *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, representando um marco na historiografia do tema. Neste texto, Scott retoma a diferença entre sexo e gênero, já empregada na década de 1960 por Robert Stoller⁹³; articulando-o com a noção de poder. Nesse sentido, a autora afirma que o gênero é constituído através das relações sociais, posto que, para Scott, estas são baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos biológicos, sendo gestadas no interior de relações de poder presentes de forma distinta em cada sociedade.

Nesse sentido, Scott afirma que o desafio teórico proposto exige a análise não só da relação entre experiências masculinas e femininas no passado, mas a ligação entre a história do passado e as práticas históricas atuais. Boschilia⁹⁴ também relata que Scott concebe gênero como uma criação imposta por relações sociais de poder, as quais se estabeleceriam através de códigos normativos, instituições, representações e identidades subjetivas.

Partindo de perspectiva semelhante, Lynn Hunt afirma, em sua obra *A Nova História Cultural* – publicado no Brasil em 1992 – que “sem alguma discussão de gênero, nenhum relato

⁹¹ MACHADO, Lia Zanotta. *Feminismo, Academia e Interdisciplinaridade*. In: COSTA, Albertina & Bruschini, Cristina. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos: 1992, p. 09.

⁹² LOURO, 1997: p. 21.

⁹³ STOLLER, Robert J. *Sex and gender*. New York: Science House: 1968. Nesta obra, o autor separa a noção de gênero da de sexo, afirmando que o sentimento de cada indivíduo no que se refere ao gênero é mais importante do que seu sexo biológico.

⁹⁴ BOSCHILIA, Roseli. *Da mulher ao gênero, a elaboração de um conceito*. (2007). Disponível no endereço <http://www.cidadedoconhecimento.org.br> acesso em 15/07/08, às 10:25.

de unidade e diferença culturais pode estar completo⁹⁵”. Desta forma, os estudos de gênero passam a ser problematizados também no campo da História, cujos questionamentos abalam as estruturas historiográficas tradicionais, como afirma Rachel Soihet:

Gênero tem sido, desde a década de 1970, o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual. (...) A palavra indica uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O gênero se torna, inclusive, uma maneira de indicar “construções sociais” - a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. O termo também sublinha o aspecto relacional entre as mulheres e os homens, ou seja, que nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir através de um estudo que os considere totalmente em separado. (...) Tal metodologia implicaria não apenas uma nova história das mulheres, mas uma nova História⁹⁶.

Assim, ressalto que o uso da categoria de análise de gênero na narrativa histórica passou a permitir que as/os pesquisadoras/os salientassem as relações entre homens e mulheres; sendo esta a proposta do presente estudo; e também as relações entre homens e entre mulheres, analisando como, em diferentes momentos do passado, as tensões, bem como os acontecimentos, foram produtores de gênero⁹⁷.

Partindo do pressuposto de que a análise histórica revela as imbricações entre saber/poder/fazer no tocante às relações de gênero, o debate travado no interior da disciplina proliferou à passos rápidos. Margareth Rago⁹⁸ anuncia que a partir da história genealógica de Michel Foucault e das inovações trazidas pelos estudos das mulheres e das relações de gênero, um amplo campo de possibilidades se abre para o conhecimento do passado e para as invenções do presente.

Para Teresa de Lauretis⁹⁹, a construção do gênero também se faz por meio de sua desconstrução. Nesse sentido, ao anuir que a constituição do conceito é histórica e se faz incessantemente, entende-se que as relações entre homens e mulheres, os discursos e as representações dessas relações estão em constante mudança. Nesse âmbito, “as identidades de gênero estão continuamente se transformando, sendo indispensável admitir que até mesmo as teorias e práticas feministas – com suas críticas aos discursos sobre gênero e suas propostas de

⁹⁵ HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo, Martins Fontes: 1992, p. 24.

⁹⁶ SOIHET, 1997: p. 279.

⁹⁷ PEDRO, 2005: p. 09.

⁹⁸ RAGO, 2006: p. 02.

⁹⁹ LAURETIS, 1994: p. 209. Apud. LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação – uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, Vozes: 1997, p 35.

desconstrução – estão construindo gênero¹⁰⁰”. Ao compartilhar destas indagações, Lia Machado afirma que:

A idéia de gênero (...) está ligada à de *diferença* e a idéia de *desconstrução*, tão caras ao pós-estruturalismo francês e depois ao pós-modernismo, especialmente como proposto pela cultura e academia anglo-saxônica. Se o feminismo clássico se assentava na proposta de igualdade e denúncia da desigualdade e da discriminação, e se sua proposta e verdade se pretendiam universais, o pós-feminismo se pergunta sobre as diferenças e as relações não só entre homens e mulheres, mas também entre mulheres, baseando-se especialmente nas diferenças entre culturas relativamente aos modelos de gênero e, portanto, na inexistência de um “modelo universal”¹⁰¹.

No entanto, para Hollanda¹⁰², desde a metade da década de 1980 surgem novas perspectivas de análise, visto que a própria noção de gênero passa a ser discutida como limitadora. Segundo esta autora, o conceito ainda explicitaria uma tendência a universalizar a oposição homem/mulher. Teresa de Lauretis¹⁰³ também expõe essa crítica no artigo *A Tecnologia do Gênero*, no qual afirma que a apropriação do conceito acaba por criar espaços *gendrados*, ou seja, definidos por especificidades de gênero, sendo este visto aqui como a dicotomia mulher/homem.

Nesse sentido, a diferença sexual passa a ser reafirmada, fato que, para as autoras, dificulta a percepção da diferença *entre mulheres*, bem como as distinções *entre homens*. Assim, os estudos de gênero tomam, novamente, outras perspectivas analíticas. Sabe-se que não existe um grupo único *das mulheres*, bem como uma homogeneidade no pensamento e nas ações *dos homens*. Múltiplos sujeitos produzem sujeitos múltiplos¹⁰⁴.

¹⁰⁰ LOURO, 1997: p. 35.

¹⁰¹ MACHADO, 1992: p. 09.

¹⁰² HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: uma primeira avaliação*. In: COSTA, Albertina & Bruschini, Cristina. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos: 1992, p.60.

¹⁰³ LAURETIS, Teresa de. *A tecnologia do gênero*. In. HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, Rocco: 199: p. 206.

¹⁰⁴ “(...) (diferentemente) de uma postura inicial em que se acreditava na possível identidade única entre as mulheres, passou-se a uma outra em que se firmou a certeza na existência de múltiplas identidades. (SOIHET, 1997: p. 277)”.

1.2.4 “Problemas de Gênero¹⁰⁵”

Para Thomas Laqueur¹⁰⁶, ao invés do sexo ser base para a produção do gênero, é este que constitui o primeiro. Através da história da medicina, Laqueur afirma como a diferença entre os sexos constituiu-se em uma invenção cujo cerne remonta ao século XVIII. Pode-se concluir que anteriormente a esta época havia o registro de um único sexo – o masculino. Assim, a *mulher* era considerada um *macho incompleto*. Laqueur cita o anatomista Galeno, o qual dizia que: “As mulheres, em outras palavras, são homens invertidos, logo, menos perfeitas¹⁰⁷”. De acordo com Thomas, foi a partir do conhecimento de dois sexos que se reforçou a diferença, sendo estes considerados muito distintos. Neste caso, foram as relações de gênero que instituíram o sexo. Para o autor,

O sexo, como o ser humano, é contextual. As tentativas de isolá-lo de seu meio discursivo e determinado socialmente são tão fadadas a erro como a busca do *philosophe* por uma criança verdadeiramente selvagem ou os esforços do antropólogo moderno para filtrar o cultural e deixar o resíduo de humanidade essencial. (...) O corpo privado, incluso, estável, que parece existir na base das noções modernas de diferença sexual, é também produto de momentos específicos, históricos e culturais¹⁰⁸.

Nesse âmbito, pode-se inferir que não há sexo pré-discursivo. A perspectiva do autor faz-se relevante na medida em que se considera todo o processo que constitui as relações de gênero ao longo da História como discurso, e, ao quebrar estas proposições biologicistas e universalizantes, objetiva-se superar dicotomias instituídas socialmente. Assim, o reforço da diferença reforça a hierarquia entre homens e mulheres.

A filósofa Judith Butler¹⁰⁹ também questiona a produção acadêmica baseada na categoria de Gênero, afirmando que esta ainda é constituída a partir de uma matriz sexual e heterossexual binária – homem-mulher. Assim, sujeitos que escapam à esta definição dicotômica, estariam excluídos da análise, posto que tratariam-se de imitações/disfunções dos gêneros considerados *naturais*. Para a autora:

¹⁰⁵ Referência à BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 2003.

¹⁰⁶ LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo. Corpo gênero e sexualidade dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro, Relume Dumará: 2001.

¹⁰⁷ GALENO, Apud LAQUEUR, 2001 p. 42.

¹⁰⁸ LAQUEUR, 2001: p. 27.

¹⁰⁹ BUTLER, 2003.

Ser mulher constituiria um “fato natural” ou uma performance cultural, ou seria a “naturalidade” constituída mediante atos performativos discursivamente compelidos, que produzem corpo no interior das categorias de sexo e por meio delas? (...) Que outras categorias fundacionais da identidade – identidade binária de sexo, gênero e corpo – podem ser apresentadas como produções a criar o efeito natural, original e inevitável?¹¹⁰

Seguindo a perspectiva de Foucault sobre o caráter discursivo da sexualidade, Butler propõe que a *performatividade* do gênero é um efeito discursivo, e o sexo é um efeito do gênero. Nesse âmbito, a autora critica a categoria Gênero como uma interpretação cultural baseada no sexo, visto que, bem como Laqueur, Butler focaliza o sexo como uma produção discursiva e cultural, não sendo este *natural*.

Também Jeffrey Weeks¹¹¹ afirma que a sexualidade constitui-se de uma construção social e histórica, baseada nas possibilidades dos corpos. Entretanto, o sentido e o peso que atribuímos à estes corpos biológicos são modelados a partir de situações sociais concretas. Assim, são as relações de poder presentes em determinada sociedade e período histórico que orientam comportamentos e papéis sociais atribuídos ao gênero. Nesse sentido, é necessário historicizar não apenas as relações baseadas no gênero, bem como os corpos que estão aí contidos. Segundo Deborah Britzman,

A sexualidade não deve ser pensada como um tipo de dado natural que o poder tenta manter sob controle, ou como o obscuro domínio que o conhecimento tenta gradualmente descobrir. Ela é o nome que pode ser dado a um construto histórico: não uma realidade furtiva que é difícil de apreender, mas uma enorme superfície em forma de rede na qual as estimulações dos corpos, a intensificação dos prazeres, o incitamento ao discurso, a formação de um conhecimento especializado, o reforço de controles e resistências estão vinculados uns aos outros, de acordo com algumas poucas estratégias importantes de saber e poder¹¹².

Desta forma, Judith Butler¹¹³ relata que as identificações pertencem ao imaginário, sendo esforços fantasmáticos de alinhamento, de lealdade. As identificações não são, nunca, plenamente e finalmente feitas; sendo incessantemente reconstituídas. Elas são aquilo que é constantemente arregimentado, consolidado, reduzido, contestado, e, ocasionalmente, obrigado a capitular; sendo variável conforme os interesses dos grupos que as constroem. Também para Robert Connel, o

¹¹⁰ BUTLER, 2003: p. 08 e 09.

¹¹¹ WEEKS, Jeffrey. *O Corpo e a sexualidade*. In: LOURO, Guacira (org). *O corpo Educado, pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica: 2001: p. 40.

¹¹² BRITZMAN, Débora. *Curiosidade, sexualidade e currículo*. In: LOURO, Guacira (org). *O corpo Educado, pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica: 2001: p. 101.

¹¹³ BUTLER, 2003: p. 105.

gênero é sempre uma estrutura contraditória, o que torna possível sua dinâmica histórica, impedindo um eterno e repetitivo ciclo das mesmas e imutáveis categorias¹¹⁴.

Embora haja novas perspectivas de análise articulando história e relações de gênero vinculadas aos estudos de Judith Butler, Thomas Laqueur aos demais autores citados, creio que as proposições trazidas por Scott ainda permaneçam amplamente difundidas nos debates atuais. A meu ver, o sexo, assim como o gênero, não se constitui em algo dado, e sim, em edificações sociais, culturais e mentais concomitantes com os valores e normas de determinada época, fato bastante difundido pela História, não se constituindo em algo inovador, mas que necessita ser sempre lembrado.

No entanto, penso que a crítica que Butler empreende aos estudos de gênero no tocante ao seu caráter heteronormativo, faz-se melindrosa, na medida em que a autora nivela diferentes perspectivas analíticas baseadas na análise das relações de gênero. Entretanto, é necessário elucidar que as críticas tendem a *balançar* estruturas previamente estabelecidas e, devido a este fato, incita-nos a repensar formas e perspectivas de trabalho, pois a difusão desses referenciais teóricos contribuiu para a abertura de linhas de pesquisa e reflexão sobre gênero não centradas nas mulheres.

Embora este trabalho ainda tenha como foco um conjunto específico de mulheres, as proposições incitadas por estas novas perspectivas analíticas são importantes na medida em que discutem a questão identitária de gênero atrelada ao discurso. De acordo com Butler¹¹⁵, é necessário reformular gênero, de forma que possa conter as relações de poder que produzem o efeito de um sexo pré-discursivo. Gênero seria estilização repetida do corpo, um conjunto de atos reiterados dentro de um marco regulador altamente rígido, que se congela no tempo, produzindo a aparência de uma substância. Ao refletir sobre estas questões, Miskolci e Pelúcio afirmam que:

Em *Bodies that matter*, Butler retomou de maneira esclarecedora o conceito de performatividade e o desassociou da idéia voluntarista de representar um “papal de gênero”, construindo para si um corpo que expresse e marque uma condição de escolha do sujeito que adota uma identidade. Ao contrário, ela demonstrou que a performatividade se baseia na reiteração de normas que são anteriores ao agente e que, sendo permanentemente reiteradas, materializam aquilo que nomeiam. Assim, as normas reguladoras do sexo são performativas no sentido de reiterarem práticas já reguladas, materializando-se nos corpos, marcando o sexo, exigindo práticas mediante as quais se produz uma “generificação”. Não se trata, portanto, de uma escolha, mas de uma

¹¹⁴ CONNELL, 1995: p. 189.

¹¹⁵ BUTLER, 2003: p. 59.

coibição, ainda que esta não se faça sentir como tal. Daí seu efeito a-histórico, que faz desse conjunto de imposições algo aparentemente “natural”¹¹⁶.

Assim, tais normas/discursos regulatórias têm um caráter performativo, um poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam, reiterando constantemente as regras de gênero. A partir destas afirmações, parto do pressuposto de que a imprensa e seus discursos, ao *descrever* os sujeitos, definem papéis e identidades *apropriados* e distintos a homens e mulheres. Segundo Tânia Swain¹¹⁷, a diferença está sendo construída no próprio momento em que as imagens e os discursos são divulgados. A diferença existe, isto é inegável, de um indivíduo para outro, mas não fundada na essência dos corpos marcados de sexos, e sim, em sua construção pelas pedagogias sociais múltiplas. Busco, desta forma, desenvolver minha análise.

¹¹⁶ MISKOLCI, Richard & PELÚCIO, Larissa. *Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis*. Gênero sem. 2007. Niterói, v. 7, n. 2: p. 255-267.

¹¹⁷ SWAIN, Tânia Navarro. *Entre a vida e a morte, o sexo*. In: Labrys, N° 10. jul-dez de 2006.

2 RIO GRANDE E O TEMPO

2.1 O JORNAL *O TEMPO* E SEUS PERSONAGENS: AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO

As posições do sujeito (que fala) se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos (...) utiliza intermediários instrumentais que modificam a escala da informação, deslocam o sujeito em relação ao nível perceptível médio ou imediato, asseguram sua passagem de um nível superficial a um nível profundo, o fazem circular no espaço interior do corpo¹.

2.1.1 A “Família” Cadaval

A edição do jornal *O Tempo* de 24 de dezembro de 1927 trazia, aos leitores, em nota de primeira página, os votos de “Boas Festas da Família Cadaval”. Era frequente, em datas comemorativas, a exemplo do Carnaval e da Páscoa, a publicação destas felicitações por parte deste veículo de comunicação. No entanto, não se trata de uma empresa familiar, e sim, de um grupo de indivíduos que fazem parte do periódico, sendo Alípio Cadaval o fundador e gerente deste, o patriarca da “família”. A alusão a este termo aponta não só para o desejo de evidenciar uma certa coesão da equipe responsável pela circulação do jornal, bem como para caráter patriarcal vigente nas relações sociais do contexto estudado.

Nesse sentido, *O Tempo* circulou na *urbe* rio-grandina entre os anos de 1906 a 1960, sendo um dos periódicos mais populares entre as camadas letradas que habitavam a cidade. O acervo da Biblioteca Rio-Grandense, onde foi realizada a coleta dos artigos deste jornal, conta com exemplares a partir 1907 até o último ano de sua publicação, em 1960. O noticiário tratava de variados assuntos: discorria sobre política e economia regional, nacional, e internacional; abordava temas humanísticos e filosóficos; cobria eventos esportivos, sociais, e artísticos.

O periódico analisado apresentava-se de um diário² impresso em formato Padrão (70 cm x 55 cm), papel-imprensa, contando com quatro páginas, sendo a primeira lauda destinada primordialmente às notícias, às seções e aos artigos, os quais discorriam acerca de assuntos em voga no período, entre estes, a questão do movimento feminista.

¹ FOUCAULT, 2008: p. 58.

² Publicação diária, exceto nas segundas-feiras.

Também pude averiguar a existência de propagandas, as quais eram publicadas em todas as páginas; sendo a quarta destinada exclusivamente para este fim. A segunda folha do periódico era composta por ocorrências policiais, tais como badernas em festas e bares, violência doméstica, roubo e afins, tratando-se de pequenas notas informativas. Já a terceira página era marcada pela divulgação de eventos sociais que ocorriam na cidade, principalmente à programação teatral e dos cinemas. Os títulos dos filmes reproduzidos no período traziam à luz concepções identitárias do masculino e, de forma mais incisiva, do feminino, e, por isso, retomarei esta discussão posteriormente.

Todos os textos analisados neste estudo se encontravam na primeira página do diário, sendo, em sua maioria, produções locais, e alocados nas sessões editoriais – as quais refletiam a opinião da empresa, da direção/gerência ou da equipe do jornal, sem a obrigação de ter alguma imparcialidade. Foram investigados ainda, alguns artigos que eram colaborações de periódicos advindos de outros Estados, com ênfase àqueles publicados no Rio de Janeiro, os chamados “artigos opinativos”. Porém, todos versavam sobre o tema da “emancipação da mulher”, em seus mais diferentes aspectos.

No tocante ao espaço ocupado por estes textos nas páginas do diário, era evidente a ênfase dada aos mesmos, pois, além de serem publicações de primeira página, frequentemente tratavam-se de artigos extensos, os quais eram impressos em duas, ou mesmo três colunas de *O Tempo*. Tendo em vista que o jornal seguia o formato *Standart*, contando (com aproximadamente 70 cm de comprimento), estes textos, em geral mereciam o olhar privilegiado dos leitores(as) da época.

Assim, a escolha do referido jornal como a principal fonte de meu trabalho se fez devido à imensa relevância que o mesmo atribuiu ao movimento feminista e suas implicações, publicando extensa quantidade de artigos acerca do tema em questão. Ao refletir sobre o uso do jornal como fonte histórica, Tânia de Luca³ afirma que o pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um cabedal de questionamentos, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa.

Além disso, ter sido publicado implica enfatizar o destaque conferido ao acontecimento, assim como para a localidade em que se deu a publicação: é muito distinta a relevância do que se

³ LUCA, Tânia Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKI, Carla Bassanezi (Org). *Fontes Históricas*. São Paulo, Contexto: 2005: p. 139.

encontra na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um periódico – caso dos artigos deste estudo – e o que fica relegado às páginas internas⁴.

Partindo desta premissa, Murilo Gontijo relata que:

(...) Se nos períodos anteriores ao século XX, o jornalista era apenas um indivíduo que, guiado por critérios cronológicos, dispunha discursos em páginas, agora ele é um profissional que seleciona dentre uma infinidade de acontecimentos aqueles que merecem ser levados ao conhecimento público. Além de definir o que é noticiável, o jornalista passa a construir textos com características particulares, nos quais a narrativa não é mais definida pela ordem cronológica, mas pela ordem de importância daquilo que pode ser captado no acontecimento⁵.

No entanto, a supressão da assinatura em muitos artigos coletados, e o fato da não existência “explícita⁶” de uma seção editorial suscitaram dúvidas quanto à autoria e a posição assumida pelo periódico. No ano de 1923 foi instaurado um decreto, (que vinha tramitando no Senado desde 1922), o qual visava o emprego de mecanismos legais que cerceassem a liberdade de imprensa. Entre outras determinações, tal legislação proibia o anonimato, sendo o jornal:

Obrigado a estampar no seu cabeçalho os nomes do diretor ou redator principal e do gerente, que deveriam estar no gozo de seus direitos civis e ter residência no lugar onde era feita a publicação; bem como indicar a sede da administração e do estabelecimento gráfico. No caso dos artigos publicados em seções ineditoriais, deveriam conter a assinatura dos respectivos autores, assim como indicação de sua residência e profissão⁷.

Tendo em vista que uma relevante parcela dos artigos coletados foram publicados após 1923 e cuja identificação não se encontrava explicitada, concluiu-se que os mesmos estavam inseridos nas seções editoriais, pois todos estavam alocados na primeira página do periódico *O Tempo*, como já exposto, sendo, em sua maioria, impressos também na primeira coluna do referido diário.

Embora pudessem constituir opiniões alheias, a direção do jornal parecia concordar com tais propostas, pois não seguia os procedimentos legais acima citados, sendo que geralmente os

⁴ IDEM, p. 140.

⁵ GONTIJO, Murilo M. *Contribuição à Construção de uma Perspectiva Híbrida para o Jornalismo Contemporâneo*. Texto apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação-Salvador/BA-1º a 5 de setembro de 2002 e retirado de <http://www.intercom.org.br/papers/xxv-ci/np02/NP2GONTIJO.pdf>.

⁶ Aborda-se o termo ‘explícita’ entre aspas, pois não havia uma nomenclatura específica para esta seção, ou seja, todos os artigos que não contavam com a assinatura de seus autores e estivessem presentes na primeira página e, geralmente, na primeira coluna, seriam editoriais?

⁷ ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique. *Imprensa e História*. Porto Alegre, Associação dos Pós-Graduandos em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: 1997, p. 55.

textos traziam apenas a inscrição do primeiro nome do autor, sem sobrenome, profissão ou endereço.

Nesse sentido, a publicação de tais idéias contava com o respaldo da diretoria do jornal, ou, o que é mais freqüente no caso dos editoriais, era escrito pelo próprio diretor, neste caso, Alípio Cadaval. Ressalto que ambas as seções – editoriais ou opinativas – imprimiam concepções semelhantes sobre a mulher e o feminismo, tais sejam estas baseadas em papéis e identidades fixas e dicotômicas a homens e mulheres.

Desta forma, pode-se apreender que, para Bourdieu, ao tomar como parâmetro a proposta de Austin⁸ acerca da visão performativa da linguagem, “as condições a serem preenchidas para que um enunciado performativo tenha êxito se reduzem à adequação do locutor (ou melhor, sua função social) e do discurso que ele pronuncia⁹”. Assim, o uso da linguagem depende da posição do locutor no interior de uma dada sociedade.

O uso da linguagem, ou melhor, tanto a maneira como a matéria do discurso, depende da posição social do locutor que, por sua vez, comanda o acesso que se lhe abre à língua da instituição, à palavra oficial, ortodoxa, legítima. O acesso aos instrumentos legítimos de expressão, e, portanto, a participação no quinhão de autoridade institucional, está a raiz de *toda* a diferença – irredutível ao próprio discurso – entre a mera impostura dos “mascaradores” que disfarçam a afirmação performativa em afirmação descritiva ou constativa e a impostura daqueles que fazem a mesma coisa com a autorização e a autoridade de uma instituição. O porta-voz é um impostor provido de cetro¹⁰.

Ao discorrer sobre o estatuto do autor, Foucault¹¹ afirma que este não é apenas o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu o texto, mas antes, um princípio de agrupamento do discurso, referência de unidade. O autor, para Foucault, é aquele que permite a inserção do que foi dito no real. Não se nega aqui, pois, a existência do indivíduo por trás da obra, mas destaca-se a sua função no interior da mesma. No caso em questão, pode-se perceber que esta unidade pode ser dada através da inserção do termo “família” para descrever o grupo que idealizava o jornal *O Tempo*.

Nesse sentido, dar-se-á voz aos agentes envolvidos no processo histórico e discursivo a ser analisado. Alípio Cadaval desempenhou importante papel neste estudo, pois este além de proprietário do periódico estudado foi também seu primeiro diretor. Almejando o entendimento

⁸ AUSTIN, John L. *Performativo – Constativo*. Tradução de Paulo Ottoni. IN: Ottoni, Paulo. *Visão Performativa da Linguagem*: Campinas, SP: Editora da UNICAMP: 1998.

⁹ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas. O que falar quer dizer*. São Paulo, EDUSP: 1996, p. 89.

¹⁰ BOURDIEU, 1996, p. 88 e 89.

¹¹ FOUCAULT, 1996, p. 28.

dos discursos publicados sob a coordenação de tal jornalista – o período estudado coincide com as décadas de sua diretoria – é necessário elucidar alguns pontos sobre a vida e a carreira jornalística deste personagem.

O fundador de *O Tempo* nasceu na cidade do Rio Grande em 05.03.1867, tendo passado sua infância na mesma. Já na adolescência, mudou-se para São Leopoldo, objetivando completar o curso de Humanidades no Colégio N.S. da Conceição, sendo nomeado, posteriormente, adjunto do Procurador Geral da República em Porto Alegre, cargo que exerceu por alguns anos. Ao retornar à sua cidade natal, iniciou a carreira de jornalista¹². Além disso, era representante do Rotary Club de Pelotas nas décadas de 1920/30; e foi indicado para ser associado do Grêmio de Letras do Rio Grande, no qual tornou-se sócio-titular, em 1938.

Como jornalista, atuou no periódico *A Tribuna do Povo*, no qual publicou os artigos-editoriais, tornando-se redator do mesmo entre os anos de 1897 e 1899. Posteriormente, exerceu o cargo de redator-chefe do *Diário do Rio Grande*, até fundar o seu próprio jornal, ao qual denominou *O Tempo*. Tratava-se de um vespertino diário, que circulou na cidade entre 1906 e 1939 – ano da morte de Cadaval¹³. Na ocasião, o jornal deixou de ser publicado, mas por curto período, pois o periódico voltou a circular durante cerca de 20 anos sob a orientação e direção do jornalista Saul Porto¹⁴, até a data da morte deste, em meados de 1960. Porto, adquiriu, por comodato, a tipografia e o jornal, que foram de Alípio Cadaval, já no ano de 1939.

Deste modo, partindo da perspectiva bourdisiana sobre a autoria, declara-se que o diretor do jornal era respaldado pela instituição *imprensa*, ou seja, o mesmo contava com legitimidade perante seus pares, pois possuía seu próprio diário e experiência no campo jornalístico. Além disso, Cadaval emergiu das camadas abastadas presentes na cidade do Rio Grande, tendo exercido cargos proeminentes no que concerne ao *capital simbólico*, seja este cultural, político ou intelectual¹⁵ de tal grupo social.

É relevante destacar que não há uma hierarquização rígida no tocante aos modos de conduta e moralidade dos múltiplos e distintos grupos que habitam as cidades¹⁶, sendo que a legitimidade do porta-voz poderia ultrapassar os horizontes do núcleo em que estava inserido. No

¹² Não foram encontrados registros de datas neste sentido.

¹³ Ocorrida a 1º.06.1939.

¹⁴ Sendo este natural de Rio Grande, onde nasceu a 15.09.1897.

¹⁵ Sendo este, respectivamente: representante do Rotary Club de Pelotas, Procurador Geral da República em Porto Alegre e sócio-titular do Grêmio de Letras do Rio Grande.

¹⁶ Toma-se como parâmetro, aqui, a noção de *circularidade* cunhada por Carlo Ginzburg, sendo assim percebida a constante e incessante relação de trocas culturais entre distintos grupos sociais.

entanto, retornando à perspectiva foucaultiana sobre a função do autor, esta legitimidade não é dada pelo indivíduo que pronuncia o discurso, e sim pelo lugar em que o mesmo foi dito. Não apenas Cadaval possuía o “cetro” descrito por Bourdieu, também o jornal, e seus respectivos articulistas – enunciadores – como um conjunto homogêneo.

Tendo em vista estes pressupostos, qual seria, então, a eficácia atribuída ao discurso? Baseando-se em referenciais concernentes aos papéis que cada indivíduo deveria cumprir no contexto social, os quais encontravam-se arraigados nas mentalidades de distintos grupos de sociabilidade, os *enunciados performativos*¹⁷ adquiririam eficácia na medida em que há o reconhecimento de quem diz, e, conseqüentemente, daquilo que foi dito, pelos receptores da mensagem. Como explicitado anteriormente, ambos parecem possuir legitimidade perante os enunciatários, fato que, associado ao domínio dos códigos de linguagem pelos enunciadores, permite as condições necessárias para o entendimento eficaz do enunciado.

Também para Barros¹⁸, os textos – discursos – são produzidos em lugares definidos não apenas pelo sujeito que narra, pelo estilo e/ou pela história de vida deste, mas, principalmente, pela sociedade que o envolve, pelas dimensões deste conjunto social que penetram no autor, e através deste, nos seus escritos.

Embora esta pesquisa não contemple informações acerca da tiragem do periódico estudado, sua permanência no decorrer dos anos enfatiza a relevância do jornal para a cidade, posto que o mesmo foi publicado quase ininterruptamente por seis décadas e, após o período de recesso, retornou com sua nomenclatura original, acrescida de termos que destacam sua nova roupagem, como gráfica e editora, pois após uma pausa de aproximadamente vinte anos, em dezembro de 1988, o periódico retomou suas atividades na cidade do Rio Grande.

Não mais como órgão diário, mas como jornal semanário, com os seguintes dados: *Propriedade da Gráfica e Editora O Tempo LTDA*, com publicidade, redação, circulação e composição – rua Benjamim Constant, 355, tendo por diretor Antonio Edson Figueiredo dos Santos, jurista e vereador rio-grandino: Editor-chefe Bacharel Ramão Freitas; gerente José Marques dos Santos e composição Vânia Gonzáles. No auge de sua existência¹⁹, *O Tempo* – um dos mais longevos e importantes jornais da cidade do Rio Grande – era publicado juntamente à outros periódicos diários, tais como *A Lucta*, folhetim comerciário que circula na cidade até os

¹⁷ BOURDIEU, 1996, p. 95.

¹⁸ BARROS, José D. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis Vozes: 2004, p. 137.

¹⁹ Cujo cerne encontra-se sob a orientação de Cadaval.

dias de hoje; o *Diário do Rio Grande*²⁰ jornal de oposição ao governo da República Velha, assim como o *Echo do Sul*,²¹ entre outros.

Retornando a questão das “condições de produção do discurso” Barros²² afirma que todo o texto tem um destino, sendo que o receptor auxilia na construção do mesmo, pois o sujeito que pronuncia o discurso antecipa certas expectativas daquele que irá recebê-lo, seja para contemplá-las ou para afrontá-las. “Qualquer texto visa um receptor (ou um ‘lugar de recepção’), porque ele tem uma ‘intenção’ (uma mensagem que quer ser transmitida ou uma informação a ser registrada)²³”.

Assim, os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que o cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir²⁴. Pode-se apreender que a *cena enunciativa*²⁵ constitui-se em aspecto primordial no interior da Análise de Discurso. Indursky²⁶ afirma que interlocutores, situação, contexto histórico-social, juntamente com a superfície lingüística, participam do objeto do discurso e fazem parte de seu processo de significação.

Tendo em vista que a temática do feminismo era latente não só no jornal analisado, mas nos meios de comunicação em geral no período, busco dialogar com Foucault²⁷, na medida em que os objetos que formam os discursos modificam-se conforme o período histórico:

As condições para que apareça um objeto de discurso, as condições históricas para que dele se possa “dizer alguma coisa” e para que dele várias pessoas possam dizer coisas diferentes, as condições para que ele se inscreva em um domínio de parentesco com outros objetos (...) essas condições, como se vê, são numerosas e importantes. Isso significa que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época²⁸.

²⁰ (1848-1911).

²¹ (1856-1937) “desde os primeiros tempos, o jornal filiou-se à causa do Partido Conservador, vinculação que se tornou ainda mais direta a partir da década de oitenta, quando o jornal transformou-se num ‘órgão partidário’ ALVES, 2001: p. 103”.

²² BARROS, 2004: p. 138.

²³ IDEM, p. 138.

²⁴ IDEM.

²⁵ Conceito cunhado por Maingueneau, cujo sentido assemelha-se às chamadas “condições de produção do discurso” (Orlandi), termo já explicitado aqui.

²⁶ INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e outras vozes*. São Paulo, Editora da Unicamp: 1997, p. 22.

²⁷ FOUCAULT, 2008: p. 50.

²⁸ IDEM, IBIDEM.

Com base nesses pressupostos, ao analisar a fonte pesquisada, cujo grande número de informações *sobre* as mulheres motivou a presente pesquisa, é importante destacar que a escassez de vestígios acerca do passado das mulheres constitui-se num dos grandes problemas enfrentados pelos historiadores.

Em contrapartida, encontram-se mais facilmente *representações*²⁹ sobre a mulher que tenham como base discursos, geralmente masculinos ou masculinizantes³⁰, determinando quem eram as mulheres e qual seria o seu papel na sociedade. Nestes casos, fala-se sobre mulheres que perturbaram a ordem pública – como àquelas ligadas ao movimento feminista, objeto de meu estudo – destacando-se documentos policiais, aliados aos processos criminais, e também os *jornais*³¹. Segundo Perrot,

(...) Existe uma abundância, e mesmo um excesso, de discursos sobre as mulheres, avalanches de imagens, literárias ou plásticas, na maioria das vezes obra dos homens, mas ignora-se quase sempre o que as mulheres pensavam a respeito, como elas se viam ou sentiam. Das mulheres, muito se fala. Sem parar, de maneira obsessiva. Para dizer o que elas são e o que elas deveriam fazer.³²

Assim, os textos analisados, fossem estes editoriais ou opinativos, traziam a marca do discurso normativo, com base em concepções masculinas – ou seja, eram discursos *sobre* estas e não *destas*, o que não significa que não havia mulheres pensando dessa forma masculinizante, em favor do *status quo* vigente no período, o qual se baseava em uma hierarquia de gênero rígida no que concerne as relações de poder.

Relevante, ainda, é destacar os chamados *procedimentos de exclusão* do discurso, com enfoque para a *interdição*. Para Foucault, é a partir desta que os discursos são produzidos, interditados no que concerne à sua circunstância específica, ao direito do sujeito que fala e ao que é dito. Segundo o autor, os campos da sexualidade e da política se fazem os mais atingidos pelas interdições, “(...) como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo

²⁹ Grifo meu.

³⁰ O termo é usado para designar discursos cujo conteúdo está em favor da *dominação masculina* (Bourdieu), independentemente se foi produzido por homens ou mulheres.

³¹ Grifo meu. SOHIET, Rachel. *História das Mulheres*. In: CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo. (org). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro, Campus: 1997, p. 295.

³² PERROT, Michele. *Minha História das Mulheres*. São Paulo, Contexto: 2007, p. 22.

privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes³³” como podemos perceber a partir do trecho a seguir:

A mulher

O homem é a cabeça, mas a mulher é o coração da humanidade; elle é o juizo – ella é o sentimento; elle é a força, ella a graça, o adorno, o consolo. Assim, enquanto o homem dirige a intelligencia, a mulher cultiva os sentimentos que mais determinam o caráter.

É muito bonito e pratico que as mulheres sejam tão bem preparadas que possam auxiliar o comercio, etc; isso porem deve acontecer somente em casos de necessidade, findos nos quaes ella volte a exercer no seu lar, o seu papel de educadora, porque o que são também muito necessárias a instrucção, a firmeza, a bondade e a constancia³⁴.

Assim, as mulheres são interdidas no que se refere às suas ações no terreno público, devendo exercer tais funções apenas em caso de necessidade, ou seja, sua vivência devia ser primordial e, se possível, exclusivamente, voltada ao âmbito doméstico. No entanto, também aos homens é dirigida a norma, visto que deles se espera, também atitudes e posturas “adequadas” à sua posição na sociedade, sendo estas imbricadas à razão e à esfera pública e política.

Nesse âmbito, as imagens e representações sociais do feminino e do masculino – interdito no que concerne à sexualidade – que habitavam neste periódico destacavam para uma pesada divisão de poderes e importância na sociedade, cujos valores ficavam impressos no texto. Assim, algumas superfícies discursivas apontam para a construção/reiteração de papéis na sociedade³⁵, sendo que este parece ser o caso do jornal pesquisado.

Desta forma, passarei a descrever alguns aspectos da fonte e da sociedade escolhidas como objetos deste estudo, objetivando uma maior compreensão deste jornal, cujas páginas revelavam uma grande inquietação acerca do movimento feminista, bem como idéias definidas sobre os papéis que cada gênero deveria cumprir na sociedade. Nesse sentido, como o feminismo foi descrito neste periódico? Quais foram seus desmembramentos, e se/como, para o jornal, este movimento pôde influenciar distintos aspectos da sociedade?

³³ FOUCAULT, 1996, p. 9 e 10.

³⁴ O Tempo, 09/04/1922 – Domingo, 1ª p. 3ª e 4ª colunas.

³⁵ SWAIN, 2007, p. 04.

2.2 DISCURSIVIDADES NA CIDADE

2.2.1 Feminismo n' *O Tempo*

A longevidade deste diário trouxe à luz algumas características interessantes da sociedade trabalhada, pois foi necessário o respaldo desta para a manutenção da imprensa local. Nesse sentido, o contexto da cidade do Rio Grande será trabalhado a partir de notícias e artigos publicados no jornal estudado, e não exteriormente a este, visto que a historiografia produzida sobre a *urbe* rio-grandina privilegiou o século XIX em suas análises. Assim, pôde-se aferir que existe um número reduzido de trabalhos que tiveram como palco a cidade do Rio Grande no século XX³⁶.

Além disso, o fato de utilizar a fonte para entender a sociedade que a produziu é relevante na medida em que, segundo Alves:

A imprensa escrita, desde sua popularização como veículo de comunicação, tem exercido um significativo papel ao longo das transformações de diversas sociedades contemporâneas. Presentes em diversos movimentos revolucionários, os jornais contribuíram como propagadores de ideais inovadores, assim como, estiveram também ao lado de forças conservadoras, em busca da manutenção de determinado *status quo*. A importância da imprensa tem sido tão evidente que ela chegou a ser denominada de “quarto poder”, ao marcar sua presença, fiscalizando, criticando, elogiando, atacando, apoiando, censurando, agindo, enfim, como elemento determinante da formação histórica das mais diferentes comunidades³⁷.

Assim, como se justifica a existência de um jornal nos moldes de *O Tempo*? Qual é a *ordem do discurso* difundida pelo diário? O trecho do artigo a seguir, intitulado *A Decadência da Mulher*, irá conduzir a discussão proposta neste subcapítulo. Este texto foi publicado nas três primeiras colunas do diário, ocupando aproximadamente metade da página principal, visto o destaque conferido ao assunto, mas que, por motivos metodológicos será dividido em cinco partes, e, ainda assim, não estará disposto, aqui, em sua totalidade. Partindo desta publicação, procuro explicitar o contexto em que se inseria *O Tempo*, objetivando o entendimento das relações de poder instauradas com o advento do movimento feminista no país.

³⁶ Além de existirem poucos trabalhos que versam sobre o período, estes geralmente são de difícil acesso, tendo em vista que grande parte destes foram pesquisas amadoras, e não se encontram disponíveis ao acesso público.

³⁷ ALVES, 1997, p. 15.

(...) Dois dedos de prosa sobre os chamados triunfos do feminismo. Na hora em que as mulheres de nariz ao alto, vão assumindo posições do mando, a medida que ellas sobem num revôo fácil de saias, nós, os homens, vamos constatando, paralelamente, uma coisa mais do que dolorosa: - a apressada decadência da mulher (...) ³⁸.

Neste parágrafo é possível constatar a questão da consciência masculina em relação à “inconseqüência” das mulheres ao almejarem assumir posições de mando. Além de introduzir a discussão sobre o feminismo, este primeiro trecho pode-se apreender a frivolidade com que os homens estão descrevendo tais anseios e reivindicações, como fica evidente na frase “revôo fácil de saias”. Além disso, a frase em questão desacredita a luta empreendida pelo movimento feminista, pois trata as reivindicações deste como facilmente conquistadas/conquistáveis.

Ao assumir posição contrária ao feminismo, o jornal imprime sua opinião sobre o assunto em voga no período, descrevendo estes avanços como responsáveis pela “decadência da mulher”. Cientes do que significaria a inserção feminina nos mais diversos âmbitos de atividade no país, os articulistas do periódico pareciam empenhados em manter o *status quo* vigente no período, relegando às mulheres apenas o universo doméstico. Nesse sentido, para Rüdiger, o jornalismo é visto como:

(...) uma prática social componente do processo de formação da chamada opinião pública: prática que, dotada de conceito histórico variável conforme o período, pode estruturar-se de modo regular nos mais diversos meios de comunicação, da imprensa à televisão ³⁹.

Nesse âmbito, partindo da concepção foucaultiana de “ordem do discurso” ⁴⁰, percebe-se que o texto impresso no periódico trouxe em seu bojo procedimentos internos de controle e delimitação do discurso, dos quais, destaca-se aqui, a ordenação classificada como *comentário*. Este, para o autor, possui a funcionalidade de construir, incessantemente, novas orações, reafirmando, ainda, o texto primeiro, repetindo-o indefinidamente ⁴¹. Aproximando-se desta concepção, Maigne denomina tal princípio de *deixis fundadora*:

³⁸ O Tempo, 11/10/1919 – Ano XIII, nº 258. 1ª p. 1, 2 e 3ª colunas. Grafia mantida de acordo com a original.

³⁹ Rüdiger, Francisco R. *Tendências do Jornalismo*. Ed. UFRGS, 3ªed, Porto Alegre, 2003.

⁴⁰ FOUCAULT, 1996, p. 07.

⁴¹ IDEM: p. 25.

A deixis fundadora deve ser entendida como a(s) situação(ões) de enunciação anterior(es) que a deixis atual utiliza para a repetição e da qual retira boa parte de sua legitimidade. (...) Uma formação discursiva, na realidade, só se pode enunciar de forma válida se puder inscrever sua alocação nos vestígios de uma outra deixis, cuja história ela institui ou “capta” a seu “favor”⁴².

Nesse sentido, o comentário imbricado ao discurso de *O Tempo* centrou-se na questão das “diferenças” femininas em relação ao masculino. Desta forma, enfatiza-se que são sempre as condições históricas específicas que nos permitem compreender melhor, em cada sociedade, as relações de poder que estão implicadas nos processos de submetimento dos sujeitos⁴³, construtoras de hierarquias e dicotomias rígidas entre os gêneros. No trecho a seguir, o binarismo presente nas relações de gênero é ainda mais evidente:

A mulher está, lamentavelmente, em declínio no que ella tinha de feminino e dominador. Poderosa, política, mandona, directora disso ou daquilo, a mulher não mais terá o poder de dominar o homem (...) A vida mais áspera e encardida do labutar quotidiano pertencia e deveria pertencer a nós outros tão somente para isso foi que nascemos; a natureza nos fez de rude aspecto, de mãos mais rijas, de mais largos hombros. Apareceu no mundo a mulher para o effeito único da premiação dos nossos esforços e labores (...)

Neste parágrafo fica clara a associação entre o trabalho manual – frequentemente ligada à parcela da população menos favorecida financeiramente – e a virilidade atribuída ao sexo masculino, fato que acentua as desigualdades no que concerne às relações de gênero, ao criar/divulgar papéis sociais específicos a cada sexo naquele contexto.

Além disso, o texto enfatiza as diferenças entre o trabalho doméstico e o público/político, portanto, além de tolher a participação feminina no espaço público e marcar as diferenças de papéis na sociedade, o jornal denigre, de certa maneira, a imagem da dona-de-casa, pois desconsidera o trabalho doméstico, tratando-o como menos importante que o labor manual/político. É interessante notar certas contradições e dubiedades do discurso, as quais irão se repetir em outros aspectos da produção discursiva.

Nesse sentido, ressalto que, embora o periódico se dirigisse às camadas abastadas da cidade, o texto enfatizava aspectos mais amplos no que se referia às conquistas femininas, entre estas, a inserção das mulheres no mercado de trabalho e as conseqüentes lutas empreendidas em prol de melhores condições aos assalariados.

⁴² MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas, SP, Pontes: 1989, p. 42.

⁴³ LOURO, 1997, p. 53.

Sendo a publicação deste artigo datada no ano de 1919, destaca-se que o período que compreende os anos de 1917 a 1920 é considerado um dos mais relevantes para a história do movimento operário brasileiro, devido às numerosas greves e mobilizações de trabalhadores em muitas regiões do Brasil, entre elas o Rio Grande do Sul⁴⁴. As associações entre o feminismo e as conquistas trabalhistas impressas no jornal estudado parecem evidentes no parágrafo acima.

Para Bartz⁴⁵, uma das expressões mais significativas deste movimento operário foi a constituição de uma imprensa própria, a qual, para o autor, não tinha somente a intenção de informar, mas também de conscientizar a camada operária e promover solidariedade entre os diversos centros de militância do país.

A cidade do Rio Grande foi palco propício às reivindicações trabalhistas, pois a industrialização local e, conseqüentemente, os operários, eram notáveis em relação às demais cidades do Estado. Entre as fábricas de maior porte, destaco a Rheingantz (têxtil), Swift (alimentos), e a Poock (charutos)⁴⁶. Apesar do movimento em questão lutar por causas diferenciadas àquelas do feminismo, ressalto a importância do operariado feminino neste contexto, tendo em vista que as mulheres constituíam mais da metade dos trabalhadores na Rheingantz e Swift, enquanto na fábrica de charutos Poock a mão-de-obra era eminentemente feminina. Assim, a imbricação entre conquistas operárias e o feminismo também são evidentes no trecho a seguir:

uma coisa é certa: - não pensem as mulheres que, com sua entrada no eixo, irá aumentar-se a riqueza do mundo. Absolutamente não aumentará. O homem, cansado de vinte séculos de labuta, cederá de bom grado o posto e recolher-se-á calmamente à ociedade a que faz jus. Nós lutávamos sempre para a mulher. Agora, se a mulher dispensa, por altruísmo ou não sei que sentimento, esse sacrifício, ao homem será immensamente grato cruzar os braços e bocejar à margem da árdua actividade em que se vinha esfaldando desde que a natureza o creou.

Aqui é ainda mais evidente o caráter normatizador do texto, marcando dicotomias “naturais” para homens e mulheres. Segundo a produção discursiva do jornal, se estes papéis se

⁴⁴ BARTZ, Frederico Duarte. *Solidariedades impressas (1917-1920): o jornalismo operário como forma de ligação entre o movimento operário gaúcho e os trabalhadores organizados do centro do país no período das grandes greves*. Anais do IX Encontro Estadual de História: Vestígios do passado, a História e suas fontes. S/ data, p. 02.

⁴⁵ IDEM.

⁴⁶ “Os principais ramos industriais da época foram o têxtil, em primeiro lugar e a seguir a alimentação, incluindo bebidas e vestuário”. KÜHN, Fábio. *Breve História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Leitura XXI: 2004. p. 120. O autor se refere ao Estado em geral, e não apenas à Rio Grande.

invertissem, não aconteceria nada de produtivo à sociedade, pelo contrário, já que os homens parecem conhecer melhor os tais séculos de labuta.

Neste âmbito, creio que, embora a “primeira onda” do feminismo sufragista no Brasil estivesse articulada, de forma mais efetiva, aos interesses de mulheres brancas, heterossexuais e financeiramente privilegiadas residentes nas cidades, neste momento – no mesmo ano de 1919, quando ocorreram as greves operárias, fundou-se, no Rio de Janeiro, a Liga pela Emancipação Feminina – parece haver um certo receio, por parte do periódico estudado, de que o movimento feminista ampliasse suas bases de apoio entre o numeroso contingente de trabalhadoras mulheres presente na cidade do Rio Grande.

Calcada no ideário positivista – no qual se acreditava que ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino “natural” das mulheres, sendo a maternidade, o casamento e a dedicação ao lar parte da “essência” feminina, sem História e possibilidades de contestação⁴⁷ - a produção discursiva empreendida pelo jornal analisado visava reafirmar, *comentar*, repetir tal concepção no que concerne a “verdadeira identidade feminina”. Construindo um texto novo, o periódico trazia à luz o debate relativo à condição feminina no período. Tendo em vista que o movimento feminista caminhava a passos largos no cenário nacional, desde finais da década de 1910, o que parece ter causado certo furor na sociedade brasileira, o princípio do comentário se fazia presente de maneira indelével no discurso produzido pelo jornal estudado.

Assim, apropriando-se de identidades binárias referentes ao sexo, *O Tempo* divulgava os motivos à *decadência da mulher* desmerecendo o trabalho feminino e exaltando o *sacrifício* dos homens para que as mulheres pudessem manter-se *divinas*, como se pode apreender a partir da leitura do seguinte parágrafo:

A mulher caminha, sem o sentir, a largas passadas, para a sua decadência. É a maior inimiga de si mesma. Esta se desvencilhando do que tinha de archanjo e divino, pra se immiscuir no incolor da vida do homem. (...) Não mais veremos tipos femininos triumphando pela fragilidade de mimosa e saltitante, mas typos de mulheres aduncas, cheiradiças, intrometidiças, feiarronas e detestáveis. Morrerá o chamado sexo fraco e aparecerá um outro esquecido e anti-natural – o sexo neutro (...) Isso é uma hypothese.

A inversão de papéis a qual o jornal descrevia aponta, ainda, para algo inevitável: as mulheres deixariam de existir como mulheres “naturais”. Antes lindas e divinas, agora seriam

⁴⁷ BASSANEZI, Carla. Mulheres nos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo, Editora Contexto e Fundação UNESP: 1997, p. 609.

feias e detestáveis. Segundo o jornal, ela mesma buscava sua decadência. Por que abandonar o papel de “anjo tutelar”? Por que abandonar a instituição familiar? O que mais as mulheres podiam desejar além de serem mães, esposas e filhas dedicadas? Na sequência, o jornal aprofunda, ainda, a questão da identidade “feminina”:

Pode-se formular outra: - Convenhamos que o homem, ao envez de recuo ante o concurso da mulher, tome-se de brios e também avance, unhe e forceje, procure vencer a mulher. Debalde será. A mulher, tomando o freio, irá até ao fim. Procurará ser tudo na vida. Tudo mesmo, esquecendo-se por completo de que é mulher (...)

As mulheres, segundo a opinião do jornal, ao lutarem por seus direitos de forma incisiva, perderiam seu estatuto de “Mulher”, igualando-se aos homens em distintos aspectos. Aqui se pode perceber a histórica descrição das feministas como viragos, masculinizadas e “aduncas”. Esta nova possibilidade de uma identidade para as mulheres, mesmo que descrita pelo periódico como uma não-identidade feminina, ou mesmo masculina, contrariava o ideal da boa e casta mulher, preocupada somente com o âmbito privado.

Desta forma, a partir da pesquisa realizada, pude apreender o quão melindroso era o movimento feminista aos articulistas do periódico. Embora não possa afirmar a difusão destas idéias no interior da sociedade, parece evidente esta intenção por parte do jornal, posto que, no período de 1919 a 1932 – delimitação temporal deste trabalho – o diário publicou aproximadamente 150 artigos versando acerca dos temas feminismo/mulher/educação/trabalho/papéis sexuais/família/moda/cinema. Embora o tom destas publicações oscile com o decorrer dos anos, há uma preocupação por parte do periódico, em divulgar/criticar os “avanços da mulher”, e sua consequente masculinização em diferentes setores sociais:

(...) Em nome dos cabellos futuros, ou melhor, dos cabellos das mulheres futuras, peço-lhe, excellentissima amiga, que recomende ás senhoras e senhorinhas das suas relações que não cortem o cabelo – isso só servirá para espalhar entre as mulheres a calvície, que hoje é o apanágio dos homens. Seria a peor e mais desagradável das masculinizações⁴⁸.

⁴⁸ O Tempo, 15/02/1925. 1ª p. 3ª e 4ª colunas.

Apesar dos ditames da moda não se amalgamarem de forma direta às conquistas políticas por parte das mulheres, por exemplo, essas relações eram tecidas pelo jornal como parte de uma mesma questão: a emancipação das mulheres e a conseqüente perda de lugares anteriormente ocupados pelo sexo masculino. Estas foram temáticas frequentes nas páginas do periódico.

Para Alves⁴⁹ a conjuntura histórica de princípios da década de 1920 foi caracterizada pelo início de um processo que resultou em uma sequência de transformações na política nacional, sendo que a imprensa representou um papel importante neste contexto, fazendo ecoar, através de suas publicações, ideais de mudança. Nesse âmbito, o jornal *O Tempo* também participou das reivindicações contra o *status quo* vigente no período? Quais ideais defendidos por este meio de comunicação?

2.2.2 Política e imprensa

No tocante à segunda década do século XX, destaca-se que a mesma foi marcada por uma situação de crise no Rio Grande do Sul, devido à recessão econômica e ao recuo da demanda mundial, sendo o setor pecuarista o mais atingido, visto a retração no consumo de carnes na Europa no período. Nessa conjuntura desfavorável, Borges de Medeiros⁵⁰, presidente do Estado na época, pôs em prática uma política de modernização dos transportes, cobrando dívidas dos criadores de gado, fato que levou muitos destes à falência e a um conseqüente descontentamento⁵¹, resultando na chamada Revolução de 1923 a qual teve, como uma de suas principais causas, tal política adotada pelo borgismo, bem como a excessiva incidência de fraudes eleitorais no pleito de 1922.

Neste ano, Borges resolveu se candidatar mais uma vez à presidência do Estado, contando com a força do PRR, cuja política aceitava fazer uso de alternativas com base na violência, com o intuito de garantir a reeleição, o que de fato ocorreu. Objetivando destituir o poder das mãos de Borges de Medeiros, articularam-se três grupos opositoristas ao governo, os *federalistas*, os

⁴⁹ ALVES, IDEM.

⁵⁰ Representante da primeira geração republicana, Borges de Medeiros procurou dar continuidade ao projeto político do *castilhismo* do qual foi um dos maiores representantes, sendo fiel executor do positivismo. Manteve-se no poder de 1898 até 1928 e sua única interrupção como governante ocorreu entre os anos de 1909 a 1913, quando, impedido de se reeleger, faz seu sucessor, Carlos Barbosa Gonçalves.

⁵¹ KÜHN, IDEM, p. 120.

democratas e os *dissidentes republicanos*, sendo todos formados por parcelas descontentes da elite rio-grandense.

Destaco que o coronelismo foi politicamente importante no Rio Grande do Sul – fato que influenciou não só na política do Estado, mas também as relações de gênero – ao menos até 1937, quando a implantação do Estado Novo fez perder sentido o sistema representativo e, conseqüentemente, a base da estrutura de poder dos coronéis, ou seja, o controle das eleições. A fraude eleitoral constituía-se em prática corrente, através da falsificação de atas, do voto de pessoas já falecidas, e de estrangeiros, além do chamado *voto de cabresto*⁵², sendo este uma das características primordiais de tal política.

Visto que o jornal analisado ligava-se aos ditos *dissidentes republicanos*, a crítica referente ao sistema eleitoral fraudulento estava presente no interior do discurso de *O Tempo*, como pode-se aferir no trecho a seguir:

O voto feminino

(...) Os cavalheiros que andam a cogitar a estender o direito de voto ás mulheres estão apenas a querer fazer-lhes um gracioso presente. São muito gentis. Mas procederiam melhor tratando primeiro, com um pouco de esforço tenaz e sincero, de transformar em realidade essa ficção que é ‘eleitor’ indígena e essa mentira que são as ‘eleições’ no Brasil (...)⁵³.

É interessante observar certas contradições no interior do discurso do periódico, no que concerne à imbricação entre o pensamento positivista e a concepção republicana *versus* a ideologia da *dissidência* – defendida por Cadaval. Como já explicitado, fixada no Rio Grande do Sul a partir do século XIX, a imagem da mulher como “anjo da casa” deveu-se à forte influência do positivismo no Estado, cujos ideais remetiam a Auguste Comte e foram largamente difundidos a partir do governo de Júlio de Castilhos⁵⁴.

Considerando que o diário analisado encontrava-se em posição contrária ao regime republicano, de que forma ocorreu a apropriação destes estereótipos referentes às identidades de gênero⁵⁵? Ao considerar que as mudanças nas mentalidades se processam lentamente no interior de uma dada sociedade, certos arquétipos identitários modificam-se apenas através da longa

⁵² “Do ponto de vista eleitoral, o ‘coronel’ controlava os votantes em sua área de influência. Trocava votos, em candidatos por ele indicados, por favores tão variados quanto um par de sapatos, uma vaga no hospital ou um emprego de professor” FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo, Editora da USP: 2006, p. 149.

⁵³ *O Tempo*, 10/07/1923: ano XVII nº 169. 1ª p. 2ª coluna.

⁵⁴ Eleito presidente do Estado em novembro de 1893. FAUSTO, 2006, p. 144.

⁵⁵ “A oposição aberta ao sufrágio feminino foi declarada não apenas nos tribunais, mas também na imprensa – livros, revistas e jornais, com artigos e caricaturas satíricas - nas permanentes conversações entre pessoas de todas as classes e níveis, nas ruas e nas casas. (HAHNER, 2003: p. 316 e 317)”.

duração. Mesmo colocando-se em oposição ao governo vigente, o jornal imprimia a consideração de que a população feminina fazia-se inapta a exercer qualquer atividade política, caracterizando-a como infantil; tal como a ideologia⁵⁶ cujo cerne almejavam combater.

Ressalto que os primeiros anos da República brasileira foram demasiado conturbados, visto a crescente decepção com o regime, que havia sido implantado no ano de 1889, ou seja, menos de meio século vigente. Além disso, a conjuntura histórica do Rio Grande do Sul no período também contou com inúmeras atribulações, as quais suscitaram a chamada Revolução de 1923. Nesse sentido, a indignação com a política no país imbricou-se ao surgimento do movimento feminista, o que parecia ter desagradado ainda mais àqueles que detinham poderes e meios de influenciar a sociedade⁵⁷.

Na medida em que a crise do período ligava-se de forma mais evidente ao setor agropastoril, a cidade do Rio Grande encontrava-se em posição privilegiada no que se refere à economia, pois não era sustentada, primordialmente, por esta atividade. Possuía mais de trinta fábricas, cujos produtos, geralmente bens de consumo não-duráveis, eram comercializados em todo o país, e abrigava um dos mais importantes portos marítimos do período, sendo este a “principal porta da Província⁵⁸”, onde se realizava comércio de importação de produtos europeus, principalmente ingleses, além de negócios com a região platina e o comércio interior⁵⁹.

Nesse sentido, Rio Grande foi considerada uma das maiores e mais influentes cidades sul-rio-grandenses à época⁶⁰. Nesse âmbito, a cidade, contava, em princípios da década de 1920, com a soma populacional orçada em 50.500 habitantes⁶¹. Conforme se depreende do estudo do historiador Bittencourt⁶² sobre os teatros no Rio Grande do Sul, já na década de 30 do século XIX, a cidade do Rio Grande construiu o seu primeiro teatro, o Sete de Setembro, demonstrando a predisposição do poder público e da comunidade em apoiar e promover as atividades culturais.

⁵⁶ Neste caso, ligada ao republicanismo e ao positivismo.

⁵⁷ “Como os positivistas do século XIX, outros antifeministas, afirmando considerar as mulheres ‘diferentes’ e não ‘inferiores’, declaravam que a superioridade moral da mulher requeria o seu confinamento ao lar, longe do mundo corrupto da política (HAHNER, 2003, p. 317)”.

⁵⁸ ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834)*. Porto Alegre, Martins Livreiro: 1983, p. 77.

⁵⁹ ALVES, Francisco das Neves. *A imprensa na cidade do Rio Grande. Um catálogo histórico*. Coleção Pensar a História Sul-Rio-Grandense, nº 32. Rio Grande, FURG: 2005, p. 09.

⁶⁰ Embora a cidade não tenha permanecido alheia aos fatos de 1923, fato que fica evidente no discurso da fonte selecionada.

⁶¹ Sendo, em sua maioria, descendentes de portugueses, estes provenientes da ilha dos Açores, e adeptos à religião católica romana.

⁶² BITTENCOURT, E. *Da Rua ao Teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidades e cultura no Brasil Meridional*. 2ª ed. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

Tal observação pode ser confirmada se levarmos em conta que, no período destacado anteriormente, esse número de instituições aumentou substancialmente. Se ao final do século XIX destacavam-se o Theatro Sete de Setembro (1831) e o Polytheama Rio-grandense (1885), na primeira metade do século XX acrescenta-se àqueles a Sociedade União Operária (1902), o Cine-Teatro Carlos Gomes (1922), o Cine-Teatro Guarani (1922), o Cine-Teatro Avenida (1929), entre outros. Para Mascarenhas,

Neste ambiente cosmopolita, a vida cultural era intensa e sofisticada: as companhias de teatro, ópera e ballet européias, a caminho de Buenos Aires e Montevideú, incluíam Rio Grande em seu roteiro, lotando o majestoso Teatro Sete de Setembro. Seguindo o padrão burguês de entretenimento, se implanta o banho de mar com fins de lazer e diversas atividades esportivas.

Segundo Francisco Alves, aliada ao significativo crescimento econômico, urbano, à expansão populacional e cultural⁶³, a imprensa rio-grandina foi destacada do contexto regional, e mesmo nacional, como já mencionado. Deste modo, ressalta-se que nas principais cidades do interior, jornais cujo único intuito seria a notícia, ou seja, destituídos de filiação partidária militante, nunca conseguiram espaço duradouro na esfera pública, devido à compreensão política vigente, mesmo em centros proeminentes como Bagé, Pelotas e Rio Grande⁶⁴. Nestes locais não faltaram publicações que procuraram romper com o exclusivismo político-partidário presente no país nos primeiros anos da República, mas a época não concebia a idéia de uma publicidade não-engajada.

O Tempo – fonte deste estudo – exemplifica bem o destino de tais publicações, pois surgiu com uma proposta informativa, que sobreviveu ao desafio da receptividade pública. Porém, apesar de manter uma seção noticiosa bem cuidada, terminou ligando-se à *dissidência republicana*, grupo contrário à política governamental do Rio Grande do Sul, e, por extensão, como oposição ao borgismo, até a década de 30⁶⁵.

Tendo em vista que este trabalho conta com um recorte temporal o qual se estende até 1932, é importante destacar que os demais representantes do Estado no período – Getúlio Vargas,

⁶³ Verificou-se que a cidade contava, no período, com quatro teatros, três salas de cinema, conservatório de música, escola de belas-artes, entre outras iniciativas culturais. PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos gerais do município de Rio Grande*. Porto Alegre, Op. Gráfica da Imprensa Oficial: 1944.

⁶⁴ RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998, p. 57.

⁶⁵ RÜDIGER, IDEM, p. 57.

Oswaldo Aranha, Sinval Saldanha e José Antônio Flores da Cunha⁶⁶ - seguiram a linha política adotada por Borges de Medeiros, (baseada no castilhismo e, por conseqüência, ao positivismo) na medida em que o rompimento⁶⁷ entre estes ocorreu apenas com a chamada Revolução Constitucionalista⁶⁸, no mesmo ano de 1932.

Nesse sentido, cabe lembrar que o documento é sempre portador de um discurso⁶⁹ que, assim considerado, não pode ser visto como algo transparente. Assim, os *ditos* produzidos e divulgados pelo periódico enfatizavam problemáticas acerca da política vigente. Ou seja, a imprensa, de maneira geral, é constituída a partir de empreendimentos que reúnem um determinado grupo de indivíduos, tornando-se projetos coletivos, agregando ideais, crenças e valores os quais pretende-se divulgar e difundir através da palavra escrita⁷⁰. Nesse sentido, o uso da imprensa como fonte para a pesquisa histórica fornece informações específicas às interpretações do passado.

⁶⁶ Sendo as seguintes datas, respectivamente: Vargas (25/01/1928 a 09/10/1930), Aranha (09/10/1930 a 27/10/1930), Saldanha (27/10/1930 a 28/11/1930) e Cunha (28/11/1930 a 17/10/1937).

⁶⁷ Sendo este de cunho político e econômico, não modificando radicalmente a ideologia republicana.

⁶⁸ “Liderada por Borges de Medeiros, uma facção da oligarquia gaúcha apoiava os paulistas, em detrimento do governo de Flores da Cunha e, conseqüentemente, de Vargas, exigindo a reconstitucionalização do país. (KÜHN, 2004: p. 125)”.

⁶⁹ CARDOSO, Ciro & VAINFAS, Ronaldo (org). *Domínios da História: ensaios sobre teoria e metodologia*. Rio de Janeiro, Campus: 1997, p. 377-378.

⁷⁰ LUCA, Tânia Regina. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKI, Carla Bassanezi (Org). *Fontes Históricas*. São Paulo, Contexto: 2005, p. 140.

2.3 OUTROS LUGARES

2.3.1 Cartografias da diferença

Embora o objeto deste estudo configure-se nos artigos impressos na primeira página do jornal, este é uma fonte interessante para pensar a questão da diferença⁷¹ também em outras seções vinculadas ao periódico. Nesse âmbito, os títulos dos filmes publicados na seção da programação dos cinemas merecem uma atenção mais detalhada, pois enfatizavam problemáticas no tocante às relações de gênero, apontadas posteriormente neste estudo. Cito apenas alguns, coletados no decorrer da pesquisa: *A mulher enigma*, *A Virgem do Mar*, *Minha Esposa*, *Minha irmãezinha*, *Divinizada*, *Inhá Moça*, *Triunfo de Vênus*, *Sexo Frágil*, *Esposas Virtuosas*, *Mãe*. É impressionante o número de títulos que traziam em sua nomenclatura a figura feminina.

Para Kaplan⁷² desde o princípio dos movimentos de liberação da mulher (aqui a autora considera o feminismo (re)iniciado nas décadas de 1960 e 70), as feministas americanas vêm estudando a representação da sexualidade feminina nas artes – na literatura, na pintura, no cinema e na televisão. Nesse sentido, Kaplan afirma ainda que a utilização da psicanálise para desconstruir determinadas imagens possibilita ver os mitos patriarcais que posicionam as mulheres como o Outro – este envolto de enigma e mistério – eterno e imutável. Pode-se aferir, ainda, que o melodrama familiar, um gênero destinado especificamente à mulher, funciona tanto para trazer à luz as restrições e as limitações que a família nuclear impõe a estas mulheres, quanto para conduzir à sociedade à aceitação destas restrições como *naturais* e *inevitáveis*.

Através dos títulos das produções cinematográficas, parece evidente o caráter familiar em significativa parcela dos mesmos. Nos demais, aparecem as mulheres indecifráveis, fontes de desejo e curiosidade. Desta forma a figura feminina assumia duas posições perante a comunidade: ou é ela origem e depositário da pureza e da doçura, relacionada à valores afetivos do âmbito doméstico, ou é este ser enigmático, manipulador, fatal.

Para Lehnert, “o cinema criou formas de percepção totalmente novas. A atriz encarnava a mulher deste tempo, oscilando entre a inocência e a depravação, seduzindo tanto os homens

⁷¹ No caso em questão, da diferença de gênero.

⁷² KAPLAN, E. Ann. *A mulher e o cinema: os dois lados da câmera*. Tradução de Helen Márcia Potter Pessoa. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 43 e 44.

quanto às mulheres⁷³”. É importante destacar que, embora os filmes não fossem uma *produção* do jornal, sua *divulgação* trouxe evidências de determinados preceitos do corpo social na década de 1920.

O periódico contava ainda com algumas seções semanais, no entanto, estas não se encontravam bem delimitadas, na medida em que as mesmas não possuíam um dia específico para serem publicadas e, além disso, raramente evocavam um mesmo título ao longo do tempo; assim como os editoriais, que, diferentemente da maioria dos jornais que circulavam na cidade⁷⁴, também não constavam com uma titulação específica. Entre estas seções, destaco *Pela Moda* (*Moda*, ou *A Moda*) e *A Mulher no Lar* (*A Vida no Lar*) os quais eram publicados em conjunto.

Além do enfoque normatizador de condutas imbuído a estes segmentos, enfoco-os, também, pelo fato de que foram as únicas seções que, embora tenham modificado suas nomenclaturas ao longo de suas publicações, mantiveram-se por cerca de um ano (entre 1920 e 1921) sendo impressas semanalmente, geralmente aos domingos, ocupando, freqüentemente, o topo da 3ª e 4ª colunas (parte central), sempre na capa do periódico, local destinado à estas.

No que concerne à parte atribuída à moda, foram publicados alguns *croquis* inspirados na vestimenta parisiense, visando à elegância das damas da sociedade rio-grandina, e ainda, alguns modelos de roupas infantis. Sabe-se que, no período, a França constituía-se no principal foco da alta costura, principalmente no tocante ao vestuário feminino, personificada na figura de Coco Chanel. Embora os figurinos da estilista cobrissem corpos de um público deveras seletivo, a inspiração em suas linhas permitiram maior conforto às mulheres de distintas camadas sociais, agora libertas “do peso dos adornos e dos cortes desconfortáveis”⁷⁵. Nos Estados Unidos, a indústria cinematográfica (re)produzia figuras andróginas, mulheres extremamente sensuais, mas freqüentemente investidas com um ar de mistério devido à suas “feminilidade demasiado masculina”⁷⁶.

No entanto, apesar do estímulo criador francês voltar-se à moda livre e questionadora, o mesmo não acontecia com a política de direitos à mulher⁷⁷. Obviamente, a França contava com um movimento feminista organizado, mas sua influência no Brasil fazia-se ínfima, comparado a

⁷³ LEHNERT, Gertrud. *História da Moda do século XX*. Portugal: Köneman, 2000, p. 20.

⁷⁴ Verificação através as pesquisa.

⁷⁵ LEHNERT, 2000, p. 22

⁷⁶ IDEM, p. 21.

⁷⁷ “Em França (...) as feministas, todas elas favoráveis ao sufrágio feminino, não são suficientemente numerosas para constituir um grupo de pressão eficaz, apesar da adesão das católicas da União Nacional para o voto das mulheres (SOHN, 1991, p. 140)”.

Inglaterra ou aos Estados Unidos, (como já mencionado no capítulo 1). Tendo em vista que nestes locais também havia uma ampla produção têxtil e, a indústria do espetáculo divulgava, igualmente, seus modelos de feminilidade, é interessante notar que o jornal não trazia imagens de figurinos destes países. Segundo Lehnert⁷⁸, artigos e livros do período traziam inúmeras críticas à nova moda, posto que um determinado tipo de vestuário equiparava-se a uma determinada forma de pensar.

Nesse sentido, é notável a intenção *d'O Tempo* em angariar (ou agradar àquelas que já liam o jornal) um maior número de leitoras às suas páginas, e, conseqüentemente, aos seus ideais, através destas seções à elas destinadas. Ressalto, ainda, que o periódico não contava com um amplo apelo imagético, sendo estas iconografias destinadas à moda e algumas propagandas – em sua maioria produtos de beleza e saúde, e, posteriormente, imagens de filmes – as únicas representações gráficas presentes na gazeta. No terceiro capítulo, discutirei com mais vagar estas questões, através da análise de artigos do jornal.

Complementando a seção de moda, *A vida no lar* trazia algumas dicas “úteis” sobre cuidar da casa, onde “encontrarão as nossas amáveis leitoras (...) conselhos, receitas e notas para aplicações diversas, mas sempre de alguma utilidade e de efeitos já provados⁷⁹”. Entre algumas destas “valiosas” informações para as donas-de-casa, cito alguns títulos de assuntos: Contra as frieiras, Para tornar a carne tenra, Como tirar o ranço da manteiga, Para esfoladuras, Receita de pudim diplomata, Como tirar manchas de roupa, Para limpar quadros, Cuidar de Crianças⁸⁰, entre outras.

Nesse âmbito, é latente a intenção do diário em divulgar determinados espaços e domínios destinados à figura feminina (e também à masculina); não apenas através de seus artigos, bem como em seções, na difusão de filmes, e modelos de publicidade vinculados ao jornal. Como já mencionado, as propagandas de produtos de beleza e saúde dominavam as páginas da gazeta, entre as quais destaco:

⁷⁸ LEHNERT, 2000, p. 21.

⁷⁹ O TEMPO, 04/07/1920.

⁸⁰ Grafia mantida conforme a original.

A tranqüilidade das mães!! Indispensável no lar!! Sempre pronto! Sempre eficaz! Não deve faltar em casa alguma a *Radiolina* ou “*Maravilha do lar*”! Nada poderá sequer egualar na cura dos acidentes comuns, quedas, pisaduras, ferimentos quaisquer, queimaduras, talhos, torceduras, feridas, hemorragias, tumores, escoriações. Varizes, etc. A *Radiolina* ou “*Maravilha do lar*” encontra-se à venda em todas as *pharmacias* e casas que vendem medicamentos.

Saúde, vivacidade, boas cores – formam o atractivo que encerra a felicidade da mulher. Consegui-as tomando a legitima *Emulsão Scott* (óleo de fígado de bacalhau). Fortalece sem alcoolizar o organismo.

Beleza do peito – desenvolvimento, rigidez e reconstituição dos seios obtidos em dois meses pelas *Pílulas Orientales*.

Para conservar sua belleza, a mulher necessita de ferro. *Ferro Nuxado*.

Para a belleza dos cabelos masculinos, use *Gomalina*!⁸¹

Segundo Michele Perrot⁸², “os patrocinadores procuram, principalmente, captar consumidoras potenciais, guiar seus gostos e suas compras. A indústria de cosméticos, e das artes domésticas, visam, de início, às mulheres mais sofisticadas”. Complementando a afirmação da autora, ressalto que também as opiniões masculinas eram influenciadas através das propagandas, fato que pode ser aferido através da publicidade dada ao produto *Gomalina*. Embora a parcela mais significativa destine-se às mulheres e às crianças, não se pode negar a ação normatizadora destas publicações visando à sociedade em seu conjunto.

Nesse sentido, ressalto que em princípios do século XX poucos tinham o privilégio da alfabetização, e, desta forma, a amplitude de leitores concretizava-se de forma reduzida. Entretanto, tal fato não significava que discursos e ideias não se encontravam compartilhados por diferentes camadas sociais, seja através do conhecimento das publicações jornalísticas, compartilhadas por letrados, seja a partir das práticas cotidianas presentes no corpo social.

⁸¹ Grafia original. Propagandas coletadas em diversas datas.

⁸² PERROT, 2007, p. 34.

2.3.2 Performatividade discursiva ou representação?

Ao trabalhar sobre as lutas de representação (através do discurso produzido pelo jornal analisado), cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada camada social, grupo ou meio, um ser-percebido e constitutivo de identidade⁸³. Nesse sentido, a disciplina é um princípio de controle da produção do discurso, fixando limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras⁸⁴.

Desta forma, tornou-se impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida⁸⁵. Chartier; tomando como parâmetro os estudos bourdieusianos; utiliza-se do conceito de violência simbólica que ajuda a compreender como a relação de dominação – que, para este autor, é uma relação histórica, cultural e lingüisticamente construída - é sempre afirmada como uma diferença de ordem natural, radical, irreduzível, universal.

Em outro sentido, para Judith Butler⁸⁶ o conceito de performatividade desloca a ênfase na identidade como descrição, como aquilo que é – ênfase que, de certa forma, é mantida pelo conceito de representação – para a idéia de tornar-se. Desta forma, a autora trabalha com a perspectiva de identidade em movimento e transformação, sendo esta mutável de acordo com o momento sócio-histórico em que se insere.

Assim, é possível afirmar que a performatividade deve ser compreendida a partir de normas impostas aos sujeitos e com relação às quais eles podem viver ou entrar em conflito, normas que vêm de fora, mas são internalizadas e literalmente incorporadas. Procuo, assim, articular discurso, performatividade, gênero e identidade, pois:

Gênero é, portanto, um efeito dos atos de fala, cuja violência está em se apresentarem como reais, naturais, produzindo uma estrutura sempre binária e hierarquizada. Esse efeito é produzido, mantido, recusado e eventualmente modificado nos atos de fala disponíveis em nossa sociedade⁸⁷.

⁸³ CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Revista Annales, Nov-Dez. N° 6: 1989: p. 08.

⁸⁴ FOUCAULT, 2006: p. 36.

⁸⁵ BUTLER, 2003: p. 20.

⁸⁶ BUTLER, 1999.

⁸⁷ PINTO, 2007: p. 04.

Entre estes “atos de fala disponíveis” descritos por Pinto, destaco o papel da imprensa. Ao transportar o performativo para o discurso do jornal *O Tempo*, amplia-se o conceito lingüístico para o âmbito midiático, porém conserva-se sua essência: o fato de estar inserido naquele espaço garante ao enunciado um valor inquestionável, que ultrapassa o significado da mensagem e passa a ter um valor agregado às características do próprio suporte.

Desta forma, a linguagem jornalística, mais que designar fatos de acordo com suas características específicas de representação, constitui-se em *fórmula do performativo*, isto é, indicativos de uma ação concretizados naquilo que Deleuze⁸⁸ chama de *ato ilocucionário*, um discurso de ação que exerce sobre o leitor as características de uma “palavra de ordem”, de um ditado valorativo em torno do objeto descrito ou informado na matéria jornalística.

John Austin⁸⁹ foi um dos precursores na análise performatividade da linguagem, afirmando, a partir de sua teoria dos “atos de fala”, que as afirmações dos enunciados não apenas descrevem algo sobre o mundo, e sim, fazem algo no mundo. Foucault⁹⁰, ao analisar estas questões, relata que os discursos possuem uma materialidade própria, formando, assim, os objetos de que se dispõe a falar. Já Butler toma o conceito de performatividade aplicando-o para a questão de gênero, pois “a performatividade deve ser compreendida não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas (...) como a prática reitarativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia⁹¹”

Dentro dessa perspectiva, os sujeitos nunca são pré-discursivos; e sim, constituem-se a partir das relações (de poder) nas quais se inserem. Desta forma, tais proposições levam a vislumbrar o gênero como um processo performativo, extremamente atrelado à linguagem. Nesse sentido, a base desses estudos está na descoberta da existência de determinados enunciados, ditos performativos “que têm a propriedade de poder, e, em certas condições, realizar o ato que eles denotam, isto é, ‘fazer’ qualquer coisa pelo simples fato do ‘dizer’⁹²”.

⁸⁸ DELEUZE, Gilles. Apud PRADO, José Luiz Aidar. *O leitor infiel diante dos mapas da mídia semanal performativa*. Revistas Fronteiras. São Leopoldo: Unisinos, vol VII, p. 39-46, 2005.

⁸⁹ AUSTIN, 1998: p. 111.

⁹⁰ FOUCAULT, 2008: p. 55.

⁹¹ BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre o limite discursivo do sexo*. In: LOURO, Guacira (org). *O corpo Educado, pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica: 2001.

⁹² CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: contexto, 2004: p. 72.

Ao analisar o performativo no jornalismo, Gonçalves & Faro⁹³ relatam que essa abordagem permite introduzir na análise sua caracterização não só como espaço determinado dialeticamente por demandas de natureza mercantis e intelectuais, mas também como exercício midiático performativo, espaço de poder social estruturado pela linguagem.

A construção do discurso jornalístico, dessa forma, pode ser vista genericamente como um campo de abrangência que ultrapassa o aspecto informativo ou construtor da realidade: ele estrutura a percepção dos leitores, orienta suas apreensões, conduz pragmaticamente a localização de sua recepção no complexo de sentidos presente em cada pauta. Assim, de que forma estas concepções são apreendidas pelo conjunto social? Silva comenta sobre a eficácia destes *enunciados performativos*:

a eficácia produtiva dos enunciados performativos ligados à identidade depende de sua incessante repetição. Em termos da produção da identidade, a ocorrência de uma única sentença desse tipo não teria nenhum efeito importante. É de sua repetição e, sobretudo, da *possibilidade* de sua repetição que vem a força que um ato lingüístico desse tipo tem no processo de produção da identidade⁹⁴.

Nesse âmbito, é evidente a intenção do discurso presente no jornal *O Tempo*, pois o mesmo repete categorias de identidades “ideais” não só nos artigos analisados, bem como em “outros lugares” no interior de suas páginas. Assim, “a identidade de gênero é performativamente construída pelas expressões que são consideradas seus resultados⁹⁵”. Gonçalves⁹⁶ também analisa que Butler se respalda, em sua proposta, na re-elaboração do conceito de *atos de fala performativos* de Austin, segundo os quais a palavra representa ou produz o que denomina.

Também segundo Avelar⁹⁷ as identidades são constituídas por atos de linguagem, sendo que elas estão sujeitas a algumas das propriedades da linguagem – os processos de significação, especialmente. Como coloca Pinto, a linguagem é um elemento central de garantia de identidades pois:

⁹³ GONÇALVES, Elizabeth Moraes & FARO, José Salvador. *O performativo no jornalismo cultural: uma organização discursiva diferenciada*. Revista FAMECOS · Porto Alegre · n° 38 · abril de 2009 · quadrimestral p. 86 – 92.

⁹⁴ SILVA, 2000: p. 94.

⁹⁵ BUTLER, 2003: p. 48.

⁹⁶ GONÇALVES, Gracia. *O Feitiço Contra o Feiticeiro: A Crise da Identidade Masculina*. IN: Gláuks v. 7 n. 2, 2007. p. 34-58.

⁹⁷ AVELAR, Marcus Vinicius. Qual a sua letra? Performatividade, identidades e diversidade. Campinas, São Paulo: 2008. p. 53.

(...) as ações não lingüísticas que postulam o sujeito, quando descritas, são ao mesmo tempo repetidas nos atos de fala que as descrevem. A linguagem não reflete o lugar social de quem fala, mas faz parte desse lugar. Assim, identidade não preexiste à linguagem; falantes têm que marcar suas identidades assídua e repetidamente, sustentando o “eu” e o “nós”. A repetição é necessária para sustentar a identidade precisamente porque esta não existe fora dos atos de fala que a sustentam⁹⁸.

Também para Silva⁹⁹, ao serem pronunciadas, determinadas proposições fazem com que algo se efetive, ou seja, aquilo que se diz pode definir ou reforçar identidades. A partir destas proposições procuro empreender minha análise.

⁹⁸ PINTO, Joana Plaza. *Estilizações de gênero em discurso sobre linguagem*. 2002. 237p. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

⁹⁹ SILVA, 2000: p. 92 e 93.

3 ANALISANDO O JORNAL

3.1 ENUNCIADOS PERFORMATIVOS EM *O TEMPO*

3.1.1 A defesa da família e do lar

Os enunciados performativos do feminino e do masculino que são publicados/divulgados em distintos meios de comunicação destacam para uma divisão de poderes hierárquica na sociedade, apontando para a construção de papéis e identidades sociais. No caso em questão, minha análise centra-se na produção discursiva do jornal *O Tempo*. Desta forma, “a tarefa é justamente formular, no interior dessa estrutura constituída, uma crítica às categorias de identidade que as estruturas jurídicas contemporâneas engendram, naturalizam e imobilizam¹”.

Ao analisar estas questões, Pinto² afirma que são as condições do ato de fala, e não sua fórmula em palavras, que operam o performativo; assim, qualquer sequência discursiva é um enunciado performativo. Desta forma, deve-se questionar se o agir da linguagem é o mesmo agir do sujeito. De que forma esse dizer-ação se relaciona com os sujeitos?

O sujeito que fala é aquele que produz um ato corporalmente; o ato de fala exige o corpo. O agir do ato de fala é o agir do corpo, e definir esse agir é justamente discutir a relação entre linguagem e corpo. (...) Assim, a presença material e simbólica do corpo na execução do ato é uma marca que se impõe no efeito lingüístico. Uma ameaça se materializa pelo enunciado performativo que a opera, mas também pelo efeito do movimento do corpo que executa o enunciado. (...) O efeito de fala é operado ao mesmo tempo pelo que é dito, por quem diz, e como é dito³.

Nesse sentido, Foucault⁴ compartilha de tais proposições, na medida em que afirma que os enunciados devem ser analisados tendo em vista as seguintes premissas: quem diz, de onde profere suas palavras, e para quem as pronuncia. Como anteriormente mencionado, o *autor* de determinado texto não se refere ao indivíduo em si, e sim, têm a funcionalidade de dar unidade e agrupamento ao discurso.

Assim, é importante ressaltar que, embora a parcela mais significativa dos artigos analisados não contasse com a assinatura de seu/sua autor(a), foram encontrados alguns textos

¹ BUTLER, 2003: p. 22.

² PINTO, 2007: p. 07.

³ IDEM, p. 10 e 11.

⁴ FOUCAULT, 2008.

assinados por Stella Maris, ou apenas S.M., cujos temas enfatizavam, de forma mais significativa, temas sobre a defesa da família e do lar. Retornando à Foucault, embora estes sejam escritos por indivíduos diferentes, existe uma unidade discursiva presente nas páginas do jornal *O Tempo*, as quais serão analisadas a seguir:

A mulher foi creada para ser a rainha da família, da cidade, do paiz, do mundo inteiro. Aquela que souber cumprir o seu dever na sociedade, dever de filha, irmã, esposa e mãe, não terá nunca falta de consolo, não conhecerá nunca as oras amargas do arrependimento tantas vezes tardio; será sempre uma fonte inesgotável de felicidade vivificadora para todos que a rodearem. Os tempos atuais proclamam a mulher independente, conferindo-lhe quase todos os papeis, até então desempenhados só pelos homens. É muito bom que a mulher seja livre, que saiba manter-se por si mesma, com onestidade e firmeza, que tenha preparo intelectual e concorra, o quanto possível para o bem comum, mas **como Mãe o seu papel é mil vezes mais importante e sublime porque ela deve ser a Rainha do Lar e o lar domestico é a mais importante escola do caráter.** Aquela que governar com retidão sua casa, governará a humanidade, será a Rainha do Lar e a Rainha do Mundo!(Stella Maris)⁵

Para Françoise Thébaud, as condições femininas na década de 1920 pareceram ganhar novas nuances com o desenvolvimento de empregos terciários, tais como os serviços públicos nos bancos, no comércio, e mesmo as funções liberais se abriram mais amplamente às mulheres, estando prestes a tornarem-se o lugar privilegiado da atividade feminina⁶.

No entanto, apesar de ser “muito bom que a mulher seja livre, que saiba manter-se por si mesma” ela não devia relegar o seu papel mais sublime: o de mãe dedicada, enclausurada na esfera privada do lar, do contrário, poderia *arrepender-se tardiamente*⁷ de seus atos independentes e emancipadores. “Governando o lar, a mulher governará o mundo”, ou seja, não era necessária a participação da mulher na política de forma *direta*⁸ (através do sufrágio), visto que *indiretamente*⁹ (criando os filhos, cuidando do marido, do pai, dos irmãos) ela já conduzia a humanidade.

Segundo Perrot¹⁰ a maternidade constituiu e ainda constitui uma fonte de identidade para a mulher, fundamento de uma diferença reconhecida, mesmo quando não é vivida. Nesse âmbito,

⁵ O TEMPO, 09/11/1921, p.01. Os artigos serão mantidos de acordo com a grafia original.

⁶ THÉBAUD, François. A Grande Guerra: o triunfo da divisão sexual. In: DUBY, Georges & PERROT, Michele. *História das mulheres no ocidente. O século XX*. Porto Alegre, Edições Afrontamento Ltda: 1991. p. 82.

⁷ Grifo meu.

⁸ Grifo meu.

⁹ Grifo meu.

¹⁰ PERROT, 2007: p. 68 e 69.

a autora afirma que a função materna é o cerne da sociedade e da força dos Estados, tornando-se um fato social, posto que a política, e também outros discursos, se investem no corpo da mãe.

É importante ressaltar que o Dia das Mães foi inventado na década de 1920 nos Estados Unidos – reforçando o papel da mulher-mãe após a Primeira Guerra Mundial – e posteriormente, durante Segunda Guerra, o governo de Vichy, na França, promulga uma lei para instituí-lo.

Segundo Foucault¹¹, ao serem pronunciados, os discursos geram efeitos de sentido. Desta forma, o discurso da normatividade masculina produzida pelo periódico analisado relegava ao feminino o mundo do sentimento, da intuição, da domesticidade, da inaptidão, do particular; e ao homem a racionalidade, a praticidade, a condução do universo e do universal.

Assim, estereótipos de feminilidade que fugissem do padrão doméstico ameaçavam a família, o lar, os filhos e a sociedade como um todo, sendo advertido, conseqüentemente, o poder dos homens. Para Guacira Louro¹², inspirada pelas proposições foucaultianas, essas relações de poder se estabelecem somente onde há liberdade e, com esta, a possibilidade de revolta.

Cientes do que significaria a inserção das mulheres na política, os empreendedores da produção discursiva d' *O Tempo* visavam, a partir de enunciados performativos, definir papéis e identidades dicotômicos e fixos para homens e mulheres, como pode-se aferir a partir da leitura do seguinte artigo, intitulado *Dever Conjugal*:

Olhae e vede quanta tristeza e quanta desordem existem no interior de muitos lares (...)
 Si o marido deve prover todas as necessidades da família, á mulher cabe a missão de facilitar-lhe esta tarefa, vivendo dentro dos recursos de que o marido dispõe e cuidando de que nada se perca. Si o marido deve enfrentar as tempestades commerciaes, (...) a mulher tem o dever de confortal-o com o seu carinho, procurando fazer de modo que, em casa, nada falte dessas mil pequeninas cousas que muitas vezes são a causa de toda harmonia do lar. **Si o marido é responsável por tudo, si é o nome d'elle que cobre toda a família, a mulher deve concordar com elle e fazer-lhe a vontade em tudo quanto é justo, e justo é tudo aquillo que não vae de encontro ás regras do bom senso, da Religião e do critério da boa sociedade.** Si a mulher deve concordar, o marido tem também a obrigação de ser razoável nos seus direitos, concedendo, na medida do possível, tudo aquillo que é do gosto da esposa, exercendo ao mesmo tempo uma autoridade carinhosa e suave. Que o genioso se domine, que a sensível não chore, que o forte se contenha, que a débil tenha animo, que a tristeza tenha limite e que a alegria seja moderada (Stella Maris)¹³.

Novamente, a articulista destaca as diferenças entre os sexos, apontando para a sensibilidade e debilidade femininas em contraposição à força e genialidade masculinas. Além

¹¹ FOUCAULT, 1996: p. 46.

¹² LOURO, 1997: p. 39.

¹³ *O Tempo*, 28/10/1922. 1ª p. 1ª e 2ª colunas.

disso, reforça o papel doméstico da mulher, enquanto o homem enfrenta as “tempestades commerciaes”. Indiretamente, o jornal critica, ainda, as conquistas do movimento feminista, visto ser este o causador de muitos males e “tristezas e desordens” no lar brasileiro. Assim, as apropriações binárias no que concerne às identidades de gênero ganham, no país, terreno fértil à sua proliferação. Mas o que fazia este meio de comunicação debater e cultivar, de forma tão engajada, acerca de uma possível “identidade feminina”?

Embora não seja uma oposição objetiva, (ao menos não no que toca ao texto em questão) a constante repetição de normas e condutas a serem seguidas pela sociedade indicava à ocorrência de mudanças no interior da mesma – sendo objeto deste estudo àquelas empreendidas pelo movimento feminista – e com isso, desconfigurava a idéia de identidades fixas para os sexos, iniciando-se assim, uma crise. Para Azevedo, “um rearranjo de seu ambiente *natural* ou técnico podem colocar em questão, momentânea ou duradouramente, esta configuração (identitária)¹⁴”.

Assim, o jornal ditava, incessantemente, modos de conduta à sociedade que o cercava:

Para O Tempo

A mulher

(...) A sua missão mais alta não consiste em mostrar-se superior nesses talentos frívolos com os quaes se gastam, hoje, em dia tantos momentos preciosos; (...) que, pouca ou nenhuma utilidade se lhes encontra nas exigencias vida real. É raro que se fale das mulheres superiores como se fala dos grandes homens. É sobretudo das mulheres virtuosas que ouvimos falar. É porque dirigindo para o bem os caracteres que estão encarregadas de formar, executam uma obra mais meritória do que se escrevessem livros e compusessem grandes obras. A influencia da mulher é a mesma por toda a parte. Em todos os paizes, os costumes, as maneiras, e o caráter do povo dependem della. Quando é depravada, a sociedade é depravada; e quando mais pura e moralmente illustrada, mais pura e illustrada será a sociedade. Logo, (...) alargar o caráter da mulher é assegurar extender a toda comunidade, porque as nações são o producto das famílias. (...) Stella Maris¹⁵

Aqui o caráter moral e familiar presente no discurso é bastante evidente, visto que a constituição da sociedade depende da família, e esta, do bom comportamento das mulheres. Desta forma, a virtuosidade da mulher era mais importante do que sua satisfação pessoal, tomando como base que esta poderia advir de uma profissão institucionalizada, como a literatura ou a música. Embora as atividades culturais fossem, de certa forma, incentivadas às mulheres, as

¹⁴ AZEVEDO, 2003: p. 44.

¹⁵ O Tempo, 09/04/1922. 1ª pg, 3ª e 4ª colunas.

mesmas não deveriam evadir-se do âmbito doméstico, sendo permitidas apenas na medida em que fossem realizadas visando agradar a outrem.

Para Louro¹⁶, é necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais que constituem o que é feminino e o que é masculino, mas sim, a forma como estas particularidades são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas é que produz identidades em uma dada sociedade e um momento histórico específico. Embora a autora não trabalhe, neste texto, com o conceito de performatividade, ela aproxima-se deste na medida em que aquilo que se diz produz sujeitos.

Sabe-se que estas concepções masculinizantes inseridas no discurso do jornal eram compartilhadas não apenas por homens, mas também por mulheres. No entanto, quem era a autora destes escritos? Ao pesquisar sobre Stella Maris nos arquivos da cidade do Rio Grande, não encontrei informações acerca desta articulista. Ao procurar mais indícios referentes à Stella Maris (Estrela do Mar), foi-me fornecido dados de que este é o nome de uma santa que protege os marinheiros quando estes vão ao mar a trabalho.

Desta forma, cogita-se a hipótese de que este se constituía em um pseudônimo utilizado pelos articulistas do jornal, o que não significa que não houvesse opiniões contrárias ao feminismo também entre as mulheres. Entretanto, o reforço de uma nomenclatura feminina ao assinar estes artigos enfatiza esta possibilidade. Além disso, o caráter religioso atribuído ao nome enfoca a moralidade presente nos discursos do diário. Os três artigos citados acima estão compreendidos entre os anos de 1921 e 1922, não sendo encontrados, após esta data, textos assinados por esta(e) autora (autor).

Apesar deste fato, ainda foram encontrados alguns escritos enfocando diretamente a família e o lar, totalizando 9 artigos¹⁷ dos 150 localizados. Reproduzi e analisei aqui aqueles considerados mais significativos. No entanto, inspirada por Foucault¹⁸, não procurei reunir textos que fossem “mais fiéis à realidade” do que outros, ou mesmo merecedores de serem conservados pelo seu valor representativo, mas sim, textos que – partindo da concepção performativa da linguagem – desempenharam um papel nesse “real” de que falam. “Fragmentos de discurso que consigo são fragmentos de uma realidade da qual fazem parte¹⁹”.

¹⁶ LOURO, 1997: p.21.

¹⁷ Contando os que foram assinados por Stella Maris.

¹⁸ FOUCAULT, 1992: p. 95 e 96.

¹⁹ IDEM, IBIDEM.

Nesse sentido, o artigo a seguir traz à luz uma crítica à “pandemia moral” instaurada na sociedade, objetivando, a partir desta, a manutenção do *status quo* deste mesmo conjunto social.

Pandemia Moral

Contendem agora os sociólogos e moralistas sobre as causas possíveis da atual dissolução de costumes (...) O fenomeno é geral, em todos os paizes, e é inútil procurar restringir-lhe extensão, que é a mesma das pandemias de que não se pode isolar inteiramente em qualquer parte do globo. O morbo está no ar, e não faltam correntes e autores que a propaguem. De modo análogo, a infecção moral, gerada no foco dos grandes centros da velha civilização em franca decadência dos costumes é prodigiosamente disseminada no livro, na estampa, no palco, no cinema, principalmente neste. (...) **Que lhes importa a essas Evas, o escândalo que dão, si muitas, antes mesmo de provar a maçã, já estão de posse da sciencia do bem e do mal.** Não precisam de cumplicidade ou sugestão da serpente mosaica, de cuja inferioridade pueril se ririam as nossas melindrosas do maxixe, do tango e de outras danças libidinosas, levadas, com as *toilettes* pompeinas, dos *cabarets*, dos prostúbulos *chics*, para nos salões familiares ou aristocráticos, onde outrora a distincção do minueto e mais tarde as quadrilhas e os lanceiros traduziam expressivamente o respeito fidalgo entre os dois sexos. (...) Mas o flagelo moral entre nós ainda não dominou a todos. Há muitas famílias que estão preservadas, e outras que, advertidas não mergulharão no Asphaltite. É preciso salvar-as. (...) Não esperemos, para lavar a luxuria reinante, a chuva de betume como Sodoma, nem as lavas do Vesúvio, como Pompéia²⁰.

Embora o texto verse acerca da dissolução dos costumes da época de maneira geral, fica claro que são àquelas mulheres *desregradadas* as causadoras da destruição familiar. O articulista invoca, ainda, o pecado de Eva, símbolo da corrupção da humanidade nas religiões cristãs. Comumente encontra-se nestes artigos, cujo tema central constitui-se na defesa da família, referências religiosas demasiado diretas, geralmente ligadas ao catolicismo, com as quais relevante parcela da comunidade partilhava.

Analisando a produção discursiva de revistas femininas atuais, Swain²¹ relata que a investigação dos mecanismos de condensação discursiva e representacional da carne em corpos sexuados, permite detectar agentes estratégicos na reprodução e reatualização de formas, valores e normas definidoras de um certo feminino naturalizado, cujos sentidos, constituídos em redes significativas, são expressão de um assujeitamento à norma instituída.

Para a autora, além do papel social definido em feminino e masculino, as representações e imagens de gênero constroem e esculpem corpos, moldando-os e assujeitando-os a práticas normativas. Apesar do período centrado por Swain não ser o mesmo utilizado neste estudo, a apreensão de suas ideias ao trabalho não me parece inadequada.

²⁰ O Tempo, 08/01/1920: 1ª p. 1 e 2ª colunas.

²¹ SWAIN, 2001: p. 13.

A autora segue, assim, uma linha de raciocínio semelhante à Foucault²², para o qual as sociedades ocidentais produzem e fazem circular discursos cuja finalidade constitui-se em difundir a *verdade*, que passam por *verdadeiros* e detêm, por estes motivos, poderes específicos. Segundo o autor, a produção destes discursos – os quais mudam incessantemente de acordo com o contexto histórico – é uma das problemáticas fundamentais do Ocidente. O discurso de verdade apóia-se, assim, na tradição, na ciência, na religião para definir a essência dos seres: uma identidade baseada em critérios arbitrários que se apresenta com um caráter atemporal, negando sua historicidade.

Donna Haraway também discute estas questões, na medida em que “(...) não se nasce organismo (...) os corpos como objeto de conhecimento são nódulos generativos materiais e semióticos. Seus limites se materializam na interação social²³”.

Nesse sentido, os ditos são elementos do dispositivo da sexualidade, o qual é composto por discursos, instituições, leis, enunciados científicos, proposições filosóficas e morais. O jornal buscava, assim, difundir ideais opostos à emancipação feminina, em seus mais distintos aspectos, como pode-se aferir com a leitura dos demais subcapítulos.

3.1.2 Moda, mulheres e comportamento

A temática da relação moda/mulher/comportamento, abordada no discurso jornalístico, d’*O Tempo* contém indicações das mudanças e processos sociais que ocorriam no período, cujas influências são descritas no campo da exterioridade feminina. Para Foucault²⁴, o corpo está sempre inserido em uma teia de poderes que lhe ditam proibições e obrigações, coerções que determinam seus gestos e atitudes, e que delimitam e investem seu exercício e suas práticas, mecanismos de se construir o corpo inteligível num campo político de utilidade-docilidade.

A análise do periódico estudado traz à luz esta questão, como se pode aferir a partir da leitura do no seguinte artigo, o qual descreve a “nova moda” dos cabelos curtos:

²² FOUCAULT, 2008: p. 231.

²³ HARAWAY, Donna. *Ciência, cyborgs e mujere, la reinvención de la naturaleza*. Valência, Cátedra, 1991: p. 1990.

²⁴ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2007: p. 126.

Os cabelos curtos:

1. Os cabelos curtos privam a mulher de sua feminilidade;
2. Os cabelos compridos foram sempre considerados em todos os tempos, como a coroa gloriosa da mulher;
3. Os cabelos curtos não são mais que consequência da moda, que será passageira como todas as outras modas;
4. Os homens não podem amar as mulheres que não conservem todo aspecto de mulher;
5. Os cabelos curtos dão morte á galanteria, posto que fazem com que a mulher pareça um rapazola;
6. Quando assume um aspecto varonil a mulher não tem mais a mesma graça;
7. Jamais um poeta ou um novelista sério cantou uma mulher de cabelos curtos;
8. Essa moda não embelleza a mulher, á sua maior parte, condena-a a fealdade;
9. Contra o que á primeira vista parece, os cabelos curtos obrigam a mulher á perda de um tempo precioso no toucador²⁵.

Ao cortar os cabelos, a mulher dos “anos 20” perderia a sua feminilidade, podendo ser confundida com um rapaz. Nesse sentido, *O Tempo* se apropria de uma possível *essência feminina*, enclausurando-a em uma identidade imutável, mesmo no que toca à aparência. Para Cuche²⁶ a construção da identidade constitui-se no interior de contextos sociais os quais determinam a posição dos sujeitos e orientam suas representações e suas escolhas.

Assim, “em uma situação de dominação caracterizada, a hetero-identidade se traduz pela estigmatização dos grupos minoritários²⁷” sendo a hetero-identidade definida pelos outros, as mulheres cujos cabelos eram cortados faziam-se estigmatizadas em relação àquelas conservavam toda a sua *feminilidade*, no caso em questão, mantendo os cabelos longos.

A política do corpo divulgada pelo discurso do jornal não reconhecia este “exagero da moda” como uma atitude “feminina”, afirmando que estas, ao cortarem os cabelos “não conservam todo seu aspecto de mulher”. Refletindo sobre a produção de identidades, Louro²⁸ afirma que os corpos constituem-se na referência que ancora a identidade. Neste caso, a característica “natural” da mulher seria mantida pelas longas madeixas, pois esta seria a marca de sua identidade sexual/de gênero. Assim, os corpos ganham significados através da cultura, e são, por ela, alterados.

²⁵ O Tempo, 06/12/1925. 1ª p. 7ª coluna.

²⁶ CUCHE, Denys. *A noção cultura nas ciências sociais*. Bauru, EDUSC: 1999: p. 182.

²⁷ IDEM, p. 184.

²⁸ LOURO, Guacira Lopes. *Pedagogias da sexualidade*. IN: LOURO, G. L. (org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, Autêntica, 2001: p. 14.

Nesse sentido, compartilho da concepção de Denys Cuche, para o qual “a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais²⁹”. Isto posto, acredito que através da internalização, pelos indivíduos, de determinada imposição social, definem-se sujeitos, e por conseqüência, suas identidades. Nesse âmbito, deve-se questionar o porquê da ênfase em uma “identidade feminina” fixa, binária e hierarquizante, onde até mesmo seu modo de vestir e sua aparência são regradas e constituídas por normas arbitrárias.

A problemática dos cabelos curtos causou celeuma nas páginas do jornal, posto que o assunto foi tema de vários artigos³⁰ publicados no periódico:

-Devem as damas usar cabelo curto ou comprido?

É a pergunta que se ouve nos centros elegantes, nas praias, como nas modestas reuniões familiares. Uma senhora que lembre da definição de Schopenhauer não terá dificuldade em responder. - Cortemos os cabelos. Ao menos assim, não terá sequer metade de razão a tolice daquelle azedo e saturno philosopho alemão para quem as mulheres são animaes de ideas curtas e cabelos compridos. Mas a questão nem sempre se coloca nesse pé. E em geral as mulheres se preocupam muito pouco com aquelle philosopho solteirão, que disse muito mal delas – e para isso devia ter suas razões.(...) A julgar pela aceitação que teve a moda dos cabelos curtos, parece que as mulheres se acham realmente mais bonitas assim, meio parecidas com os homens. Resta saber se também estes as acham mais bonitas sem os lindos ondeados que tanto aformoseiam um rosto já bonito.(...)³¹

É interessante notar que o nome do corte de cabelo adotado largamente a partir da segunda metade da década de 1920, “a La garçonne” (como um rapaz), aponta para a androginia da nova moda, o que parece ter abalado as estruturas identitárias de gênero no período. Para Azevedo³², a construção da identidade constitui-se em uma estratégia de legitimação, de afirmação de uma hegemonia, na medida em que estabelece modelos sociais de conduta.

Nesse sentido, a moda andrógina ameaçaria o comportamento *feminino* das mulheres, definindo-as de acordo com o ideário de feminilidade doméstico pois, se as moças passassem a agir como rapazes, o espaço público também seria destinado à elas. O texto traz ainda, concepções filosóficas sobre a “questão da mulher”, pois insere tais proposições no discurso *verdadeiro*, como analisa Foucault.

²⁹ CUCHE, 1999: p. 182.

³⁰ Foram encontrados 17 artigos sobre moda entre os 150 analisados, no entanto, a moda estava presente em outras seções do periódico, como já mencionado, não apenas nos textos editoriais/opinativos.

³¹ O Tempo, 11/11/1923. 1ª p. 6ª coluna.

³² AZEVEDO, Cecília. *Identidades compartilhadas: a identidade nacional em questão*. In: ABREU, Marta & SOIHET, Rachel (org.). *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro, FAPERJ e Casa da palavra: 2003: p. 44.

Embora o periódico não confirme de forma direta o que foi dito por Schopenhauer, o articulista opina favoravelmente às ideias do mesmo, tendo em vista que anuncia o fato de que o filósofo “devia ter suas razões” para falar das mulheres. Segundo Swain, “o imaginário que aflora nos mais diferentes tipos de discursos é um forjador de sentidos, de identidades, de (in)coerências³³”.

É perceptível, a partir da análise da produção discursiva do jornal, o empenho deste meio de comunicação em relegar às mulheres a emotividade em detrimento da inteligência, o devotamento e a submissão, em lugar da ambição ou de investigações intelectuais e ainda, que estas mantenham “todo seu aspecto de mulher” para que dêem vazão aos galanteios e amores masculinos; e não, se confundindo com estes.

Os artigos a seguir são bastante significativos neste aspecto:

(...) Aqui, se vai tratar de uma chronica do sr. Alexandre de Albuquerque, escriptor patricio, muito conhecido na imprensa carioca, a propósito dos cabellos femininos tosqueados, cortados a La Garçonne, a arango, ou que melhor nome tenha essa moda de masculinização. (...) - Opto pelos cabellos compridos, não em nome da esthetica, nem da moral, mas em nome da physiologia – diz elle. Se as mulheres meditassem um pouco no phenomeno, raro entre as mulheres, e vulgar entre os homens, a calvície, chegariam a comprehender aquele physiologo que estabeleceu o seguinte principio: ‘tende a atrofiar-se o órgão que deixar de exercer a sua função!’ (...) É o que succede, em grande parte, rellativamente, ao cabelo da maioria dos homens. A força de o cortarem, elle enfraquece e cai. Eis a razão de todos os calvos. Dir-me-ão que um dos remédios, quando o cabelo está enfraquecido, é o corte. Sim. A poda é precisa também ás árvores, mas com a fúria com que nós cortamos os cabellos, matar-lhe-íamos a capa. Em nome dos cabellos futuros, ou melhor, dos cabellos das mulheres futuras, peço-lhe, excellentissima amiga, que recomende ás senhoras senhorinhas das suas relações que não cortem o cabelo – isso só servirá para espalhar entre as mulheres a calvície, que hoje é o apanágio dos homens. Seria a peor e mais desagradável das masculinizações³⁴.

Os cabellos cortados:

Vai por conta do ‘Diario da noite’ de São Paulo, esta alarmante noticia:

‘O Sr. Nicolau Ciancio descobriu que as mulheres que usavam cabellos curtos soffrem perturbações na alimentação do arsênico, intoxicando-se levemente. Essa intoxicação se traduz por pequeninos edemas faciaes que alteram os traços da graça feminina e dão as mulheres aquella physionomia especial e uniforme que o povo chama ‘cara de irmã de caridade’ exactamente porque as religiosas aparam os cabellos³⁵’.

É notável a intenção do jornal em manter a cabeleira das mulheres, (e assim, seu aspecto *feminino*) tanto que o mesmo se apropria de concepções fisiológicas para explicar o fato, ao dar respaldo às concepções dos médicos mencionados. Retornando à perspectiva foucaultiana acerca

³³ SWAIN, 1994: p. 48.

³⁴ O Temo, 15/02/1925 – 1ª p. 3ª e 4ª colunas.

³⁵ O Tempo, 09/12/1925 – 1ª p. 3ª coluna

do *dispositivo da sexualidade* parece evidente o amálgama de diferentes campos de conhecimento para justificar as idéias divulgadas pelo discurso do jornal. Nesse sentido, pode-se afirmar que o periódico produzia/publicava seus artigos apoiando-se em *dispositivos de controle de gênero*. Aqui, o gênero torna-se corpo e assim, faz história.

Mas não só os cabelos mereceram atenção nas páginas do diário estudado. Também mudanças na vestimenta feminina foram motivo de alarde na sociedade rio-grandina. Segundo Lehnert³⁶, os ideais de beleza modificaram-se completamente nos anos 20. As mulheres, que anteriormente ao período, apresentavam formas acentuadamente arredondadas, transformaram sua silhueta em um ideal alto e esguio. Este fato levou alguns contemporâneos da época a comentarem que as mulheres estavam masculinizando-se, como é o caso do jornal *O Tempo*.

Assim, muitos homens viam estas “novas mulheres” como concorrentes, tanto na vida profissional como no que se refere à sexualidade. O trecho a seguir elucida alguns aspectos deste “temor” masculinizante através de críticas à moda:

Eva de suspensórios

As mulheres, que já nos haviam surrupiado a bengala e o cigarro, o direito de voto e o atrevimento, querem roubar-nos, agora, o mais precioso dos nossos attributos e o mais suggestivo dos nossos ornamentos: as calças. (...) Não senhores! As netas de Eva não se contentam mais em fingir de homens durante os três dias malucos do Carnaval, nem se limitam á pratica, sem consequência, da roupa característica dos homens. (...) e o facto é que a moda das mulheres-homens, como todas as modas, mal nasceu e já vai de vento em popa. Ainda ontem, no morro do Salgueiro, foi descoberto um moleque que, além de não ser moleque, tinha a pouca vergonha de não ser homem! Vejam só que moleque atrevido! (...) ³⁷

Este artigo data de 1931, e, embora o sufrágio feminino ainda não tivesse sido concedido em âmbito nacional, alguns Estados já haviam incorporado leis favoráveis ao voto feminino, destacando-se o Rio Grande do Norte em tal processo. É notável a indignação presente no discurso do periódico acerca do uso de calças pelo contingente feminino. Visto que um determinado tipo de vestuário era equiparado a uma certa forma de pensamento, era comum, no período, atacar a moda com o objetivo de atingir, assim, as mulheres que a seguiam³⁸.

³⁶ LEHNERT, 2000: p. 21.

³⁷ *O Tempo*, 30/10/1931, Ano XXV, nº 270. 1ª p. 1 e 2ª colunas

³⁸ Para Lehnert, era comum em artigos e livros da época, encontrar críticas à nova moda, pois esta estava associada à uma nova forma de pensamento. LEHNERT, IDEM.

Refletindo sobre a questão identitária no interior dos movimentos sociais, Céli Pinto³⁹ afirma que o sujeito que adere a determinado movimento social constitui para si uma nova identidade. “A adesão pode ser pensada como um rito de passagem do mundo privado ao mundo público⁴⁰”. Para a autora, esta inserção coloca o sujeito frente a novas relações de poder, refletindo suas atitudes, assim, no interior da família, nas relações de afeto, e no local de trabalho, estabelecendo-se uma relação de diferença com estas instâncias e de identificação com o movimento que o sujeito veio a aderir.

Nesse sentido, não só as ações do feminismo suscitaram novos *modos vivendi*, bem como a vestimenta “dos anos 20” permitia à mulher ter uma nova postura relativamente ao seu próprio corpo. Certamente não se pode afirmar que todas que seguiam os ditames da moda estavam inseridas no movimento, mas o vestuário refletia outras formas de pensar, e que mudanças na sociedade poderiam estar ocorrendo⁴¹.

O Tempo utilizava artifícios irônicos para desacreditar esta mudança no vestuário, afirmando que as mulheres deviam seguir seus papéis “naturais” nos mais diferentes âmbitos, conservando, assim, sua “feminilidade”. Segundo Butler⁴², um ato performativo é aquela prática discursiva que produz aquilo que ela nomeia, sendo que a performatividade de gênero não pode ser teorizada separadamente da prática forçosa e reiterativa dos regimes sexuais regulatórios. O discurso normativo do jornal parecia empenhado em desmoralizar a imagem desta nova mulher:

De tudo: As saias

As saias compridas, já de há muito vencedoras em Paris, acabam de aparecer em Nova York, principalmente nos bairros elegantes. Não é sem alguma luta que as saias curtas lhe cedem o lugar. Algumas mulheres sentem o seu desaparecimento e, entre outras, aquelas que tinham orgulho em mostrar as pernas, ou julgavam ter motivo para isso! Mas, a saia curta cairá, morta pela saia comprida, que esconde melhor o que muitas nunca deviam ter mostrado... A tyrannia da moda é tão absoluta que impede todo e qualquer raciocínio. A saia curta devia ter encontrado por parte das mulheres uma resistência feroz, visto que, na generalidade, não lhes era nada favorável⁴³.

³⁹ PINTO, Céli Regina J. *Movimentos sociais: espaços privilegiados da mulher enquanto sujeitos políticos*. IN: COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos; São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1992: p. 131.

⁴⁰ IDEM, IBIDEM.

⁴¹ Anteriormente ao século XXI, a moda refletia de maneira mais incisiva o pensamento e comportamento de determinada época, sendo que, na atualidade, embora ainda haja esta imbricação, tais relações se tornam mais fluidas.

⁴² BUTLER, 2001: p. 167.

⁴³ *O Tempo*, 24/06/1924. 1ª p. 5ª coluna.

Os enunciados, para Foucault⁴⁴, possuem uma materialidade repetível e sua análise somente pode-se referir às coisas ditas, a frases que foram realmente pronunciadas ou escritas; as quais se oferecem à observação e à leitura. A análise dos enunciados, desta forma, constitui-se em uma investigação histórica. Nesse âmbito, a preocupação do periódico em vestir adequadamente suas “patrícias” trazia à luz outras exclusões no interior do discurso.

Ao afirmar que as saias compridas voltaram a aparecer, “principalmente nos bairros elegantes” o diário buscava diferir à suas leitoras(es) a moda e o comportamento adequados a serem seguidos pelas “senhorinhas da boa sociedade”, almejando a distinção àquelas pertencentes à outras camadas sociais. Tendo em vista que tal modismo foi difundido largamente entre estes diferentes estratos, o jornal almejava o resgate da moral e dos bons costumes àquelas que “nunca deveriam ter mostrado” as pernas.

Além disso enfatiza, novamente, a irracionalidade das mulheres, afirmando que estas deviam resistir à tirania da moda com afinco. Os discursos, que por vezes enfatizavam a independência e liberdade que a vestimenta proporcionava, também a descreviam como escravizante. No processo de levantamento das fontes, foram encontrados muitos artigos que se utilizavam deste artifício, inibindo, com um discurso contrário, a emancipação das mulheres em diferentes âmbitos.

Em os ambos sentidos, a proposta era desmoralizar e barrar esta “nova mulher”, hora por ser demasiado emancipada, hora por ser vítima de algo externo. Desta forma, tomo como parâmetro as ideias de Foucault⁴⁵, o qual anuncia o fenômeno de *recorrência* dos discursos, tendo em vista que “todo enunciado compreende um campo de elementos antecedentes em relação aos quais se situa, mas que tem o poder de reorganizar e de redistribuir segundo relações novas⁴⁶”. Assim, embora a temática dos artigos analisados fosse semelhante, foram criadas outras formas de anunciá-la, e gerando, assim, uma diversidade de efeitos de sentido.

O texto a seguir segue a perspectiva da moda escravizante:

Saias e cabelos compridos

A mulher começa a lutar contra a tyrannia da moda, dizem de Paris, numa correspondência recente. E acrescenta que o verão de 1926 verá “La Garçonne” voltar a preferir o que novamente a aproxime da condição essencialmente feminina.(...) “No verão de 1926, a mulher voltara a ser o que era”. Durante o anno passado e por ahi além, a moda feminina escravizou de tal modo a mulher, que era comum as moças no

⁴⁴ FOUCAULT, 2008: p. 123.

⁴⁵ FOUCAULT, 2008: p. 141.

⁴⁶ IDEM, IBIDEM.

boulevard serem tomadas como se pertencessem a outro sexo. Para estar na moda, uma dama deveria ser esguia como um pinheiro solitário. Foram postos de lado os manequins que ousassem mostrar qualquer contorno feminino em seus desenhos. Mas Paris, a creadora da moda, está exibindo vestidos agora que darão graça maior a todas as agradáveis irregularidades do physico feminino, voltando os manequins aproveitáveis. Todavia, a moda não pôde divorciar-se, com um só golpe, da influencia masculina. São vistos numerosos vestidos matinaes e vesperaes em que o collarinho é a nota predominante, com sua indefectível gravata.(...) ⁴⁷.

Nesse âmbito, o periódico parece concordar com a possibilidade de resistência advinda de determinada parcela do contingente de mulheres, embora divulgue que estes esforços devem ser aplicados em outras instâncias. Ao ditar comportamentos ideais, o jornal procura difundir a ideia de que o combate contra a tirania da moda é profícua, já que este irá aproximar as mulheres, novamente, de sua “condição essencialmente feminina”, ao contrário da luta em favor do sufrágio, como será demonstrado no decorrer deste capítulo.

Com o intuito de legitimar tais concepções, *O Tempo* afirma que a cidade criadora de todas as modas (Paris) está arrefecendo suas motivações quanto ao uso das saias curtas, e por isso, as damas devem influenciar-se por tal medida de bom gosto. É interessante notar que o diário se apropria do que criticou anteriormente ⁴⁸, apostando que a moda das “saias descentes” irá ser largamente e irracionalmente difundida, assim como o foi a sua antecessora, embora, no princípio, encontre certa resistência.

Em distintos aspectos, a mulher era o centro do debate no jornal estudado. Retornando à Foucault, se a mulher fala e é falada, é porque ela, como os ‘homens infames’, “de algum modo se confronta com o poder. Não um poder que somente desmantela, vigia, surpreende, ou proíbe e cerceia; mas um poder (...) que ‘não é apenas olho e ouvido’, sobretudo faz agir e falar ⁴⁹”.

Segundo Tânia Swain ⁵⁰, os corpos se transformam em feminino e masculino através de um processo significativo que restitui, no discurso e na matéria, as representações valorativas que dão sentido às relações sociais. Nesse sentido, a nomenclatura ⁵¹ do subitem a seguir foi pensada a partir desta visão, uma vez que não há um assunto específico nestes artigos como havia nos demais, e sim, a divulgação de comportamentos apropriados às mulheres e, também, aos homens.

⁴⁷ *O Tempo*, 10/04/1926. 1ª p. 3ª coluna.

⁴⁸ O penúltimo artigo data de 1924, enquanto o último foi publicado em 1926.

⁴⁹ FOUCALT, 1992: p. 123.

⁵⁰ SWAIN, 2001: p. 16.

⁵¹ Foram encontrados 14 artigos versando sobre os mais diversos assuntos, embora a temática das identidades de gênero, em que pese seu estado dicotômico fossem sempre presentes nos textos.

3.1.3 Normatizando corpos

Ao pensar sobre os enunciados performativos acerca das relações de gênero através da produção de quadrinhos humorísticos, Silva⁵² afirma que na filosofia ocidental, o corpo apresenta uma conceitualização problemática, visto que, normalmente, o ser humano é concebido como dotado de características dicotômicas: mente/corpo, razão/paixão, sensatez/sensibilidade, psicologia/fisiologia, forma/matéria, masculinidade/feminilidade.

Além de dicotomizar o ser humano, pode-se apreender uma hierarquização de um dos elementos do par em detrimento do outro, ou seja, há um privilégio do termo primário ou dominante ao mesmo tempo em que ocorre a limitação de seu oposto. Nesse sentido, Grosz⁵³ afirma que “a oposição macho/fêmea tem sido intimamente aliada à oposição mente/corpo”, ou seja, frequentemente, o homem é relacionado à mente/razão e a mulher é relacionada ao corpo/sensibilidade.

Assim, o pensamento misógino compreende o corpo feminino como frágil, imperfeito, não confiável, desregrado. O artigo a seguir é bastante significativo neste aspecto:

De tudo para todos:

A verdadeira origem da mulher, segundo uma lenda indiana, é a seguinte: ‘Twashtri’ o deus Vulcano da mitologia hindu, criou o mundo, e ao querer fazer a mulher reconheceu que tinha esgotado na criação do homem todos os materiais criadores, e que lhe não restava nenhum elemento sólido. Cheio de perplexidade, o deus pôs-se a meditar profundamente, e quando, afinal, encontrou a solução, foi tomando: a redondeza da lua, a curva ondulosa da serpente, os graciosos contorcidos das plantas trepadeiras, o ligeiro estremecimento da berva e a delicadeza do caniço, o aveludado das flores, a leveza da pena, o olhar gentil da gama, a vivesa do raio de sol, as lágrimas das nuvens, a inconstância do vento, a timidez da lebre, a vaidade do pavão real, a dureza do diamante, a crueldade do tigre, a astúcia da raposa, o frio da neve, a tagarelice do papagaio, o arrulho da pomba; e, com tudo isso, formou a mulher⁵⁴.

Apropriando-se de concepções “originárias” sobre as mulheres, o diário imprime de forma irônica e hierarquizante ao aspectos da “natureza” feminina. A partir da leitura do texto podem-se aferir todos os pares dicotômicos relatados por Silva, destacando o caráter sólido, imbricado ao masculino, em contraposição á fluidez/inconstância femininas. Aproximando-se destas

⁵² SILVA, Leosmar. *Relações entre a teoria dos atos de fala e quadrinhos humorísticos*. Goiás, Temporis[ação], v. 1, n° 9, Jan/Dez 2007: p. 11.

⁵³ GROSZ, Elizabeth. *Corpos reconfigurados*. Campinas, Cadernos Pagu, n. 14, p. 45-86, 2000: p. 67.

⁵⁴ O Tempo, 05/06/1920 – 1ª p. 4ª coluna.

proposições, Louro⁵⁵ afirma que nos processos de construção da identidade, neste caso, a identidade de gênero, inscreve-se, ao mesmo tempo, a atribuição da diferença.

Para a autora, “tudo isso implica a instituição das desigualdades, de ordenamentos, de hierarquias, e está, sem dúvida, estreitamente imbricado com as redes de poder que circulam numa sociedade⁵⁶”. Aproximando-se destas questões, Foucault⁵⁷ reflete que tentar encontrar uma origem, como um depósito primeiro, um lugar de verdade, é desconsiderar o engendramento de todas as estratégias que são acionadas na construção das coisas e das idéias e, por que não, dos corpos: “(...) A origem está sempre antes da queda, antes do corpo, antes do mundo e do tempo; ela está do lado dos deuses, e para narrá-la se canta sempre uma teogonia⁵⁸ (...)”.

Segundo Woodward, os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar⁵⁹. Assim, a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. As identidades, então, não são simplesmente definidas; elas são impostas e, também, negociadas. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo de diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais⁶⁰. Segundo Baczko,

a vida social é produtora de valores e normas e, ao mesmo tempo, de sistemas de representações que as fixam e traduzem. Assim se define um código coletivo segundo o qual se exprimem as necessidades e as expectativas, as esperanças e as angústias dos agentes sociais⁶¹.

Entre estas angústias compartilhadas pela coletividade social e impressas pelo jornal *O Tempo* no período estudado, estava a possível fragmentação da “identidade feminina” a partir do surgimento de uma “identidade feminista”. Embora para um mesmo sujeito possa haver múltiplas identidades, o diário formava/divulgava mais um par dicotômico e hierárquico à história, seja este o binarismo feminino/feminista.

No entanto, é possível notar que este par não escapava das concepções tradicionais no tocante ao gênero, tendo em vista que o termo “feminino” permanecia associado à sensibilidade,

⁵⁵ LOURO, 2001: p. 15.

⁵⁶ IDEM, IBIDEM.

⁵⁷ FOUCAULT, 1979.

⁵⁸ IDEM.

⁵⁹ WOODWARD, 2000: p. 17.

⁶⁰ SILVA, 2000: p. 81.

⁶¹ BACZKO, 1984: p. 307.

à irracionalidade e à inconstância, enquanto a concepção de “feminista” estava amalgamada à preceitos masculinizantes, posto que estes eram compatíveis somente a determinado gênero, sendo inadequadas às aspirações das mulheres. O artigo seguinte ilumina uma destas incompatibilidades ao gênero “feminino”: a inteligência.

Concessões para a felicidade:

Há algumas mulheres que desejam para esposos homens de intelligencia inferior á sua. Julgam isso uma probabilidade de ventura, demonstrando assim em egoísmo quase grosseiro. (...) A mim então parece-me que deve ser o contrario, que ao lado do homem , o mais forte, o responsável, o chefe, e que deve estar, mesmo para alegria e conforto de nossa alma, a superioridade intellectual. É o nosso esposo que nos conduz pelo braço, atravez dos caminhos da vida que a sociedade embaraça com seus preconceitos terríveis; é firmado no seu nome, na sua honra, na sua dignidade, que o nosso espírito descansa e que nos vemos cercados de respeito. Tanto mais forte elle for, quanto mais admiração lhe teremos. Os seus triumphos, são as nossas alegrias; o seu êxito no mundo, o nosso orgulho; a sua intelligencia e o seu renome, o melhor quinhão que a Providência nos poderia atirar! São essas alegrias affectuosas as que mais prendem e docemente enlaçam os corações dos esposos. Verem-se comprehendidos e nivelados pelo amor, eis quel deve ser a aspiração de todos os casaes. (...). É preciso que nós, que somos em força comparáveis ao homem como uma planta débil á arvore robusta, busquemos a sua sombra, não para estiolar á custa da nossa vaidade, mas para dar-lhe maior gloria com a nossa pequenez e vivermos em paz na sua protecção⁶².

Segundo Tânia Swain⁶³, a montagem complexa que define a identidade dos sujeitos sexuais compreende um sistema de representações e autorepresentações sociais codificado em normas, regras, paradigmas morais e modelos corporais, os quais delimitam o campo daquilo que é aceitável pela sociedade. Também para Lauretis⁶⁴, o gênero é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, os discursos nas mais variadas formas, as epistemologias e práticas institucionalizadas, bem como das práticas cotidianas.

Apesar de corroborar a noção de que existem/existiam preconceitos sociais mais incisivos em relação às mulheres, a articulista do periódico respaldava certos papéis já arraigados no interior da comunidade, reafirmando que a mulher deveria manter-se, sempre, à sombra do homem, pois como afirma Cuche, “a identidade não existe em si mesma, independentemente das estratégias de afirmação dos atores sociais que são ao mesmo tempo o produto e o suporte das lutas sociais e políticas⁶⁵”.

Estabelecidas, assim, as fronteiras entre o que era considerado feminino e o que era masculino, a mulher deveria posicionar-se sob a proteção do homem, obrigatoriamente mais forte

⁶² O Tempo, 03/07/1921 –1ª p. 3ª e 4ª colunas.

⁶³ SWAIN, 2001: p. 18.

⁶⁴ LAURETIS, 1994: p. 208.

⁶⁵ CUCHE, 1999: p. 197.

e inteligente que ela, para que se perpetuasse as identidades fixas no que concerne às relações de poder estabelecidas na sociedade.

Nesse sentido, Swain⁶⁶ afirma que na medida em que se estabelecem estereótipos e paradigmas, interiorizados e normatizados socialmente, o imaginário, através das mais distintas linguagens atua como um poderoso agente que perpassa as formações sociais, penetrando, assim, em todos os seus meandros. O artigo a seguir, o qual trazia como tema o escotismo feminino, ilumina tais concepções de gênero que, repetidas indefinidamente, passam a ser consideradas “naturais”:

O escotismo feminino

Apreciamos o outro dia os altos desígnios do escotismo feminino que a illustre professora D. Lindroeta Teixeira está organizando nesta cidade uma bandeira, com alumnas do Colégio Elementar Bibiano de Almeida, promovendo nas meninas que a ella se filiarem – o caracter, a solidariedade, a saúde, o patriotismo, a assistência aos enfermos e às creanças, o conhecimento dos trabalhos manuaes e domésticos. O código da escoteira é um decálogo soberanamente bello: - a honra de uma escoteira é sagrada; a escoteira é de lealdade inquebrantável; a escoteira é útil seja a quem fôr, a escoteira é cortez, a escoteira protege os animaes; a escoteira sabe obedecer, a escoteira ri e canta nas dificuldades; a escoteira é econômica; a escoteira é pura no pensamento, nas palavras e nas acções. Si a nossa juventude feminina fôr plasmada obedientemente a esses grandes preceitos, poderemos estar seguros de que a Pátria terá boas cidadans e o lar verdadeiros anjos tutelares⁶⁷.

Retorno, aqui, à perspectiva de “anjos tutelares” incentivada pela filosofia positivista, cujos preceitos relegam à mulher apenas atribuições advindas do âmbito privado, as quais foram introduzidas nos mais amplos setores da coletividade social. Embora o texto não seja um artigo opinativo, sendo alocado na sessão de notícias, o mesmo compartilha das opiniões anteriormente retratadas, destacando-se a referência à obediência feminina.

Além desta característica, o periódico enfatiza problemáticas no tocante ao papel da mulher na sociedade, sendo este associado à proteção, ao cuidado, à produção do caráter, ou seja, funções exercidas pela mulher-mãe. Deste modo, para Ruth Martí⁶⁸, homens e mulheres desenvolveram diferentes e complementares papéis e atitudes diante da sociedade.

⁶⁶ SWAIN, Tânia Navarro. *Você disse imaginário?* IN: SWAIN, Tânia N. (org.). *História no plural*. Brasília, Editora UNB, 1994: p. 49.

⁶⁷ O Tempo, 22/10/1924 – 1ª p. 4ª coluna.

⁶⁸ MARTÍ, Ruth Falcó. *La arqueología del género: Espacios de mujeres, mujeres con espacio*. Cuaderno de trabajos de investigación. Centro de estudios sobre la mujer. Alicante, Bacaja, s/ data.

As mulheres, segundo a autora, eram relegados os papéis afetivos, imbricados à necessidade de conservação da família como grupo social. Além deste papel, destinou-se à estas “el ‘rol reproductivo’: las responsabilidades de la crianza, la educación, la atención y cuidado de los miembros de la familia y la organización y mantenimiento del hogar⁶⁹”. Assim, os papéis “instrumentais” eram destinados aos homens, bem como as funções produtivas.

Pode-se aferir, assim, a problemática causada na sociedade rio-grandina com o advento das ideias de emancipação da mulher, tendo em vista que toda a configuração social do período estava, de certa forma, sendo questionada. Como já explicitado, não se pode afirmar que todos os grupos feministas desejavam mudanças radicais no *status quo*, mas suas conquistas trariam à luz novos questionamentos sobre a condição das mulheres; e, devido à este fato, foram passíveis de duras críticas.

O artigo a seguir mostra esta crítica em outros âmbitos sociais, sendo que o jornal apropria-se de tais perspectivas críticas para divulgar suas próprias concepções no que tange ao movimento feminista:

Mulher-soldado

Aqui há tempos, num dos theatros cariocas, foi representada uma burleta, ou coisa semelhante, com o titulo acima. Com algum espírito, era uma critica as pretensões do feminismo, figurando o que seriam as mulheres militarizadas. Mas parece que não agradou, como obra theatral, porque as pernas femininas não appareciam, ao contrario do que deseja o gosto publico, senão envoltas em horríveis botas masculinas.(...) Não! Nada de mulher-soldado. Mesmo á paisana e com um simples revólver ellas já dão que fazer aos homens, como aquella “ladra que beija” e assalta... a vontade dos leitores. Fardadas e armadas – pobre do famoso sexo forte, que tem o monopólio de morrer em tudo, tanto nas guerras como nos gastos domésticos...⁷⁰

Neste trecho é mais evidente a articulação mulher-corpo, ser que incita desejos e pulsões nos homens. Textos como este eram raros, pois a versão do anjo tutelar – ou seja, de um ser assexuado e divino – era difundida de forma mais ampla pelo discurso do jornal. Para Swain⁷¹, em diferentes épocas históricas as representações das mulheres vem sendo diabolizadas ou santificadas, e estas expressões compõem a concepção de uma natureza sexuada selvagem, desregrada, cuja domesticação resultaria na imagem da “boa” e “verdadeira” mulher.

No referente ao texto em si, é possível, ainda, estabelecer um paralelo entre ambas visões do feminino, a partir da relação entre este artigo e o anterior, visto que os ensinamentos do

⁶⁹ IDEM, IBIDEM.

⁷⁰ O Tempo, 12/02/1925 – 1ª p., 3ª coluna.

⁷¹ SWAIN, Tânia Navarro. *De deusas à bruxas: uma história do silêncio*. Brasília, Editora UNB, s/ data.

escotismo fariam as mulheres mais econômicas, já este parece ser um problema permanente, pois os homens tem o “monopólio de morrer com os gastos domésticos”. Ou seja, no espaço público, ela “assalta as vontades dos leitores” (mulher-corpo), já no espaço doméstico ela não se preocupa com os gastos do marido (mulher-esposa).

Tais diferenciações entre público e privado são mais evidentes a partir do encontro das mulheres com a política, que, ao reivindicar direitos de cidadania, dão início a novas configurações sociais, e assim, vazão a novas identidades.

Para Rachel Soihet⁷², muitos contemporâneos do feminismo de princípios do século acreditavam que, a independência da mulher não poderia extravasar as fronteiras da casa e do consumo de bens e ideias que reforçassem a imagem da mulher-mãe/esposa. Já a mulher intelectual, emancipada, era um mau exemplo para as demais mulheres, pois levava-as a acreditar que podiam subsistir sozinhas, sem a ajuda do marido, comprometendo toda a organização social.

3.1.4 Feminismos: o encontro com a política

Embora houvesse múltiplas frentes de luta no tocante ao feminismo da “primeira onda”, o movimento liderado por Bertha Lutz na década de 1920 assumiu caráter hegemônico naquele momento, em que pese sua presença constante nas páginas do jornal *O Tempo*. Este grupo imbricava-se às reivindicações ligadas à busca pela cidadania, sendo que as lutas em favor do sufrágio tiveram maior destaque no período.

A luta pela conquista do voto mereceu ênfase nas páginas do jornal *O Tempo*, sendo contabilizados aproximadamente 50 artigos que discutiram a temática, seja em âmbito regional, nacional e, também, internacional. Nesse sentido, o empenho das feministas sufragistas, cujos anseios suscitaram árduas discussões políticas em distintos países no que concerne ao período estudado, parece ter causado certas inquietações no interior da comunidade urbana brasileira e propagado, em âmbito local, através de artigos publicados pelo jornal analisado, fato que se pode explicitar tomando como objeto de exemplificação o seguinte texto:

⁷² SOIHET, Rachel. *Mulheres em busca de novos espaços nas relações de gênero*. IN: Acervo, vol. 9 N° 1/2. s/ data, p. 65.

O feminismo:

Somos daquelles que não acreditamos no movimento feminista em nosso paiz, em que péze as suas mais brilhantes defensoras. Tudo quanto nesse sentido se tem feito ou se pretenda fazer por aqui, reduz-se a uma questão de temperamento, exaltação, desejo de ineditismos. Porque afinal o feminismo no Brasil? Numa terra onde a mulher desfruta o maior bem-estar; num paiz, onde o homem mantém o culto do bello sexo com verdadeiras subserviências, as idéas de equiparação dos direitos femininos aos masculinos tem qualquer coisa de extemporâneo. A idéa pôde ser procedente em se tratando de paizes outros. Nos EUA, por exemplo. Ali haverá talvez necessidade de se dar á mulher misteres outros que não exatamente os do lar. Povo essencialmente pratico, a mulher ocupa na esphera das actividades um logar em nada inferior ao do homem. Não assim em nossa pátria. Ninguém vê a mulher como um factor de progresso material, a não ser o da reproducção; cada homem é um eterno enamorado, cada mulher uma deusa, a que rendem vassalagem dezenas de áulicos. Nos bondes, nos logares publicos, basta surgir uma mulher para que os homens se afastem, como se um ente sobrenatural passasse. Quando palestram com as senhoras, refinam o estylo, com receio de que uma palavra menos elegante fira as delicadas ouças da interlocutora. Nenhum homem, no Brasil, julga de bom tom, ao lado de uma senhora ou senhorinha, fazer incidir a palestra sobre assumptos que não sejam o cinema, os vestidos, os bailes, quando muito as partidas de bolapé. Um homem que ignore taes assumptos, mas conheça a politica, litteratura ou finanças, sente-se impossibilitado de trocar idéas com as mulheres. O feminismo não se comprehende, não tem razão de ser entre nossas gentes⁷³.

Ao afirmar que “(em nossa pátria) ninguém vê a mulher como um factor de progresso material, a não ser o da reproducção”, o articulista criava um dos enunciados performativos referente ao que seria a “mulher brasileira”, diferenciando-a das demais mulheres que habitavam o planeta, bem como anunciava uma relação de alteridade entre o que era considerado “masculino” do que era “feminino”.

Nesse sentido, ao imprimir enunciados performativos sobre a mulher brasileira, o referido periódico contribui no processo de subjetivação do feminino, “estabelecendo lugares de fala e atuação, delimitando funções, induzindo comportamentos, instituindo representações sociais e, sobretudo, restringindo o humano à condição binária, hierárquica e reprodutora⁷⁴”.

Ao discorrer sobre a produção de identidades de gênero, Louro⁷⁵ afirma que estas, e também as identidades sexuais, se constroem relacionalmente, o que não aponta para uma simples oposição entre dois pólos. Assim, várias formas de sexualidade e de gênero são interdependentes, ou seja, afetam umas às outras.

Em outro sentido, apropriando-se de arquétipos identitários binários, construídos historicamente e cristalizados no campo das mentalidades, o articulista do diário *O Tempo* questionava o porquê da existência de um movimento liderado por mulheres no território

⁷³O Tempo, 05/10/1921 – Quarta-feira, ano XV, nº 250. 1ª p., 2ª coluna.

⁷⁴SWAIN, 2001: p.17.

⁷⁵LOURO, 1997: p. 49.

nacional, visto que, aqui, os homens mantinham o culto ao “belo sexo”, sendo as mulheres consideradas como “entes sobrenaturais”.

Partindo destas afirmações não fica evidente a emergência do feminismo no Brasil? Tendo em vista que já no século XVIII o marquês de Condorcet perguntava as razões para a exclusão das mulheres da cidadania quando estas tinham as mesmas capacidades morais e racionais dos homens⁷⁶, pode-se inferir que, apesar da argumentação de alguns pensadores favoráveis à causa da mulher, a condição feminina concernente à esfera pública modificaria-se apenas através de um processo de longuíssima duração.

A comunicação, neste caso o jornal *O Tempo*, expunha assim sua própria constituição categorial ao se expressar, e as matizes de inteligibilidade do discurso social⁷⁷ podem ser apreendidas através de sua análise.

O voto feminino:

(...)“Será o voto feminino uma aspiração de nossas patrícias?”

A resposta não pode ser dada senão pela negativa. Em verdade – exceptuados os entusiasmos emancipadores da senhora Bertha Lutz e de mais umas poucas damas que fazem o ‘front’ da prematura cruzada ‘for women’ – não se sabe de actos, nem sequer de palavras, com que as senhoras brasileiras tenham manifestado o desejo, ou reclamado o direito, de intervir na vida política da republica (...). E tem razão as damas brasileiras: nem tão limpa coisa é a política para que a gente aseada lhe vá bater ás portas.(...).

A concessão do voto ás mulheres seria uma optima conquista, se a intervenção das nossas patrícias na actividade eleitoral do paiz lograsse sanear as nossas praticas políticas, expungi-las dos feios vícios que as corrompem, ajustal-as aos princípios cardeaes do regimen, emergi-las da inferioridade estercoraria em que ellas jazem, purifical-as, dignifical-as. Isto, porém, não se daria, e não se daria porque fallece a todos nós, homens e mulheres, a necessária madureza espiritual para realizarmos dignamente o ideal democrático. Bem andam, portanto, as nossas criteriosas patrícias desinteressando-se, por emquanto, do problema em espécie. Tempo virá em que a emancipação intellectual lhes conquiste, socegradamente, sem hulha nem matinada, a emancipação política. Mas esta é que não pode preceder aquela: seria inverter a ordem natural das cousas...⁷⁸

Nesse âmbito, além de divulgar a falta de interesse das mulheres em participar da vida pública brasileira, o jornal opinava desfavoravelmente ao direito feminino de sufrágio, anunciando o carácter “sujo” da política, em oposição à pureza do gênero em questão. Além disso, este meio de comunicação declarava, ainda, a incapacidade intelectual da mulher em relação ao

⁷⁶ CONDORCET, 1976, p. 98. Apud SCOTT, 2005, p. 16.

⁷⁷ Entendo como discurso social “...tudo o que é dito ou escrito em uma determinada sociedade”. ANGENOT, M. *Un état do discours social*. Apud SWAIN, Tânia Navarro. *Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas “femininas”*. In: *História: Questões e debates*. Curitiba: Ed. da UFPR, v. 18, n° 34, jan/jun. 2001.

⁷⁸ O TEMPO, 05/07/1921 – ano XV, n° 150. 1ª p. 1ª coluna.

homem, embora denunciasse a falta de maturidade para realizar o “ideal democrático” também entre o sexo masculino.

No artigo em questão, pode-se aferir que a mulher, no Brasil, devia ocupar um lugar privilegiado no que concerne ao âmbito doméstico, como mãe, esposa e dona-de-casa; evitando “aventurar-se” em outros campos, que pareciam não lhe convir. Partindo destes pressupostos, poder-se-ia afirmar que estas atividades, exercidas na esfera privada, constituem *papéis*⁷⁹ designados ao “universo feminino”, e não *identidades*⁸⁰.

Com este intuito, parte-se da concepção cunhada por Castells⁸¹, para o qual as identidades constituem fontes de significação para os próprios atores sociais, enquanto papéis são definidos por instituições e organizações sociais. Nesse sentido, “identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções⁸²”.

Também para Louro⁸³, ao afirmar que o gênero constitui a identidade de determinado sujeito, pretende-se referir a algo que transcende o mero desempenho de papéis, sendo que a ideia é perceber o gênero como fazendo parte do sujeito, ou seja, constituindo-o. Nessa perspectiva, “admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros, e são, também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições ‘fabricam’ sujeitos⁸⁴”.

Desta forma, a difusão de determinados preceitos pelo periódico analisado garantiria a legitimação de tais identidades no seio da sociedade rio-grandina, objetivando o manutenção das relações dicotômicas entre homens e mulheres, e o papel que cada um deveria cumprir no contexto social. Com o objetivo de respaldar estas hipóteses, concordo com Pinto⁸⁵ para a qual, os enunciados performativos “não existem senão para fazer⁸⁶”. Assim, a performatividade é o que permite e obriga o sujeito a se constituir enquanto tal. Em sentido semelhante, Baczkó, a refletir sobre a questão do imaginário social afirma que:

⁷⁹ Grifo meu.

⁸⁰ Grifo meu.

⁸¹ CASTELLS, 1997 : p. 23.

⁸² CASTELLS, 1997: p. 23.

⁸³ LOURO, 1997: p. 25.

⁸⁴ IDEM, IBIDEM.

⁸⁵ PINTO, 2007: p. 04.

⁸⁶ IDEM, IBIDEM.

As situações conflituais entre poderes concorrentes estimulavam a invenção de novas técnicas de combate no domínio do imaginário. Por um lado, estas visavam a constituição de uma imagem desvalorizada do adversário, procurando em especial invalidar a sua legitimidade; por outro lado, exaltavam através de representações engrandecedoras o poder cuja causa defendiam e para o qual pretendiam obter o maior número de adesões⁸⁷.

Embora a documentação por mim utilizada não aponte efetivamente para uma ampla penetração deste ideal na coletividade social, os enunciados performativos impressos pelo jornal parecem almejar a normatização da conduta, do comportamento e dos hábitos da mulher rio-grandina. As ações do movimento feminista, bem como suas reações, mereceram amplo destaque no debate – partindo do pressuposto de que um debate necessita de ideologias divergentes à sua efetivação, esta definição conta com um tom de ironia – promovido por *O Tempo*.

Segundo o periódico, o feminismo não haveria razão de ocorrer no Brasil, visto o privilégio que teriam as mulheres daqui em relação aos demais países onde também se manifestaram focos de inquietude contra o *status quo*. A alteridade é marcada, então, não apenas pelo par homem/mulher, bem como pela dicotomia mulher brasileira/mulher estrangeira.

Pensando sobre a problemática da identidade, Cecília Azevedo⁸⁸ comenta que a construção e a atribuição de identidade equivale a uma estratégia de legitimação, de afirmação de uma hegemonia, na medida em que estabelece modelos sociais de conduta. No entanto, esses modelos não são totalmente arbitrários, e sim, frutos de uma negociação simbólica.

Pode-se associar estas idéias à análise empreendida por Soihet⁸⁹, no que diz respeito acerca do caráter ideológico imbuído ao movimento, na medida em que muitas feministas passaram a reivindicar direitos em nome dos valores consagrados pela ordem dominante, fato visto pela autora como uma estratégia, com o objetivo de garantir credibilidade e legitimidade à sua luta. É possível verificar a produção discursiva do jornal rio-grandino a este respeito:

A mulher brasileira:

Acabamos de ler o que o publicista Redney Dutcher, correspondente da United Press em Chicago, escreve acerca da nossa ilustre patricia Bertha Lutz, que representou o Brasil na Conferencia Feminina de Chicago. Vai o nosso leitor também travar conhecimento com as expressões do jornalista norte americano. São estas:

‘Há dois meios para as mulheres alcançarem o que desejam: o primeiro é sahir a campo e combater em favor de suas intenções, e o segundo, o mais simples, é apenas limitar-se a ser uma mulher’.

⁸⁷ BACZKO, 1984: p. 300.

⁸⁸ AZEVEDO, 2003: p. 44.

⁸⁹ SOIHET: 1997, 2003, 2006.

Esse segundo método é adaptado, com grande êxito, no Brasil e preferido por todas as senhoras do paiz, que passam os seus dias calmamente em suas casas, entregues unicamente aos seus deveres domésticos, bebendo café, limonadas e outros licores innocentes e que, no entanto, tem tanta influencia nos negócios nacionaes quanto as suas semelhantes dos Estados Unidos da América. É o que declarou a senhorinha Bertha Lutz, do Rio de Janeiro, que foi delegada do Brasil na recente conferencia pan-americana de senhoras. Não somos militantes. As militantes não têm cabimento no Brasil⁹⁰.

Nesse sentido, as feministas brasileiras “limitando-se a serem apenas mulheres”, diplomaticamente conseguem alcançar seus objetivos⁹¹. Ironia pensar que a concessão do sufrágio foi realizada uma década após a publicação deste artigo. Além disso, reitero e questiono a amplitude destes direitos, os quais se inferiam a uma pequena parcela do contingente feminino brasileiro, visto que estas senhoras “passam os seus dias calmamente em suas casas, entregues unicamente aos seus deveres domésticos, bebendo café, limonadas e outros licores innocentes”.

Partindo do pressuposto de que a própria representante do movimento em prol das mulheres no Brasil proferiu estas palavras – segundo o publicista supracitado – parece evidente o caráter “conservador⁹²” do feminismo brasileiro; quando comparado ao europeu e norte-americano. No entanto, é evidente que diferentes culturas produzem distintos personagens; mas este fato não simboliza a efetivação da igualdade nas relações de gênero no contexto brasileiro analisado, e mesmo, na contemporaneidade. Ao explicitar melhor estas questões, destaco um trecho pronunciado pela própria Bertha Lutz:

Não é exato nem procedente que, adquiridos os direitos eleitorais, a mulher abdica do lugar que a natureza lhe concedeu (...) O domínio da mulher, todas nós feministas concordamos, é o lar. Mas é que (...) hoje em dia, o lar não está mais compreendido no espaço de quatro muros⁹³.

Também para Cunha⁹⁴ algumas feministas de então procuraram usar o discurso dominante sobre as mulheres para seus próprios fins, uma estratégia considerada arriscada, pois invocavam os mesmos argumentos usados para manter a situação que tornara o movimento emancipatório necessário. Quando se recorre a conceitos de gênero ideologicamente petrificados, recai-se numa

⁹⁰ O Tempo, 16/08/1922, p.01, 1ª e 2ª colunas.

⁹¹ (Grifo meu).

⁹² Visto que os feminismos, tão plurais, são produtos culturais; e têm-se transformado a cada tempo e espaço, cito a palavra entre aspas pois esta expressão se faz arraigada de idéias atuais no que se refere ao meu entendimento do que seria o movimento feminista.

⁹³ LUTZ. Apud HAHNER, 2003: p. 312.

⁹⁴ CUNHA, Maria Carneiro. *O feminismo entre a ideologia e a utopia*. Labrys, Nº 11. jan/jun. 2007: p. 10.

posição conservadora e, sob uma mudança aparente, as estruturas sociais permanecem intocadas; os “novos mundos” assim concebidos só são utópicos para uma ínfima minoria.

A romantização das mulheres como a encarnação da virtude e da bondade avaliza, em última análise, a ideologia das esferas separadas, em função da qual seus direitos, enquanto indivíduos tinham sido praticamente eliminados.

Entretanto, não há como negar a ação do feminismo sufragista, visto os mais diversos preconceitos referentes às mulheres em distintos âmbitos sociais, e garantir a inserção destas na esfera pública era um velho anseio, por longo tempo vedado às mulheres. Soihet, ao analisar estas questões afirma que:

Passavam as mulheres, segundo Hannah Arendt, a garantir sua transcendência, pois o espaço público, afirma aquela filósofa, não pode ser construído apenas para uma geração e planejado somente para os que estão vivos: deve transcender a duração da vida dos homens mortais, aos quais acrescentamos, também, a das mulheres mortais⁹⁵.

Para Soihet⁹⁶, os atos políticos de Bertha Lutz e de outras mulheres de seu entorno evidenciam o terreno movediço em que são enunciados, anunciados e conduzidos, trazendo a noção de "feminismo tático", que criou "ocasiões" para a conquista de metas e objetivos. Não são atos domesticados, ainda que bem comportados. É interessante ressaltar de que forma *O Tempo* utilizou-se destas representações acerca do feminino, visto que já no período estudado havia tais críticas acerca do feminismo sufragista brasileiro⁹⁷.

O jornal analisado apropriava-se deste caráter conservador, ou, como analisa Soihet, da tática utilizada pelo movimento feminista para divulgar sua opinião acerca do assunto, almejando angariar um contingente de indivíduos que se encontrassem em posição contrária à emancipação feminina, e, possivelmente, influenciar àqueles que permaneciam neutros quanto a estas questões⁹⁸.

⁹⁵ SOIHET, 2006: p. 07.

⁹⁶ IDEM.

⁹⁷ Entre as personagens que podemos destacar, além das já citadas, recordo-me de Patrícia Galvão (Pagu), a qual fazia árduas críticas ao movimento feminista das primeiras décadas do século XX, considerando-o como apanágio da burguesia. Em seu livro *Parque Industrial*, a autora discute tais questões sob o ponto de vista do *proletariado*. (Grifo meu, pois este conceito é utilizado pela autora).

⁹⁸ “A oposição aberta ao sufrágio feminino foi declarada não apenas nos tribunais, mas também na imprensa – livros, revistas e jornais, com artigos e caricaturas satíricas - , nas permanentes conversações entre pessoas de todas as classes e níveis, nas ruas e nas casas. (HAHNER, 2003: p. 316 e 317)”.

Como já explicitado, ao se apropriar de expressões que esclarecem sobre uma possível “natureza feminina”, *O Tempo* repõe, nos espaços interdiscursivos, generalizações sobre as mulheres que delimitam seus lugares na sociedade, suas possibilidades de ação e as práticas às quais elas devem se limitar. Geralmente, tais atribuições traziam as especificidades do contexto nacional, diferenciando este inapelavelmente, de outros países onde o feminismo também estava no palco das discussões políticas, como narrado anteriormente.

O voto feminino:

Está em andamento no Senado, contando com o apoio decidido de alguns representantes da nação, um projeto de lei tendente a tornar extensivo ás mulheres o direito do voto. Pelos modos, o projeto, mais dia menos dia, triumphá (...). Se tantos paizes dos mais altos cultos tem proclamado a perfeita capacidade da mulher para concorrer com a outra metade do gênero nas pugnas cívicas e no acesso aos postos de representação e de commando, porque há de o Brasil obstinar-se em desconhecer o valor feminino e conservá-lo á margem dos campos onde se cultivam os interesses da comunhão? Isto, á primeira vista, parece argumentação embatucante. Mas só á primeira vista. O que os paizes estrangeiros têm feito não é reconhecer a capacidade da ‘mulher’, assim em abstracto, para exercer os direitos do cidadão. O que elles fazem é reconhecer que as ‘suas’ mulheres, lá delles, taes como lá se apresentam, devem e podem ser equiparadas politicamente aos homens, por terem attingido, através de uma evolução social mais avançada, um grau de desenvolvimento que as habilita a entrar no grande jogo nacional das opiniões e das ambições. Assim, nós não devemos perguntar, em frente desse factó, se o Brasil pode persistir em considerar ‘a mulher’ como incapaz para a vida publica; mas, sim, se o Brasil deve considerar ‘a mulher brasileira’ em condições de vir para o terreno das lutas polítics, em igualdade de direitos e deveres com os homens. Ora, a resposta a esta ultima pergunta não pode ser outra: as nossas mulheres, em geral, não estão, absolutamente, aptas para isso. Tirantes algumas, raras senhoras mais inteligentes, mais batalhadoras ou apenas mais espevitadas, a verdade é que a massa da população feminina se acha tão pouco preparada para a política militante como a população infantil(...). A melhor prova de que as mulheres não se interessam pela vida nacional nem pelos seus próprios ‘direitos’ está em que ellas, excluidas umas pouquíssimas exceções, não sentem nenhuma necessidade de votar e ser votadas, nem estão reclamando coisa alguma(...) Quando tivermos eleitores machos, dignos daquelle nome e desse qualificativo, e tivermos eleitoraes de verdade, então será tempo de irmos pensando em preparar as senhoras para intervir na vida publica⁹⁹.

Nesse sentido, embora já tenha sido explicitado que o movimento feminista brasileiro ligava-se ao interesse das camadas abastadas residentes nas cidades, o discurso presente nas páginas do periódico tolhia qualquer possibilidade de ampliar as bases de apoio ao feminismo, afirmando que as mulheres do Brasil se faziam incapazes de exercer direitos políticos; além de questionar àqueles simpáticos à causa do movimento, marcando dicotomias, fato que se faz na

⁹⁹ O Tempo, 10/07/1923: ano XVII nº 169. 1ª p. 2ª coluna.

seguinte passagem “quando tivermos eleitores *machos*¹⁰⁰ (...) então será tempo de irmos pensando em preparar as senhoras para intervir na vida pública”.

Assim, as identidades de gênero estão sempre sendo construídas, elas são instáveis, e, portanto, passíveis de transformação. A ênfase do jornal em identidades fixas para os sujeitos aponta para esta possível mudança. Além disso, ao invalidar a atividade do movimento feminista através de artigos que caracterizavam o Brasil como um país onde não havia necessidade deste, o diário almejava a perpetuação do poderio masculino na sociedade, principalmente no que concerne à esfera política. Para além das aparências, as normas tradicionais continuavam vivazes no pós-primeira guerra.

No entanto, a pesada marcação das identidades não era destinada apenas às mulheres. Também os homens deveriam seguir modos de conduta e comportamento apropriados ao tão aclamado “sexo forte”. Robert Connel¹⁰¹, ao analisar as “políticas da masculinidade” presente em distintas sociedades, afirma que igualmente às mulheres, aos homens é conferida uma identidade “masculina” que se sobrepõe as demais. Se as mulheres deveriam manter características de pureza e comedimento, os homens deveriam ser “machos”, viris, práticos.

Segundo a observação de Louro¹⁰², as sociedades realizam processos de identificação e, conseqüentemente, de alteridade, a partir da construção de contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam a norma e aqueles que se encontram fora dela, às margens. Ao classificar os sujeitos, as sociedades estabelecem divisões e atribuem rótulos que pretendem fixar identidades; o que parece ser o caso do periódico analisado.

Um voto feminino – um ensaio em Buenos Aires (...)

Uma fraude:

Confesso que votei quatro vezes com falsos nomes - declarou no Comitê Central Feminista a doutora Sara Justo, uma das propagandistas que mais trabalharam na Argentina, por meio da imprensa e da tribuna publica, em favor dos direitos femininos. Esta declaração produziu espanto, e a Dra. Moreau, aproximando-se dela, interrogou-a: Como! Será verdade o que acaba de nos dizer? Será possível que tenha cometido um acto tão repreensível? Sim, fi-lo; trata-se de um simples ensaio, e quiz, assim, contribuir com seu melhor resultado, fazendo ver, com esta fraude, a necessidade que há de que se faça um censo de cidadãs argentinas que estejam nas condições de votar. Então, poderia provar-se, também, que proporção de mulheres reclamam o seu direito de voto. Oh, responderam-lhe algumas – não se pode fazer tudo de uma vez¹⁰³.

¹⁰⁰ (Grifo meu).

¹⁰¹ CONNEL, 1995.

¹⁰² LOURO, 2001: p. 15.

¹⁰³ O Tempo, 05/09/1920, 1ª p. 1ª e 2ª e 3ª colunas.

Na notícia acima, publicada pelo diário em princípios da década de 1920, é possível destacar o despreparo das mulheres em relação à vida pública, pois mesmo se tratando de um ensaio, houve fraude nos resultados. Entretanto, em artigo anterior, o jornal imprimiu suas concepções acerca do caráter corrupto da política, em oposição à pureza e docilidade das mulheres. Não estariam estas, então, preparadas para exercerem seus direitos eleitorais, já que compartilhavam de tais ideias?

Embora o texto acima tenha um caráter noticioso, a escolha de determinados assuntos por parte da mídia enfoca visões de mundo específicas aos atores sociais que fazem parte desta análise, pois os discursos são fragmentos do imaginário no qual estes atores estão inseridos. Baczko¹⁰⁴, ao narrar sobre os imaginários sociais, afirma que é a partir destes que são produzidas determinadas identidades, distribuem-se papéis e posições sociais, imprime-se crenças comuns e constroem-se códigos de “bom comportamento”; através de modelos formadores de conduta.

Neste caso, a “boa mulher” era aquela que sabia de suas obrigações no âmbito doméstico e não almeja sua inserção em outras esferas, as quais não condiziam com seu papel ideal na sociedade. Assim, também, os homens deviam desempenhar sua função de provedores do lar, exercendo sua racionalidade àqueles que o cercavam – sendo estes as mulheres e as crianças, os corpos “débeis”.

O jornal *O Tempo*, como propagador da moral e dos bons costumes, desacreditava o movimento a partir de sua produção discursiva:

O nosso feminismo:

Não se pode dizer que tenhamos no Brasil a questão feminista. Ainda não chegou até nós o movimento que caracteriza as pretensões do chamado sexo fraco e as mulheres, no Brasil, parecem satisfeitas com a sua condição social, nada demonstrando até agora que a brasileira venha para a praça pública pleitear direitos que lhe tenham sido negados. A consideração de que goza a mulher nos meios cultos brasileiros, a sua influencia persistente e tenaz na formação da família nacional; a sua situação de rainha incontestada no pequeno mundo do lar, parece que lhe dão suficiente, o bastante para que se considere feliz. Não se julgue, porém, que o papel da mulher fique circunscripto ao lar. Frequentemente, o homem lhe cede certas ocupações profissionais, para as quaes, até pouco se exigiam qualidades que só a virilidade, segundo se cria, pode dar. Os logares de professor primário, enfermeiro e alguns outros de pouco dispêndio de energia foram confiados as mulheres, com vantagem para a sociedade. É verdade que alguns delles as mulheres se revelam inferiores ao homem, cessando, diante da prova experimental, a pretensão das nossas patrícias, que enveredam, então, para as profissões em que as suas qualidades se evidenciam proveitosamente. (...) Recebida com agrado pelos outros concorrentes, a mulher brasileira se vae elevando no conceito da nação, não pelas suas pretensões políticas, mas pela sua cultura, que é a maior ascendência que pode haver

¹⁰⁴ BACZKO, 1984: p. 309.

num paiz de organização republicana. Aquillo que no Brasil se poderia chamar de feminismo, isso é, a elevação gradativa, natural e invencível da mulher, vae-se operando num ambiente de calma e socego, sem despertar reação ou forçar até ao ridículo a influencia da mulher na sociedade brasileira¹⁰⁵.

No artigo acima, o autor procura demonstrar como considera absurda a pretensão de participação política por parte de mulheres brasileiras. Com tal intuito, o periódico, contradizendo tudo o que tinha afirmado em artigos anteriores, anuncia que não há “causa feminista” no país. Desta forma, diferentes estratégias foram utilizadas com o objetivo de se alertar sobre os perigos advindos da participação feminina em esferas consideradas do domínio masculino.

Por outro lado, repetem-se, no texto, estereótipos sobre a importância de serem respeitados os diferentes atributos dos homens e mulheres, instâncias presentes fortemente em diversos artigos aqui citados. Nesse sentido, apesar dos “homens terem cedido certas ocupações às mulheres”, permanecia a ideia de que certas atividades seriam mais adequadas àquelas, por extensão de suas funções maternais, como as citadas no texto: magistério – ligado à educação da criança – e enfermagem, imbricada à noção de cuidado.

Segundo Felipe¹⁰⁶, ao final do século XIX e início do XX, surgiram, no Brasil, vários cursos destinados a elas, como as escolas técnicas femininas e escolas normais, que incluíam disciplinas de economia doméstica, puericultura, sempre com o objetivo de preparar uma “nova” mulher, estritamente ligada às funções de mãe e dona de casa. Este fato aponta para a concepção de que cada gênero devia cumprir tarefas compatíveis à sua “natureza”. Além disso, Soihet¹⁰⁷ destaca que estas profissões “adequadas” às mulheres geralmente eram menos remuneradas, afirmando sua situação inferior diante da sociedade falocêntrica.

Para Cristine Dètrez¹⁰⁸, aprender a ser mulher, é assim, antes de tudo, aprender a se comportar corporalmente como uma mulher. A publicidade oferece/oferecia ocasiões de expor estes estereótipos corporais, introjetados a tal ponto que funcionam/funcionavam, na maioria das vezes, implicitamente. A educação mesmo é sexuada e o corpo é um elemento central nas práticas educacionais, pois cada gesto é um signo em si e reflete-se no aspecto exterior.

A maneira de se vestir é crucial, pois deve “fazer” a mulher: mal moldada, a mulher é considerada um “meio homem”, como já explicitado, maneira outra de sublinhar a diferença de

¹⁰⁵ O Tempo, 16/07/1925, 1ª p., 4ª coluna.

¹⁰⁶ FELIPE, 2003: p. 08.

¹⁰⁷ SOIHET, s/data. S/ p.

¹⁰⁸ DÈTREZ, Cristina. *Santas ou feiticeiras: a construção social do corpo feminino*. IN: Labrys. Ago-Dez. 2003: p. 05.

valor dada a cada um dos sexos. O artigo a seguir enfatiza estas distinções produzidas pelo social. Tendo em vista que o texto é bastante extenso, irei dividi-lo em duas partes, analisando-as separadamente, mas em conjunto com as discussões abordadas ao longo deste trabalho.

O último artigo a ser investigado foi também o mais recente encontrado em minhas pesquisas, sendo datado de 1932, ano em que a periodização cronológica deste estudo termina. Este texto foi publicado posteriormente à aprovação da lei que deu direito ao voto feminino em âmbito nacional, embora as mulheres tenham exercido, de fato, este direito, em anos posteriores, visto as conturbações políticas do período. É possível perceber que, mesmo conquistado este poder legítimo, o jornal ainda divulgava opiniões contrárias acerca do tema, como se pode aferir a partir da leitura do trecho a seguir:

O voto feminino

Theoricamente, o feminismo é aceitavel. Mesmo antes do seu advento no nosso meio, quando não se pensava a sério em tão cedo dar-se o que hoje se vê, inclusive as damas alistarem-se eleitoras, eu achava uma injustiça negarem-se á mulher os direitos políticos que geralmente se concedem aos homens. (...) Mas... logo de inicio surge um embaraço. Não podendo abdicar jamais de sua principal prerrogativa, dada pela natureza, de ser esposa e mãe, e isso porque são funcções em que ella não póde soffrer a concorrência dos homens, temos que a mulher deve provavelmente dedicar-se na carreira publica, a cargos que lhe não lhe diminuam a majestade e a extensão daquella prerrogativa inalienável. E é o que não será tão fácil, como se afigura que é, nos discursos das *leaders* feministas. E eis porque. – O lar encarna um ministério ou pequena pátria, com um aparelho administrativo complicadíssimo, e é do seu regular funcionamento que dependem a economia e a moral da grande pátria. E em outro ponto de vista também respeitável, a pasta que Deus confia á moça que se casa perante um altar contém tamanhas responsabilidades, no tempo e no espaço, que a mulher verdadeiramente religiosa há de sentir-se peccadora, há de sentir-se faltando aos deveres exigidos pela sociedade christã, quando se afasta de seus filhos ou quando distrae o pensamento dos negócios de sua casa, sem que haja uma absoluta necessidade – de vida ou de morte – para isso. (...) Perdoem-me as minhas compatriças. Eu lhes quero muito, porque me habituei a admiral-as, com toda a justiça, nas aulas e nos lares, como professor e como medico; mas sei bem, conheço de facto, por isso que vivo na intimidade das famílias, os dramas entrestecidos na sombra que se faz, quando uma mulher é obrigada a deixar de projectar, no doce ambiente em que é soberana, a claridade divina da sua presença constante de esposa e mãe (...)¹⁰⁹.

O lugar social em que o discurso foi produzido é bastante preciso: quem o profere possui a legitimidade do saber médico e acadêmico. Como analisa Foucault¹¹⁰ as disciplinas controlam e delimitam os discursos, reatualizando, permanentemente, as regras a ele impostas. Ao encontro desta perspectiva, cito Soares¹¹¹, para a qual “diferentes épocas elaboraram diferentes retóricas e

¹⁰⁹ O Tempo, 13/12/1932 – anno XXVII, nº 12 – 1ª p. 1 e 2ª colunas.

¹¹⁰ FOUCAULT, 1996: p. 36.

¹¹¹ SOARES, Carmem Lúcia. *Pedagogias do corpo*. IN: Labrys, Ago-Dez. 2003: p. 07.

pedagogias do corpo, assim, parece que a confiança e a autoridade do discurso são maiores quando apoiadas em argumentos, em explicações e, sobretudo, em provas construídas por um vasto campo de conhecimentos de natureza física e biológica¹¹²”.

Nesse sentido o jornal estudado procurava respaldar seu discurso. Se os articulistas e a gerência do jornal não possuíssem legitimidade suficiente para divulgar determinadas proposições, os artigos opinativos, geralmente escritos por personagens ilustres de determinada sociedade, acabavam por suprir esta problemática. No entanto, quer fossem produções próprias ou colaborações, o diário dava lugar à divulgação destes ideais de forma ampla.

Desta forma, as identidades e papéis referentes aos sexos destacados nas páginas do jornal apontavam para permanências em detrimento de rupturas mais efetivas no tocante ao considerado feminino e, também, masculino. Para Swain¹¹³ a partir da enunciação de verdades, cujo fundamento enunciativo se sustenta no lugar de fala de uma autoridade instituída, os efeitos políticos deste poderio discursivo tornam-se maiores, na medida em que a construção social e histórica destes enunciados desaparece, para dar lugar à força simbólica da própria enunciação.

Assim, ao divulgar determinadas proposições, os enunciados performativos, assim como os poderes, ou ainda, àqueles imbuídos destes, “produzem sujeitos”. E estes sujeitos, como já mencionado, divergem diametralmente entre si. Mas a resistência permite a cisão destes binarismos. Os feminismos, como forma de reação, constroem, com estes indivíduos, novas concepções identitárias.

Positivamente falando, há a possibilidade de romper dicotomias, neste caso, as de gênero. No entanto, a apropriação que se faz/fazia destas novas possibilidades também produz, induz, incita. Mas esta produção não escapa às concepções valorativas dos sujeitos. A sequência do artigo acima trouxe à luz, à sociedade rio-grandina dos chamados “anos loucos” estas questões:

Todavia, estou convencido de que há mulheres que nasceram para deputadas, medicas, oradoras populares, suffragistas. Está certo. São as mulheres-homens. Não raro, a endocrinologia traz uma explicação satisfatória da anomalia. Ellas se chamam, num nome sonoro, “emancipadas”. Serve. Não dão para o lar. Abominam o casamento. Algumas chegam a ridicularizar aquellas que amam demais o marido, ou que são mãe de muitos filhos, os quaes criam no peito. (...) Distingamos. A grande maioria das mulheres brasileiras, com certeza, agradece penhorada a distincção que lhe foi conferida (o voto), por isso que prefere preparar primeiramente, no remanso dos seus lares, o eleitor. Prepara-se o eleitor formando o character da creança. Vote quem um dia votar, seja homem ou mulher, é preciso que se demonstre estar elle á altura da funcção de eleitor,

¹¹² IDEM, IBIDEM.

¹¹³ SWAIN, 2004: p. 04.

isto é, -tenha noção de probidade, de honra, de integridade moral. Essa noção só pode vir dos lares bem organizados, que são a única escola de semelhante disciplina, tanto mais que os deveres cívicos, entre nós, não passam, até hoje, de matéria absolutamente *theorica*, em que muito bem prega Frei Thomaz. Mas aquelas senhoras modernas ou emancipadas, elemento ainda excepcional na nossa sociedade, que sintam inclinação decidida para a carreira publica, deverão alistar-se, pois hão de fazer figura brilhante, estou disso muito certo. Digo-o com a maior sinceridade. E seja como fôr, a mulher brasileira conseguiu, com o direito de voto, o direito de impor a sua vontade esclarecida. Mas tal direito – é preciso frisar-se bem esse ponto – antes de ser *jus-oblogatio* é evidentemente uma regalia. As mulheres exercel-o-ão *quando quizerem*, ou seja, quando fôr da sua conveniência pessoal e *quando puderem*, ou seja, quando o exercício do voto não prejudique os deveres inalienáveis da mulher na sociedade. E assim sendo como é, ponham as mulheres á margem os “partidos”, com que *coram populo* já lhes acenam os homens. Elles as querem (ainda uma vez!) como instrumento da sua política, de seus caprichos e interesses. Organizem ellas, se preciso fôr, um único partido com uma só bandeira: o partido da mulher pela mulher. E hão de vencer sozinhas, após o voto, como, sem auxilio de partido algum, o conquistaram, numa arrancada impávida de esforço e de talento¹¹⁴.

Tomando como parâmetro a questão proposta anteriormente, estariam as mulheres preparadas para exercerem funções de âmbito público? Sim, segundo o artigo acima, *algumas* estariam. Mas devo retornar, aqui, à concepção de feminista difundida largamente em princípios do século XX: viragos, perigosas, solteironas. Nesse sentido, estas mulheres, as que lutam por seus direitos, não se constituem como tal, pois não apresentam/representam o ideal de feminilidade do período, e são, por isso, mulheres-homens, portanto, não são representantes, também, do sexo masculino.

Recordo-me da proposição anunciada por Laqueur que explicitarei ainda no primeiro capítulo: antes da “invenção” dos dois sexos, existia apenas um: o masculino. As mulheres, assim, constituem-se no seu avesso, e logo, imperfeitas. Nesse sentido, apesar das estratégias que algumas feministas da “primeira onda” conseguiram empreender, são elas, ainda, “defeituosas”, por não seguirem o que a “natureza” lhes destinou.

Como analisa Tânia Swain¹¹⁵, os discursos sociais e seus enunciados performativos produzem sexo – corpos biológicos – de forma mais densa no binário e na hierarquia, e assim “produzem gêneros, diferenças, margens, centros, polaridades, padrões e tipologias e as diferenças assim instituídas trazem as marcas do político, das relações de poder de um patriarcado que ainda não disse suas últimas palavras na atualidade¹¹⁶”, quem dirá em princípios do século XX.

¹¹⁴ O Tempo, 13/12/1932 – anno XXVII, nº 12 – 1ª p. 1 e 2ª colunas.

¹¹⁵ SWAIN, 2006: p. 05.

¹¹⁶ IDEM, IBIDEM.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em “Orlando¹”, Virginia Woolf descreve vida de um homem que, repentinamente, transforma-se em mulher. Tendo diversos de seus direitos negados, Orlando passa a vivenciar novas experiências, advindas da mudança de sexo. Seu figurino acompanha esta transformação, (embora o personagem não entendesse como as mulheres respiravam quando moldadas por espartilhos) bem como seus afazeres, os quais se voltam, em sua maioria, ao âmbito doméstico. Mas seu nome permanece o mesmo. De certa forma, sua identidade é preservada, embora desempenhasse novos papéis. Para Virginia, a identidade de determinado sujeito não está apenas, nem primordialmente, relacionada ao seu sexo.

Diferentemente de Orlando, o sexo parece definir de forma indelével a identidade das mulheres de princípios do século XX. Mas qual seria a influência destas proposições no cotidiano destes sujeitos, e, conseqüentemente nas suas identidades? Visando responder tais questões, apropriei-me da concepção de Butler², para a qual o gênero é performativo. Isto significa dizer que a mão que aponta o recém-nascido, “*it’s a girl!*” “opera” uma função.

O performativo do discurso se relacionaria com a seqüência “formação, produção, circulação, sustentação e significação do corpo com seu referido sexo³”. Nesse sentido, concordo com Miskolci e Pelúcio, para os quais:

O conceito de performatividade não fica fora do lugar em outros contextos sociais e históricos, pois alguns conceitos podem viajar, serem transferidos adequadamente a outra sociedade e até, em alguns casos, a outras épocas. Apenas é necessário usar o conceito a partir de seu sentido programático, de seu “espírito”, e não a partir de sua equivalência a uma analogia explicativa que só faz sentido em seu local de origem⁴.

Nesse âmbito, o que fez este meio de comunicação debater, de forma tão engajada, acerca de uma possível “identidade feminina” ideal, fixa, binária, hierarquizante, em contraposição à “identidade feminista”, desregrada e imprópria?

A repetição deste discurso por parte do periódico estudado sinalizava a possibilidade de mudanças na sociedade – sendo objeto deste estudo àquelas empreendidas pelo movimento feminista, alvo de construções/divulgações identitárias por parte de *O Tempo* – tendo em vista que

¹ WOOLF, Virginia. *Orlando: Uma Biografia*. Tradução de Laura Alves. São Paulo, Editora Nova Fronteira: 1977.

² BUTLER, 2003.

³ IDEM, IBIDEM.

⁴ MISKOLCI & PELÚCIO, 2007: p. 257.

estas poderiam desconfigurar a idéia de identidades fixas para os sexos, iniciando-se assim, uma crise.

Considero, desta forma, que um dos pontos mais importantes da narrativa são as constantes reiterações das qualidades e comportamentos adequados às mulheres e aos homens por parte do jornal estudado, pois estas não só construía e divulgavam a figura da mulher caseira e mãe idolatrada, mas também do homem contido e respeitável, que escolhe cada palavra para entreter essa mulher, que lhe trata com todo cuidado e proteção, desde que ela mantivesse esses ideais de feminilidade intactos. Assim, tomar os discursos como sendo constituidores de sujeitos e daquilo que chamamos de realidade significa entendê-los como um elemento central da organização social e da cultura.

Ao refletir sobre “os feminismos”, Margareth Rago afirma que, com a intensificação das reivindicações do movimento feminista e a luta contra a exclusão social, as mulheres se dirigiam da esfera privada ao espaço público para nele atuarem como sujeitos e agentes das transformações econômicas, políticas e socioculturais em diferentes sociedades.

Embora o feminismo da “primeira onda” estivesse ligado, de forma mais efetiva, à busca pela cidadania, contando com estratégias de ação ainda incertas no tocante à sua efetividade, a conquista de determinados direitos por parte das mulheres seria um indício de que os tempos estariam mudando, e a hegemonia masculina nos mais diversos setores sociais se encontraria ameaçada.

Assim, visto que a identidade feminista foi construída ao longo da História através de distintos olhares, seja através das mudanças ocorridas no transcorrer dos séculos, e/ou com o intuito de legitimar determinada ideologia no seio das sociedades, *O Tempo* transmitiu, na década de 1920, as ideias de uma sociedade baseada em valores burgueses, onde a mulher deveria permanecer na esfera privada, assumindo os papéis de rainha do lar, esposa submissa e mãe amorosa e conciliadora, em contraposição às mulheres-homens, “intrometidas”, “feiaronas⁵”.

A meu ver, o referido jornal ao se apropriar de imagens da mulher em seu papel “natural”, construía e divulgava “verdades” que davam sentido ao mundo em que estavam inseridos. Além disso, ao invalidar a atividade do movimento feminista através de artigos que caracterizavam o Brasil como um país onde não havia necessidade do feminismo, o jornal, através da circulação de

⁵ Termos utilizados pelo periódico analisado.

enunciados performativos, almejava a perpetuação do poderio masculino na sociedade, principalmente no que concerne à esfera política.

Nesse âmbito, as identidades não se constituem em algo dado, e sim, em edificações sociais, culturais e mentais concomitantes com os valores e normas de determinada época, fato bastante difundido pela História, não se constituindo em algo inovador, mas que necessita ser sempre lembrado. Imagens imóveis do feminino e do masculino fizeram parte das páginas do periódico analisado de maneira incisiva, relegando aos sujeitos sociais a interpretação de apenas uma de suas múltiplas possibilidades identitárias.

Creio que não seja necessário, aqui, descrever novamente os estereótipos de feminilidade e, também, de masculinidade – não abordados com tanto afinco quanto o primeiro, mas nem por isso, esquecidos – publicados ao longo de mais de uma década pelo periódico *O Tempo*, e sim, as motivações que permitiram a realização deste estudo.

No decorrer deste trabalho, procurei demonstrar como os feminismos proporcionaram importantes contribuições sociais e acadêmicas, rompendo binarismos e repensando a disciplina histórica. Nesse sentido, concordo com a perspectiva de Pedro, para a qual devemos observar, como profissionais da História:

(...) as práticas que ensejam a divisão sexual do trabalho, dos espaços, das formas de sociabilidade, bem como a maneira como a escola, os jornais, a literatura, enfim, os diferentes meios de comunicação e divulgação constituem as diferenças reforçando e instituindo os gêneros, estamos escrevendo uma história que questiona as "verdades" sedimentadas, contribuindo para uma existência menos excludente⁶.

Reitero, desta forma, o caráter social de meu trabalho, na medida em que a produção historiográfica jamais deve permanecer enclausurada⁷ em bibliotecas empoeiradas, esperando que a intelectualidade aproprie-se destas objetivando a criação de teorias sem imbricações concretas com a sociedade, perpetuando as relações dicotômicas entre os gêneros. Nesse sentido, o reduzido tempo de estudos pode não trazer o reconhecimento de minhas proposições, mas, qual seria, então, o momento ideal para expor tais opiniões? Qual é, afinal, o papel dos historiadores?

⁶ PEDRO, 2005: p. 11.

⁷ Bem como as mulheres período estudado e, para muitas, ainda hoje.

Para Swain⁸, a História nunca mais será a mesma, a das certezas e dos positivismos, das contradições a serem resolvidas. Ela é, hoje, uma disciplina instigante, aberta às questões e aos paradoxos, problematizando, em lugar de concluir. A História, atualmente, seria fator de desordem do discurso, apontando o sofisma das hegemonias, como construções interpretativas.

Assim, os estudos de Gênero se inserem nesta perspectiva historiográfica, partindo do pressuposto de que a produção acadêmica deve conter um cunho político e social, ingressando no universo das relações entre masculinidades e feminilidades plurais; subvertendo identidades, questionando padrões estabelecidos, suscitando dúvidas e buscando outras formas de pensar, de olhar o mundo no qual estamos inseridos, atuando como agentes transformadores, reivindicadores de uma sociedade mais justa e humana.

Deste modo, compartilho da perspectiva de Tânia Navarro Swain, historiadora feminista engajada teórica e politicamente, cuja obra norteou de forma indelével a construção deste trabalho na medida em que:

E a história, afinal? A história encontra-se valorizada enquanto disciplina, já que todas as outras reconhecem, em maior ou menor grau, a incontornável historicidade de suas proposições. Enquanto historiadoras feministas, procuramos não o ecoar monótono da repetição do mesmo, mas as vibrações dos acordes múltiplos de uma história possível, instauradora de diversidade, não da diferença⁹.

No entanto, meus enunciados, assim como os discursos investigados, também se apoiaram nas disciplinas, objetivando legitimidade àquilo que foi pronunciado. Como afirma Foucault, não se pode dizer qualquer coisa, em qualquer época, ou de qualquer lugar. Ainda segundo o autor, os enunciados circulam, se esquivam, permitem ou impedem a realização de um desejo, são dóceis ou rebeldes a interesses, entram na ordem das contestações e das lutas¹⁰.

Mas, apesar de me apropriar da mesma estratégia do discurso dominante, assim como o fizeram as “primeiras feministas”; espero que os efeitos de sentido gerados a partir da leitura destes escritos, sejam menos excludentes e fixos, e mesmo, menos “verdadeiros” do que os impressos nas páginas d’*O Tempo*, tendo em vista que a História permite múltiplas interpretações: “passo a duvidar que alguma instância ou algum grupo seja o portador da ‘Verdade’, e admito que podem coexistir (e se confrontar) muitas ‘verdades’¹¹”.

⁸ SWAIN, 2004: p. 02.

⁹ SWAIN, 2004: p. 17.

¹⁰ FOUCAULT, 2008: p. 119.

¹¹ LOURO, 2004: p. 01.

Também assim são as identidades. Enquanto Virginia Woolf transcendia as barreiras de gênero com seu/sua Orlando – a obra foi publicada em 1928, sendo contemporânea à cronologia deste estudo – a construção de identidades fixas para os sujeitos, empreendidas pelo meio de comunicação analisado buscava fabricar corpos dóceis¹², induzir comportamentos, limitando o humano à apenas uma de suas várias facetas.

¹² FOUCAULT, 1992.

BIBLIOGRAFIA

- ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária/EDUSP, 1981.
- AGUIAR, Neuma (org.). *Gênero e ciências humanas. Desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Tempos: 1997.
- ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo, Editora Brasiliense: 1991.
- ALVES, Francisco das Neves. & TORRES, Luiz Henrique. *Imprensa e História*. Porto Alegre, Associação dos Pós-Graduandos em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: 1997.
- ALVES, Francisco das Neves. *A imprensa na cidade do Rio Grande. Um catálogo histórico*. Coleção Pensar a História Sul-Rio-Grandense, nº 32. Rio Grande, FURG: 2005.
- ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro, Zahar Editores: 1983.
- _____. *As humilhações políticas*. In: MARSON, J. & NAXARA, N. *Sobre a humilhação. Sentimentos, gestos, palavras*. Uberlândia, EDUFU: 2005.
- ANTUNES, Marco. *O público e o privado em Hannah Arendt*. Portugal, Universidade da Beira Interior: s/ data.
- ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária/EDUSP, 1981.
- AUSTIN, John L. *Performativo – Constativo*. Tradução de Paulo Ottoni. IN: Ottoni, Paulo. *Visão Performativa da Linguagem*: Campinas, SP: Editora da UNICAMP: 1998.
- AVELAR, Marcus Vinicius. *Qual a sua letra? Performatividade, identidades e diversidade*. Campinas, São Paulo: 2008.
- AZEVEDO, Cecília. *Identidades compartilhadas: a identidade nacional em questão*. In: ABREU, Marta & SOIHET, Rachel (org.). *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro, FAPERJ e Casa da palavra: 2003.
- BAUMAN, Zigmunt. *Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor: 2005.
- BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In. Dicionário Einaudi: 1984.
- BARTZ, Frederico Duarte. *Solidariedades impressas (1917-1920): o jornalismo operário como forma de ligação entre o movimento operário gaúcho e os trabalhadores organizados do centro do país no período das grandes greves*. Anais do IX Encontro Estadual de História: Vestígios do passado, a História e suas fontes.

- BARROS, José D. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis Vozes: 2004.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres nos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo, Editora Contexto e Fundação UNESP: 1997.
- BAUER, Carlos. *Breve História da mulher no mundo ocidental*. São Paulo, Edições Pulsar: 2001.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. São Paulo, Editora Nova Fronteira: 1990.
- BENHABIB, Seyla & CORNELL, Durcilla. *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Tempos: 1987.
- BITTENCOURT, E. *Da Rua ao Teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidades e cultura no Brasil Meridional*. 2ª ed. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.
- BORBALAN, Jean-Claude Ruano. *La Construcción de L'Identité*. In: Sciences Humaines Éditions. *Identité(s): L'individu, Le groupe, La société*. Auxerre Cedex: 2004.
- BOSCHILIA, Roseli. *Da mulher ao gênero, a elaboração de um conceito*. (2007). Disponível no endereço <http://www.cidadedoconhecimento.org.br> acesso em 15/07/08, às 10:25.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. In: Educação e Realidade/ UFRGS, vol. 20, nº 2. Porto Alegre, jul/dez:1995.
- _____. *A economia das trocas lingüísticas. O que falar quer dizer*. São Paulo, EDUSP: 1996.
- BRITZMAN, Débora. *Curiosidade, sexualidade e currículo*. In: LOURO, Guacira (org). *O corpo Educado, pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica: 2001.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 2003.
- BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre o limite discursivo do sexo*. In: LOURO, Guacira (org). *O corpo Educado, pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica: 2001.
- CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade. Volume II*. São Paulo, Paz e Terra: 1997.
- CAPDEVILLA, Luc. *As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com Luc Capdevila*. In PEDRO, Joana. Rev. Estud. Fem. v.13 n.1 Florianópolis jan./abr. 2005
- CAPELATO, Maria Helena & PRADO, Maria Ligia. *O Bravo Matutino. Imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo*. Alfa – Omega: 1980.
- CARDOSO, Ciro & VAINFAS, Ronaldo (org). *Domínios da História: ensaios sobre teoria e metodologia*. Rio de Janeiro, Campus: 1997.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: contexto, 2004: p. 72.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Revista Annales, Nov-Dez. N° 6: 1989.

CHARTIER, Roger. *Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica)*. In: *Cadernos Pagu- fazendo história das mulheres.(4)*. Campinas, Núcleo de Est. de Gênero/UNICAMP, 1995.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil – Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo: 2004.

CONNEL, Robert. *Políticas da Masculinidade*. In: *Educação e Realidade/ UFRGS*, vol. 20, n° 2. Porto Alegre, jul/dez:1995.

CONDORCET, 1976. Apud SCOTT, Joan. *O enigma da igualdade*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis: 2005.

COSTA, Suely Gomes. *Um estimulante encontro com Michel de Certeau: o feminismo tático de Bertha Lutz*. Cadernos Pagu, N° 27, Campinas: 2006.

COTT, Nancy. *A mulher moderna: o estilo americano dos anos vinte*. In: DUBY, Georges & PERROT, Michele. *História das mulheres no ocidente. O século XX*. Porto Alegre, Edições Afrontamento Ltda: 1991.

CUCHE, Denys. *A noção cultura nas ciências sociais*. Bauru, EDUSC: 1999.

CUNHA, Maria Carneiro. *O feminismo entre a ideologia e a utopia*. Labrys, N° 11. jan/jun. 2007.

DELEUZE, Gilles. Apud PRADO, José Luiz Aidar. *O leitor infiel diante dos mapas da mídia semanal performativa*. Revistas Fronteiras. São Leopoldo: Unisinos, vol VII, p. 39-46, 2005.

DERRIDA, Jacques. *Positions*. Apud HALL, Stuart. *Quem Precisa de identidade?* In: SILVA, Thomas Tadeu (org). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Editora Vozes: 2000.

DÊTREZ, Cristina. *Santas ou feiticeiras: a construção social do corpo feminino*. IN: Labrys. Ago-Dez. 2003: p. 05.

DUARTE, Constância Lima. *Feminismo e Literatura no Brasil*. Revista Estudos Avançados, vol.17 n° 49. São Paulo: Sept./Dec. 2003, p. 03.

DUBY, Georges & PERROT, Michele. *História das mulheres no ocidente.O século XX*. Porto Alegre, Edições Afrontamento Ltda: 1991.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor: 2000.

- FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo, Editora da USP: 2006.
- FELIPE, Jane. *Governando Corpos Femininos*. Labrys, N° 4, Ago-Dez: 2003.
- FÉLIX, Loiva Otero. *História e Memória. A problemática da pesquisa*. Passo Fundo, UFP: 2004.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *Memórias da História*. IN: Nossa História (ANO1, nº 09). Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional: 2004.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo, Editora Ática: 2000.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, Edições Loyola: 1996.
- _____. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro, Edições Graal: 1998.
- _____. *O que é um autor? Vega Passagens*, 1992.
- _____. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária: 2008.
- _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Edições Graal: 1979.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2007.
- FRANCHENATO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura & HEILBORN, Maria Luiza. *Antropologia e Feminismo*. 1980
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e História*. São Paulo, Cia das Letras: 1989.
- GONÇALVES, Elizabeth Moraes & FARO, José Salvador. *O performativo no jornalismo cultural: uma organização discursiva diferenciada*. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 38 abril de 2009.
- GONÇALVES, Gracia. *O Feitiço Contra o Feiticeiro: A Crise da Identidade Masculina*. IN: Gláuks v. 7 n. 2, 2007.
- GONTIJO, Murilo M. *Contribuição à Construção de uma Perspectiva Híbrida para o Jornalismo Contemporâneo*. Texto apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação-Salvador/BA-1º a 5 de setembro de 2002 e retirado de <http://www.intercom.org.br/papers/xxv-ci/np02/NP2GONTIJO.pdf>.
- GOUGES, Olimpe de. *Oeuvres*. In. SCOTT, Joan. *O enigma da igualdade*. Revista Estudos Feministas: 2005.
- GROSZ, Elizabeth. *Corpos reconfigurados*. Campinas, Cadernos Pagu , n. 14, p. 45-86, 2000.

HALL, Stuart. *Quem Precisa de identidade?* In: SILVA, Thomas Tadeu (org). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Editora Vozes: 2000.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A: 2003.

HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940*. Florianópolis, Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul, EDUNISC: 2003.

HARAWAY, Donna. *Ciencia, cyborgs e mujere, la reinvención de la naturaleza*. Valência, Cátedra, 1991: p. 1990.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de: *Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, Rocco:1994.

_____. *Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: uma primeira avaliação*. In: COSTA, Albertina & Bruschini, Cristina. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos: 1992.

HOUBRE, Gabrielle. *Jovens libertinas, jovens românticas : as miragens de uma sexualidade confiscada*. IN: Labrys, Nº 4: Agosto a dezembro de 2003.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo, Martins Fontes: 1992.

IEPSEN, Eduardo. *Jacob Rheingantz e a colônia de São Lourenço: da desconstrução de um mito à reconstrução de uma História*. Dissertação de Mestrado. UNISINOS, São Leopoldo: 2008.

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e outras vozes*. São Paulo, Editota da Unicamp: 1997.

ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834)*. Porto Alegre, Martins Livreiro: 1983.

JENKINS, Keith. *A História Repensada*. São Paulo, Contexto: 2005.

KAPLAN, E. Ann. *A mulher e o cinema: os dois lados da câmera*. Tradução de Helen Márcia Potter Pessoa. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

KÜHN, Fábio. *Breve História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Leitura XXI: 2004.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo. Corpo gênero e sexualidade dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro, Relume Dumará: 2001.

LAURETIS, Teresa de. *A tecnologia do gênero*. In. HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, Rocco: 1994.

_____. Apud. LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação – uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, Vozes: 1997.

LEHNERT, Gertrud. *História da Moda do século XX*. Portugal: Köneman, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo, Cia. Das Letras: 2000.

LOURO, Guacira Lopes. *Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer*. Labrys, N° 6, Ago-Dez: 2004.

_____. *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, Ed. Vozes: 1997.

_____. *Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação*. Revista Estudos Feministas. vol.9 n° 2 Florianópolis, 2004.

_____. *Pedagogias da sexualidade*. IN: LOURO, G. L. (org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

LUCA, Tânia Regina. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKI, Carla Bassanezi (Org). *Fontes Históricas*. São Paulo, Contexto: 2005.

MACHADO, Lia Zanotta. *Feminismo, Academia e Interdisciplinaridade*. In: COSTA, Albertina & Bruschini, Cristina. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos: 1992, p. 09.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas, SP, Pontes: 1989.

MARTÌ, Ruth Falcó. *La arqueología del género: Espacios de mujeres, mujeres con espacio*. Cuaderno de trabajos de investigación. Centro de estudios sobre la mujer. Alicante, Bacaja, s/ data.

MICHELET, Jules. Apud. SOHIET, Rachel. *História das Mulheres*. In: CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo. (org). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro, Campus: 1997.

MINARDI, Inês M. *Trajetória de luta: mulheres imigrantes italianas anarquistas*. Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

MISKOLCI, Richard & PELÚCIO, Larissa. *Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis*. Gênero sem. 2007. Niterói, v. 7, n. 2.

MOURA, Maria Lacerda de. Apud: RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar – Brasil 1980-1930*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

MOI, Toril. *Teoria literária feminista*. Madrid, Editora Cátedra: s/ data.

MOREIRA ALVES, Branca. *Ideologia e Feminismo. A luta da mulher pelo voto no Brasil*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1980: p.181.

NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande, 1989.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e o seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, Pontes: 1996.

PINHEIRO, Katiuscia & SAMPAIO, Juciana. *As "viagens" de Orlando : subversões corporais³ em Virginia Woolf*. In. Anais do Fazendo Gênero VII. *Corpos Discursivos: Gênero na Literatura e na Mídia*, Florianópolis, 2006.

PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História - Operários, Mulheres, Prisioneiros*. São Paulo, Paz e Terra: 1988.

_____. *Minha História das Mulheres*. São Paulo, Contexto: 2007.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, Vol. 24 nº 1. Franca: 2005.

_____. *Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978)*. *Revista Brasileira de História*, Vol. 26, nº 52: 2006.

PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos gerais do município de Rio Grande*. Porto Alegre, Op. Gráfica da Imprensa Oficial: 1944.

PINTO, Céli Regina. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2003, p. 01 e 02.

_____. *Movimentos sociais: espaços privilegiados da mulher enquanto sujeitos políticos*. IN: COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos; São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1992.

PINTO, Joana Plaza. *Conexões teóricas entre Performatividade, Corpo e Identidade*. *Revista DELTA*, nº 23, 2007.

_____. *Estilizações de gênero em discurso sobre linguagem*. 2002. 237p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

RAGO, Margareth. *Os feminismos no Brasil: dos "anos de chumbo" à era global*. *Labrys*, Nº 3, Jan-Jul: 2003.

_____. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1985.

_____. *Entre a história e a Liberdade: Lucce Fabri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo, UNESP: 2001.

_____. *O desconcerto da mudança*. História Viva Edição Nº 28 - fevereiro de 2006, p. 41.

_____. São Paulo em Perspectiva. V.15 Nº3. São Paulo, jul./set 2001.

RONCAGLIO, Cynthia. *Pedidos e recusas: mulheres, espaço público e cidadania*. Curitiba, Pinha: 1996.

RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

SCOTT, Joan W. *O enigma da igualdade*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis: 2005.

_____. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: *Educação e Realidade/UFRGS*, vol. 16, nº2. Porto Alegre, jul/dez: 1990.

SCOTT, Joan, TILLY, Louise e VARIKAS, Eleni. *Debate*. In: *Cadernos Pagu: desacordos, desamores e diferenças (3)*. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP: 1994.

SCOTT, J. & TILLY, L. A. *Mulheres, trabalho e família na Europa do século XIX*. Apud SOIHET, R. *História das mulheres*. In: CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo. (org). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro, Campus: 1997.

SMITH, Bonnie. *Gênero e História*. Rio de Janeiro, EDUSC: 2003.

SHOWALTER, Elaine. *A crítica feminista no território selvagem*. In. HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, Rocco: 1994.

SILVA, Thomas Tadeu. *A produção social da identidade e da diferença*. In: SILVA, Thomas Tadeu (org). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Editora Vozes: 2000.

SILVA, Leosmar. *Relações entre a teoria dos atos de fala e quadrinhos humorísticos*. Goiás, Temporis[ação], v. 1, nº 9, Jan/Dez 2007.

SOARES, Carmem Lúcia. *Pedagogias do corpo*. IN: Labrys, Ago-Dez. 2003.

SOIHET, Rachel. *História das Mulheres*. In: CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo. (org). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro, Campus: 1997.

_____. *Sutileza, Ironia e Zombaria: instrumentos no descrédito das lutas das mulheres pela emancipação*. Labrys, Nº 4. Ago- Dez: 2003.

_____. *O feminismo tático de Bertha Lutz*. Florianópolis/Santa Cruz do Sul, Editora das Mulheres/EDUNISC: 2006.

SOIHET, Rachel. *Mulheres em busca de novos espaços nas relações de gênero*. IN: Acervo, vol. 9 N° 1/2. s/ data.

SOHN, Anne-Marie. *Entre duas guerras. Os papéis femininos na França e na Inglaterra*. In: DUBY, Georges & PERROT, Michele. *História das mulheres no ocidente. O século XX*. Porto Alegre, Edições Afrontamento Ltda: 1991.

STOLLER, Robert J. *Sex and gender*. New York: Science House: 1968.

SWAIN, Tânia Navarro. *Intertextualidade: perspectivas feministas e foucaultianas*. Labrys, N° 5. jan-jul. de 2004.

_____. *Lesbianismos, cartografia de uma interrogação*. In: *Corpo, Gênero e Sexualidade: discutindo práticas educativas*. Rio Grande, Editora da FURG: 2007.

_____. *Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas "femininas"*. In: *História: Questões e debates*. Curitiba: Ed. da UFPR, v. 18, n° 34, jan/jun. 2001.

_____. *Entre a vida e a morte, o sexo*. In: Labrys, N° 10. jul-dez de 2006.

_____. *Você disse Imaginário?* In: SWAIN, Tânia (org.) *História no Plural*. Brasília, Ed. UNB: 1994.

_____. *Editorial*. IN: Labrys: Estudos Feministas. N° 1-2, julho/ dezembro 2002.

SWAIN, Tânia Navarro. *De deusas à bruxas: uma história do silêncio*. Brasília, Editora UNB, s/ data.

THÉBAUD, François. *A Grande Guerra: o triunfo da divisão sexual*. In: DUBY, Georges & PERROT, Michele. *História das mulheres no ocidente. O século XX*. Porto Alegre, Edições Afrontamento Ltda: 1991.

TRINDADE, Etelvina. *Augusto Comte e a mulher. O feminino na primeira república*. IN: *Mulheres na História*. Curitiba, 1999.

VARIKAS, Eleni. *Gênero, Experiência e Subjetividade: a propósito do desacordo Tilly – Scott*. In: *Cadernos Pagu* n. 3. Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas, 1994.

WALLERSTEIN, Valeska. *Feminismo como pensamento da diferença*. Labrys, N° 5. jan-jul. de 2004.

WEEKS, Jeffrey. *O Corpo e a sexualidade*. In: LOURO, Guacira (org). *O corpo Educado, pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica: 2001.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução técnica e conceitual*. In: SILVA, Thomas Tadeu (org). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Editora Vozes: 2000.

WOOLF, Virginia. *Orlando: Uma Biografia*. Tradução de Laura Alves. São Paulo, Editora Nova Fronteira: 1977.

PERIÓDICO

“O Tempo”. Rio Grande, 1920-1932.

ANEXOS

O Feminismo:

É assombrosa a marcha do feminismo na Europa, onde a mulher tem imposto sua vontade aos governos. De Copenhague, telegrafaram a data de 3 do corrente, anunciando esperar-se que a Sra. Marie Lessen faça parte do novo ministério da Dinamarca.

Aqui, no Brasil, não há muitos dias, uma mulher presidiu à uma sessão do 3º Congresso Operário, que funcionou no Rio de Janeiro e que acabou de dissolver-se. O Tempo, 06/05/1920 – 1ª p. 1ª colunas

O Feminismo:

Nos Estados Unidos da América, o poder político dos homens está ameaçado. Segundo os cálculos do Partido Nacional Feminista, se a emenda do sufrágio feminino for ratificada e a lei promulgada a tempo para que as mulheres possam alistar-se em todos os Estados, o poder político dos homens apenas suplantarão o do sexo fraco pela diferença de 2.500.000 votos.

Pela estatística de 1910, o número de eleitores nos EUA é de 26.883.566. Todavia, nas eleições de 1916, somente compareceram às urnas 18.528.743 deixando de votar por diversos motivos, entre os quais o da falta de alistamento, 11.000.000. Se a abstenção do eleitorado masculino se mantiver nesta proporção, dado que as mulheres estão dispostas a concorrer às urnas, é fácil prever quão perigoso se tornará para o prestígio do sexo forte.

Além disso, é preciso tomar em consideração que 5 Estados da União o número de mulheres ultrapassa ao dos homens. Em Massachussets, as mulheres tem um eleitorado que lhes assegura uma maioria de 58.264 votos sobre os homens, em Carolina do Norte a maioria de mulheres é de 15.288, na Carolina do Sul 10.307, em Rhode Island de 3.196 e, finalmente, em Maryland, 1.292. Não obstante, as mulheres se queixam de certas restrições resultantes das leis vigentes em alguns Estados, que elas consideram semelhantes às táticas seguidas no Sul para limitar o voto de negros e por isso pedem sejam imediatamente revogadas. Essas restrições consistem principalmente no prazo fixado para o alistamento, o qual, a menos que a emenda seja imediatamente aprovada, pelo Parlamento, as impede de tomar parte das eleições desse ano.

O Tempo, 20/05/1920 – 1ª p. 1ª coluna.

Voto á mulher:

Será apresentada ao senado, conforme noticiamos em telegramma, uma emenda concedendo o direito de voto às mulheres maiores de 25 annos de idade.

Diversos senadores vão votar pela emenda e acredita-se que ella se incorpore á nossa legislação.

O Dr. Lauro Muller vae combater a proposta:

- Não é que eu ache a mulher incapaz de exercer esse direito – disse S. Ex. Penso até que algumas mulheres têm mais capacidade de votar que certos homens. Não sei porque, uma senhora que toma o seu bonde e, á hora certa, entra para o ministério do exterior, e senta-se á sua secretaria trabalha e recebe os seus vencimentos no fim do mês, uma senhora que, no concurso tirou primeiro lugar, e é funcionaria, não sei porque, repito, essa senhora não pode intervir nas eleições e ter opinião sobre seus dirigentes. Combaterei, porém a emenda, argummentando com ella própria. Se na linguagem da Constituição “cidadão brasileiro” quer dizer homem e mulher, esta deve ser eleitora e para seu alistamento deve exigir-se os mesmos attributos que ao homem, e, neste caso, basta ter vinte e um annos. Se, porém, cidadão brasileiro quer dizer homem, a mulher, não póde, pela Constituição, votar.

O Tempo, 23/12/1919 – 1ª p. 4 e 5ª colunas.

O voto feminino:

Como o divórcio, que de quando em quando surge espectral a perturbar a paz dos congressistas, impressionando-os sinistramente, o voto feminino também faz suas aparições no congresso.

Dessa vez elle foi bater no Senado, a ver si os nobres membros daquella casa, com a banhomia paternal que sempre tem os velhos pela causa da mulher, lhe davam outro acolhimento que lhe não deram os representantes da mocidade política.

Desse modo, foi sondada a disposição de animo de vários senadores, que, ao que dizem, se manifestaram pelos seguintes conceitos:

Alfredo Ellis - Sou a favor, nem podia deixar de ser. A Constituição, quando diz ‘cidadão’ não lhe determina o sexo. Sim minhas senhoras. Façam o favor de votar.

Marcilio de Lacerda – Nunca! É contra a Constituição.

José Eusébio – Sou contrario.

Soares dos Santos – Não contem comigo. O logar de mulher é no lar, e não nas urnas.

Raymundo de Miranda – Mulheres? Que entrem. Mas só as maiores de 50 annos.

Octacílio de Câmara – Que idéa! Voto contra. Lá se vae o lar, lá se vae a família, e é capaz até de queimar-se a carne assada! Si dermos o direito de voto às mulheres, acabou-se tudo. Que idéa.

Metello Junior – A questão é muito delicada, agora não há tempo. Vou estudar.

Antonio Massa – Deus nos livre! Si num eleitorado só de homens já há tanta barafunda! Imagine quando as mulheres votarem ‘em massa’,

Hermenegildo de Moraes – Contrario. O nosso meio ainda não comporta esta medida.

Vespucio de Abreu – Não digo sim nem não, a questão é melindrosa, vou estudá-la.

Cunha Pedrosa – Nem me falem nisso...

Jeronymo Monteiro – Creio que o Papa não se molestaria... Sim, sou favorável.

Felippe Schmidt – Não sei se na Alemanha ellas votam... É melhor não votar.

Gonzaga Jayme – Voto contra. Aqui não entra mais ninguém.

Eloy de Souza – Que votem todas as mulheres, menos a minha engommadeira. Que seria dos meus collarinhos?

Dest’arte mais uma vez, cahiu o voto feminino, graças ao humorismo demolidor dos senhores senadores. O Tempo, 5/12/1920 – Domingo, 1ª p. 1ª coluna.

Com a Mulher

Pertence á “Tribuna Feminina” este trecho, que reccomendamos muito especialmente:

“E’ a mulher quem aos homens dá o ser, quem os cria, os educa, preparando-lhes o character; é ella quem os guia nos caminhos íngremes e tortuosos da vida. Eduquemol-a si quizermos homens de’ bem, de integro valor moral e intellectual; si quizermos patriotas e bons cidadãos.

Eduquemol-a se desejarms a remodelação da sociedade.

Filhos de mulheres fúteis, artificiaes, postiças e mascaradas, só podem ser palhaços, é dessas ‘derrotistas’ da moral e da família que surgem como cogumellos os batedores de carteiras, os bajuladores dos homens do poder, os ‘penetras’, os ‘almofadinhas’ e quejandos cretinoides que infiltram no paiz como verdadeira lepra social, envenenando, deturpando, desmoralizando todas as instituições, desde o cidadão até a nacionalidade. 23/07/1919 – Sabbado. Anno XII, Nº 193. 1ª p. 3ª coluna.

Pela mulher desvalida:

Senhoras residentes em Porto Alegre dirigem ás nossas patrícias o seguinte apello, cuja publicação nos é solicitada e ao que acendemos com summa aprazimento:

‘O Brasil tem sido sempre pródigo em socorrer os famintos dos paizes flagellados pela guerra e por catástrophes outras, portadoras de miséria e soffrimentos. O seu grande e formoso coração generosamente aberto ás expansões do bem, onde quer que a desgraça lhe solicite conforto e amparo, jamais deixou de attender aos necessitados.

Nas azas da caridade, voa, atravez do oceano e com ella se beatifica, eleva e irradia á sombra de todas as bandeiras, colhendo bênçãos e preces em favor de nossa prosperidade.

Que se eleve e se propague o seu renome, que a velhice, a viuvez, a orphandade, vivam sob a protecção de seu braço forte; que a caridade (sem a qual, segundo o Evangelho, não há salvação) resplandeça, aureolando-lhe as tradições generosas, mas que não esqueça os seus.

Não o fará porque tanto sabe agasalhar os hospedes e os que apellam para sua magnanimidade como os filhos queridos.

Carinhoso, sincero, jamais deixou de attender a quem lhe estende a mão. A campanha em favor da instrucção dos brasileiros se intensifica por todo o paiz., onde o civismo e o bem vibram, glorificando o amado pavilhão sacrossanto.

Todos conhecem a urgente necessidade de combate ao analphabetismo e trabalhar para que não nos caia a pecha de nacionalidade vencida por uma grande maioria de ignorantes.

Uma vigorosa corrente contra esse grande mal se propaga no Rio de Janeiro, e a ‘Legião da Mulher Brasileira’, acompanhando tão nobre intuito, vem com a abnegação tratando de facilitar a instrucção á mulher e de habilital-a exercício das proffissões liberaes, para ganhar honrada vida.

Diffundindo a instrucção superior indistinctamente a ambos os sexos, teremos efficazmente collaborando na extincção da ignorância que nos humilha, prejudica e retarda aspiração de promente gresso.

A ‘Liga da Mulher Brasileira’ é uma associação composta de distinctas senhoras e senhorinhas, como se vê de sua directoria, que é a seguinte: presidente de honra, condessa de Affonso Celso; presidente honoraria, Sra. Ministro Homero Baptista; vice-presidente honoraria, Sra. Ministro Vicente Neiva; presidente effectiva, Anna Cesar; vce-presidente effectiva, Sra. Dr. Alcebiades Delamare; primeira secretária, Sra. Dr. Henosque Duque; segunda secretária, Ernestina Guimarães; primeira tesoureira, Abigail de Lima; segunda tesoureira, Sra. General Almeida;

primeira procuradora, Carmem Vianna; segunda procuradora, Sra. Marechal Pacca; bibliothecaria, Julia Vargas.

Trabalham todas com a maior dedicação, pela instrução, protecção, e elevação da mulher brasileira desvalida e ignorante. É para esta cruzada grandiosa (na expressão da imprensa carioca), que viemos em nome de nossas patricias desvalidas, appelar para a alma gaveha, sempre prompta a socorrer a desventura, afim de que se digne de enviar um auxilio a esta associação, a exemplo de outros Estados, a quem se têm dirigido. Sendo a sua presidente effectiva rio-grandense, não desejamos vê-la partir de sua terra natal sem levar a cohorte o bem, que preside uma fatia de pão material que será transformado nas mãos da caridade em alimento intellectual, pela instrução das brasileiras pobres.

Senhoras e senhorinhas lá estudam, no intuito de obter meios de fugir ás amarguras e a desgraça a que a fome e outras necessidades muitas vezes arrastam.

Quantas infelizes se perdem na varagem do mundo, e que amparadas poderiam ao lado da familia, produzir proveitosos fructos á sociedade!

Quem dá para a instrução da mulher ignorante e desvalida, dá a Patria e á familia. Que o Rio Grande dê o que de superfluo existe nas fartas bolsas de seus habitantes ricos e que seja a bella capital a primeira a niciar tão benemerita faina.

Achar-se-ão, de hoje em diante, todas as redacções da imprensa autorisadas a receber as quantias que se dignarem de enviar os que quizerem concorrer para esta obra de civismo e de amor. – Olinda Barbosa de Almeida, Virgilia Rezende, Anna P. Vieira da Silva, Jurema Fischer, Patricia V. da Silva, Hercilia V. de Carvalho, Fanny G. Nunes, Amanda Almes, Julieta M Cavalcante, Maria Antônia Minaberry, Henriqueta F. Soares, Leopoldina M. M. Oliveira Santos, Alice C. Fischer, Anna P. Lopes, Maria de la Grange Mostardeiro, Hermonia Collor, Georgete C. Pereira. Também a Exma. Sra. D. Anna César á rua Mostardeiro n. 14, receberá qualquer auxilio.”
1º/10/1921 – Sábado, 1ª p. 3ª e 4ª colunas.

Á minha filha

O casamento:

Deus creou o homem e a mulher para o destino que lhes era próprio: um não pode ocupar a posição, nem exercer as funções do outro.

Suas diversas vocações são perfeitamente distintas. São companheiras iguaes, mas nos seus respectivos poderes são desiguaes. O homem é rijo, a mulher é delicada e nervosa. Um sobresahe pela força do cérebro, o outro pela qualidade do coração.

Verdade é que há homens effeminados e mulheres varonis, mas estas são apenas exceções que provam a regra. As qualidades do homem pertencem mais á cabeça, as da mulhere, ao coração; é indispensável que o coração de ambos seja cultivado conjuntamente com a cabeça, porque um homem de mau coração é tão indigno da sociedade como uma mulher inintelligente. O cultivo moral e intellectual é indispensável para ambos, e sem sympathia nem consideração pelos outros o homem ficará sendo acanhado, sórdido e egoísta, e sem intelligencia cultivada a mulher mais formosa não passará de um aboneca enfeitada.

Ricardo Stecle diz: ‘A mulher tem direito á admiração, porque representa a imagem da dignidade do homem, mas é preciso dar-lhe sabedoria e valor: o cultivo das facultades intellectuaes devido á disciplina do coração e da consciência, habilitará a ser mais útil e ditosa para dar felicidade e saber gosar-as, principalmente as que nascem da dependência mutua e sympathia social.

Afim de que a pureza se mantenha elevada na sociedade, convém que a cultura de ambos os sexos esteja em harmonia e guardem a devida distância.

A lei moral é applicavel a ambos, é necessário que sejam puros e virtuosos e evitem offender o coração e a consciência, porque o veneno uma vez absorvido nunca mais pode ser lançado completamente e amargura toda a felicidade posterior.

Um assumpto que apesar de ser de grande interesse os moralistas e os mestres evitam-no e os paes prohibem-no, é falar de amor entre os moços, e estes, entregues a si mesmos, só recebem noções nos iverossimeis romances que enchem as prateleiras das livrarias. O sentimento de amor que abrange toda a vida e historia da mulher e é apenas um episódio na do homem, fica entregue ás suas próprias inclinações e cresce ao abandono destituído de direção.

Os conselhos dos paes podem resguardal-os das paixões frívolas e ignóbeis que muitas vezes usurpam o nome do amor.

Definindo o amor, alguém disse: O amor na accepção da palavra é uma loucura, mas em sua pureza e sublimidade é não só um consequência mas uma prova da nossa excelência moral. É o triumpho do desinteresse sobre a parte egoísta da natureza, e por virtude dessa divina paixão é que o mundo se conserva sempre novo; elle é a melodia perpétua da humanidade, derrama brilho

sobre a mocidade e cerca a idade madura de um aureola; glorifica o presente pela luz que diffunde e illumina o futuro pela luz que diffunde ao longe.

O verdadeiro amor de alguma sorte também eleva a intelligencia. Platão dizia: que o amor procura semelhança ao objecto amado e que é apenas a metade separada do ser humano original.

Parece que a philosophia está em erro, a affeição tanto nasce da semelhança como da dessemelhança do objecto amado.

A verdadeira união deve ser de espírito e de coração e basear-se na estima e affeição mutua. Nenhum amor verdadeiro e duradouro, diz Tictetz, pode existir sem a estima, ao contrario é indigno de uma alma nobre. Pelas portas do amor o homem entra em um novo mundo de amor e sympathia, entra na casa que é obra sua, bem diferente da de sua infância e na qual cada dia recebe um novo prazer e experiência.

Poucos homens tem escripto bem sobre o casamento; até hoje, as melhores palavras escriptas que encontrei foram as de Henrique Taylor. O que elle diz relativamente á influencia de uma união feliz é applicavel a todas as outras da vida. Disse elle: A verdadeira esposa deve ter todas as qualidades necessárias para tornar a casa um verdadeiro lugar de repouso; para esse fim convém que tenha aptidão e tino indispensáveis para livrar seu marido dos incommodos de governo da casa e sobretudo das dívidas.

Ella deve agradar ao gosto e aos olhos de seu marido.

A essa que não for um sanctuário de amor, não pode ser lugar de repouso; o repouso e o descanso do espírito só se obtêm por meio das affeições.

É pelo regimen domestico que o coração do homem se forma e regula bem.

A verdadeira esposa é um bordão que serve de apoio em épocas de provança e de difficuldades, nunca deixando de animar e consolar, quando chega a desgraça ou a fortuna se mostra adversa: na mocidade é o ornamento na vida do homem e fiel companheira da idade madura quando se perdem as illusões da vida e só se vê a realidade dellas. Algumas vezes julgam mallogradas as suas esperanças no casamento, pelo muito que esperavam d'elle, a sua imaginação contou-lhes talvez uma existência a qual nunca se gozou neste mundo e depois despertam como de um sonho.

A regra de ouro do casamento é 'soffrer e conter-se'.

Dizem que as moças são hábeis em armar laços; melhor fôra que aprendessem a fazer jaulas, porque os homens são fáceis de apanhar, mas difficeis de guardar.

A mulher influe necessária e poderosamente sobre o marido.

Uma natureza ínfima rebaixa-o assim como uma elevada exalta-o; a primeira amortece-lhe a *sympathia*, a segunda fortifica-lhe a moral; não fica só nisto: uma mulher de espírito culto e de grandes princípios eleva as vistas do marido, de modo que a de sentimentos baixos há de forçosamente degradal-as.

Quando vejo, disse Addison, um homem de rosto triste e enrugado, não posso deixar de compadecer-me de sua mulher; porém quando encontro um semblante franco, applaudo a felicidade de seus amigos e de sua família.

Lord Breshiech, deu este conselho a seu filho, resumindo a experiência de sábio estadista e homem pratico do mundo: ‘quando prover Deus, disse elle, que tu domes estado, escolhe a mulher com maior prudência, porque disso depende toda a tua sorte futura, e este é um acto da vida em que o homem age como em um estratagema de guerra: só erra uma vez. Procura bem o modo com que seus paes lhe dirigiram a educação.’

Assim, querida filha, a instrução intellectual e o bom humor é o mais necessário para o casamento, porque unido á força de vontade e á paciência para soffrer e conter-se até que o ímpeto da cólera passe.

É muito certo o provérbio – uma palavra doce dissipa a cólera!... 1º/11/1923 – Quinta-feira, 1ª p. 1ª e 2ª colunas.

Problema Feminino

O governo britannico está seriamente preocupado em resolver um problema de máxima importância, tal seja o do aproveitamento das mulheres que acabam de ser dispensadas das occupaões militares a que se entregaram com tanto denodo e competência durante os trágicos annos de guerra. E’ sabido que milhares de mulheres prestaram relevantes serviços na marinha, no exercito, e agora se encontram sem occupaão. Algumas, porém, continuam a trabalhar nos estaleiros e nos serviços auxiliares do exercito, gastando para esse fim, o melhor de suas energias, mas, de um momento para outro estão ameaçadas de perder o emprego para cede-los aos soldados desmobilizados, que reclamam os logares que exerciam antes da guerra.

O problema não é, pois, de tão fácil solução como parece à primeira vista. O governo cogita organizar um serviço especial, afim de manter algumas das principaes instituições creadas, ou melhor, improvisadas, durante a guerra.

As mulheres, por sua vez, tratam de acautelar seus interesses, tendo para este fim iniciado uma forte campanha, reclamando não só garantias, como também privilégios por parte do governo. Entre as mais exaltadas instituições femininas estão o Corpo Feminino de Emergência e Legião das Mulheres, ambos com um passivo notável de inestimáveis serviços ao país e às suas forças militares.

Parece certo que as mulheres serão aproveitadas nos serviços do campo e das fábricas, garantindo-se-lhes também uma compensação razoável na produção. Entretanto, observa-se um certo descontentamento ante as prometidas concessões ao elemento feminino, pois que, ao continuar ela entregue aos misteres da fábrica e da lavoura, as mulheres deixarão de prestar o devido carinho nas suas funções domésticas. 03/10/1919 – Anno XIII, nº 251. 1ª p. 6ª coluna.

Para O Tempo

A mulher

Porto Alegre, 1922

A mulher não foi criada para ser um instrumento sem iniciativa, nem só para ser o belo ornamento na vida do homem. Existe para si mesma e para os outros; e os deveres sérios que está destinada a preencher na vida, tanto exigem um espírito cultivado como um coração sympathico. A sua missão mais alta não consiste em mostrar-se superior nesses talentos frívolos com os quaes se gastam, hoje, em dia tantos momentos preciosos; porque, ainda que esses talentos façam realçar os encantos da juventude e da beleza, já por si mesmos sufficientemente encantadores, pouca ou nenhuma utilidade se lhes encontra nas exigências da vida real.

É uma verdade muito conhecida que a intelligencia com que Deus dotou a mulher, da mesma maneira que o homem, foi-lhe dada para servir della e não para deixar definhar na inércia ou a corromper pela cultura de assumptos pouco puros.

Em geral, a educação e a disciplina que melhor convem a um sexo no principio da vida, convem igualmente ao outro; e a cultura moral e intellectual que enche o espírito do homem é também boa para a mulher. Todos os argumentos de que se tem feito uso em favor da instrucção superior do homem militam com a mesma força em favor da instrucção superior da mulher. Em todos os ramos das suas attribuições, a intelligencia da mulher augmentará a sua utilidade e a sua efficacia. Em tudo dar-lhe —á o pensar e a previsão, permitir-lhe-á antecipar e prever as eventualidades da vida, suggerir-lhe-á maneiras de melhorar e dar-lhe-á forças para todos os casos. O poder das

suas faculdades intellectuaes protegel-a-á melhor contra as decepções e a impostura, do que uma ignorância ingênua e sem desconfiança! Duma educação moral e religiosa tirará ella causas de influencia mais fortes e mais duradouras do que dos seua attractivos phisicos; e na sua confiança em si mesma descobrirá as verdadeiras fontes de bem-estar e da felicidade domestica. O homem é a cabeça, mas a mulher é o coração da humanidade; elle é o juiso – ella é o sentimento; elle é a força, ella a graça, o adorno, o consolo. Assim, enquanto o homem dirige a intelligencia, a mulher cultiva os sentimentos que mais determinam o carácter.

É raro que se fale das mulheres superiores como se fala dos grandes homens. È sobretudo das mulheres virtuosas que ouvimos falar. É porque dirigindo para o bem os caracteres que estão encarregadas de formar, executam uma obra mais meritória do que se escrevessem livros e compusessem grandes obras.

A influencia da mulher é a mesma por toda a parte. Em todos os paizes, os costumes, as maneiras, e o carácter do povo dependem della. Quando é depravada, a sociedade é depravada; e quando mais pura e moralmente illustrada, mais pura e illustrada será a sociedade.

Logo, instruir a mulher é instruir o homem; elevar o carácter della, é elevar o carácter deste; alargar o carácter da mulher é assegurar extender a toda comunidade, porque as nações são o producto das famílias.

Si é certo que o carácter de uma nação só tem a ganhar com as luzes e o refinamento da mulher, é mais do que duvidoso que se possa obter vantagem pondo-a em concorrência com o homem no rude labor dos negócios e da política. As mulheres não podem fazer o trabalho especial dos homens, como os homens não podem fazer o das mulheres. Todas as vezes que se arrancou a mulher á sua casa e á sua família para occupal-a desnecessária e definitivamente, em outros trabalhos, o resultado, sob o ponto de vista social, foi desastroso.

É muito bonito e pratico que as mulheres sejam tão bem preparadas que possam auxiliar o commercio, etc; isso porem deve acontecer somente em casos de necessidade, findos nos quaes ella volte a exercer no seu lar, o seu papel de educadora, porque o que são também muito necessárias a instrucção, afirmeza, a bondade e a constancia. 09/04/1922 – Domingo, 1ª p. 3ª e 4ª colunas.

A Decadencia da Mulher

No Rio uma senhora candidatou-se a uma vaga no Conselho Municipal e deitou sizudo manifesto do eleitorado.

Trata-se da super-celebre senhora rubra Deolinda Daltro, tel-a-emos, decerto, impando numa cadeira do conselho. O povo do Rio é por demais divertido e, por sua alta recreação, não deixará de eleger nas urnas o nome daquela senhora, só pelo gesto de vê-la, ao depois, a sufraldar as saias na escadaria do Paço, em caminho das sessões ordinárias, atarefada, e pasta, e atribuições, com discursos a responder, apartes a rebater, o diabo, em suma. Para rir, o eleitorado carioca elegerá, sem dúvida, Deolinda Daltro.

Dois dedos de prosa sobre os chamados triumphos do feminismo.

Na hora em que as mulheres de nariz ao alto, vão assumindo posições do mando, a medida que ellas sobem num revôo fácil de saias, nós, os homens, vamos constatando, parallelamente, uma coisa mais do que dolorosa: - A apressada decadência da mulher.

A mulher está, lamentavelmente, em declínio no que ella tinha de feminino e dominador.

Poderosa, política, mandona, directora disso ou daquilo, a mulher não mais terá o poder de dominar o homem. E dar-de-á este caso curioso – independente a mulher, quem vai ficar de todo livre é o homem.

A nós outros, que tudo levávamos de venada neste mundo, que dominávamos e domávamos tudo quanto existe sobre a terra, era-nos agradável sermos vencidos pela mão macia e pequenina do nosso mais frágil inimigo: - a mulher. Era o único ser da terra que nos vencia, porque dentro de cada homem, mesmo o mais secco e estorricado de sentimento, há sempre um Don Juan adormecido. Sabemos bem sempre o largo gesto de galanteria. Sentimos infinito prazer e somos fartamente recompensados quando, com desprendimento de heroe, amontoamos ás plantas das mulheres os nossos triumphos e as nossas glórias. Quando nos declaramos vencidos pela mulher é que somos, positivamente, mais homens.

A vida mais áspera e encardida do labutar quotidiano pertencia e deveria pertencer a nós outros tão somente para isso foi que nascemos; a natureza nos fez de rude aspecto, de mãos mais rijas, de mais largos hombros. Apareceu no mundo a mulher para o effeito único da premiação dos nossos esforços e labores. Ella sobrepairou sempre. Do alto de seu prestigio ella conduzia os que mourejavam na chata arena da vida.

Não é lyrismo essa enfiada de tropos e a que se vae seguir. Mas atentem bem as senhoras se o Destino, na regra geral não as colocou de facto nessa posição de altura de fastigio. Negar essa affirmativa é encaminhar-se pelo terreno das excepções sem base.

Vae dar-se desastradamente, uma troca de logares. A mulher cansada de tanto domínio descera quando pensa que está subindo. Descera para hombrear conosco. Tel-a-emos hombro a hombro, peito contra peito, sol a sol, a lutar connosco. Nunca se fez maior elogio ao nosso trabalho de homens.

Nós, que sozinhos arcávamos com todas as fadigas da existência, só partilhando com a mulher as doçuras e os lazeres, teremos as nossas obrigações diminuídas, e já não será com tanta frequência que limparemos o suor do rosto. Porque uma coisa é certa: - não pensem as mulheres que, com sua entrada no eixo, irá aumentar-se a riqueza do mundo. Absolutamente não aumentará. O homem, cansado de vinte séculos de labuta, cederá de bom grado o posto e recolher-se-á calmamente à ociedade a que faz jus.

Nós lutávamos sempre para a mulher. Agora, se a mulher dispensa, por altruísmo ou não sei que sentimento, esse sacrifício, ao homem será immensamente gratocruzar os braços e bocejar à margem da árdua actividade em que se vinha esfaldando desde que a natureza o creou.

A mulher caminha, sem o sentir, a largas passadas, para a sua decadência. É a maior inimiga de si mesma. Esta se desvencilhando do que tinha de archanjo e divino, pra se immiscuir no incolor da vida do homem. De astro que foi intangível e deslumbradora, a mulher passará a ser a lagea em que pisa sem dó e com indiferença.

A mulher procura o seu desprestigio. Desde que lhe virmos bagas de suor a gretar-lhe o rosto; desde que com ella discutirmos nas tribunas, entre improperios e arrepelos, desde que andemos juntos a medir o chão, na concorrência de méritos – a mulher, podendo vencer-nos, sobrepujar-nos pela argúcia do espírito, finura de intelligencia, nunca mais poderá, no entanto, encantar-nos e seduzir-nos, porque perdeu para sempre, o segredo envolvente da sua belleza e da sua graça, pela razão de ter-se demais, aproximado dos homens.

Não mais veremos tipos femininos triumphando pela fragilidade de mimosa e saltitante, mas typos de mulheres aduncas, cheiradiças, intromettidiças, feiarronas e detestáveis. Morrerá o chamado sexo fraco e aparecerá um outro esquecido e anti-natural – o sexo neutro. Andaremos, ao depois, aos encontrões pelo mundo, descortezes e insociáveis. Felismente essa nova Edade Media que se annuncia será menos longa. Difficilmente, no entanto, poderão as mulheres voltar

ao Paraíso de onde sahiram. Sem as asas que lhes emprestavamos com a nossa admiração, nunca mais ellas levantarão vôo para as regiões donde cahiram.

Nessa epocha, que, desgraçadamente, não alcançaremos, terá o homem attingido a sua completa e serena liberdade. Ter-se-á dado a reversão da Humanidade. Os homens, divinizados pelo culto da mulher, pairarão, altos e brancos, bem acima do borbórinho fosco da vida, enquanto as mulheres, encardidas e roufenhas, de vozeirão e pulsos fortes, hão de contentar-se em ter o homem como um premio.

Serão os homens, neste tempo de mel e leite, alvas creaturinhas mimosas, que só se moverão a custo de mimadices e carinhos.

Isso é uma hypothese. Pode-se formular outra: - Convenhamos que o homem, ao envez de recuo ante o concurso da mulher, tome-se de brios e também avance, unhe e forceje, procure vencer a mulher. Debalde será. A mulher, tomando o freio, irá até ao fim. Procurará ser tudo na vida. Tudo mesmo, esquecendo-se por completo de que é mulher.

Vae ser uma corrida louca, de uma vertiginosidade tal que a Humanidade chegará a descuidar-se de sua renovação. Será tudo tão ás pressas, que não haverá absolutamente tempo para os commubios e para as gestações. Ninguém, é claro, terá o desplante de pensar em demorados idyllos. Um olhar, um aperto de mão, um beijo, se possível, um colicquio – e um sêrzinho que se sacrifica numa curva do caminho, para não entrar, num minuto, sequer, essa marcha accelerada para o Ideal, que é, nada menos, que o fim da Humanidade.

Tacitamente, estamos registrando o inadiável desaparecimento do Amor. Somos mesmo levados a crêr que esse sentimento não existe, contemporaneamente. O que ainda existe nos (?) é apenas um pouquinho de curiosidade. Nada mais. Orta essa curiosidade, satisfeito o capricho do desconhecido, desaparece esse calor nas phrases enamoradas, esfria o enthusiasmo das estrophes, emmudecem as lyras e restam os madrigaes.

Porque a mulher não pode suspirar mais amor. A alta sentimentalidade de que ellas as cercavam num halo divinal, vae empalidecendo. Já de há muito que a mulher vem tornando (?) suspeito ao homem. Ouvem-se no próprio encontro de dois corações que se dizem apaixonados, surdos rumores de discórdia. São longas ameaças de tempestades, geleiras que se annunciam muito próximas; crepúsculos adivinhados em plenas manhãs de alegria e de sol. Os homens andam a praticar com terríveis e artimanhosas conspiradoras. Dahi o receio, dahi a desconfiança e tantos sonhos de amor que desabam constantemente. A mulher é uma estrela cadente; está a descer de

seu esplendor para se misturar com as pedras da terra. Esse avanço famélico às posições do homem é a certidão passada do seu declínio.

A mão feminina que maneja o bisturi, ou esmurraça tribunas, ou tintinabula campainhas de mesas presidenciais, ou impõe multas, ou lavra decretos e baixa portarias, os guia autos e aeroplanos e que empunha a rabeça, os levanta e thedraes – póde merecer tudo menos um beijo de amor. A mulher assim não póde ser amada; e era do amor e para o amor somente que a mulher devia viver.

Mas, homens que somos, cumpre-nos fazer o ultimo gesto de cortesia: - recuemo. Que ellas passem de roldão, inflammadas doidas para invadir as searas e os jardins que só para ellas cultivamos. Que ellas tomem conta de tudo. Uma, essa puxadeira Deolinda Daltro, vae para o Conselho Municipal do Rio de Janeiro emquanto que nós, amorosos e sentimentaes, choramos na saudade do perfumado encanto que as mulheres tiveram em outros tempos; porque ellas, hoje, vão a desaparecer, uma a uma, sob o ranço das rudes profissões masculinas. O Tempo, 11/10/1919 – Sabbado, Anno XIII, nº 258. 1ª p. 1, 2 e 3ª columnas.

Cabellos e barbas:

Parecerá, a primeira vista, este titulo, o de algum annuncio de casa de barbeiro, que não houvesse entrado no convenio de encarecer os seus serviços capillares. Não o é, porém.

Aqui, se vai tratar de uma chronica do sr. Alexandre de Albuquerque, escriptor patricio, muito conhecido na imprensa carioca, a propósito dos cabellos femininos tosqueados, cortados a La Garçonne, a arango, ou que melhor nome tenha essa moda de masculinização.

O chronista responde a uma consulente, sem duvida da sua, phantasia, que lhe pede opinião sobre o uso dos cabellos curtos.

As razões Moraes e as razões estheticas, os motivos individuaes e os motivos collectivos, que se apuram nesse problema, apresentam-se com taes aspectos que, pensando bem, de um lado e de outro, todos os argumentos, o sr. Alexandre de Albuquerque chega a hesitar, por instantes, sem se poder decidir.

Todavia, julgando ser a cobardia mental a pior de todas as cobardias, sacode de si a hesitação fugaz e falla.

- Opto pelos cabellos compridos, não em nome da esthetica, nem da moral, mas em nome da physiologia – diz elle.

Se as mulheres meditassem um pouco no phenomeno, raro entre as mulheres, e vulgar entre os homens, a calvície, chegariam a comprehender aquele physiologo que estabeleceu o seguinte principio: ‘tende a atrofiar-se o órgão que deixar de exercer a sua função!’

Os povos mediterrâneos foram sempre barbados porque tiveram orgulho de sua barba. Vê-de a grande epopéia dos descobrimentos iniciada pelos portugueses no século XV em seguida, parallelamente, pelos hespanhóes, com o auxilio esporádico de um ou outro italiano...É o momento magnífico das grandes e maravilhosas barbas em que o homem comprehende, conforme o preceito da Bíblia, que é feito á imagem e semelhança de Deus.

A decadência romana veio sobretudo da decadência das barbas. Os bárbaros só puderam invadir o império quando os romanos cortaram a barba. A idade média e o principio da idade moderna são as duas épocas heróicas, cuja força (Sansão é o symbolo magnífico) reside nas barbas.

Os inglezes são de todos os povos modernos os que estão mais próximos da decadência; á força de raspar a barba são povos quase glabros. Se a barba é para ser raspada, para que há de haver barba? A sábia natureza que tudo corrige, tem-se encarregado de poupar aos inglezes o trabalho de fazer a barba, negando-lhes a barba.

É o que succede, em grande parte, rellativamente, ao cabelo da maioria dos homens. A força de o cortarem, elle enfraquece e cai. Eis a razão de todos os calvos.

Dir-me-ão que um dos remédios, quando o cabelo está enfraquecido, é o corte. Sim. A poda é precisa também ás árvores, mas com a fúria com que nós cortamos os cabellos, matar-lhe-iamos a capa.

Em nome dos cabellos futuros, ou melhor, dos cabellos das mulheres futuras, peço-lhe, excellentissima amiga, que recomende ás senhoras senhorinhas das suas relações que não cortem o cabelo – isso só servirá para espalhar entre as mulheres a calvície, que hoje é o apanágio dos homens.

Seria a peor e mais desagradável das masculinizações. 15/02/1925 – 1ª p. 3ª e 4ª colunas.

A Rainha do Lar é a Rainha do Mundo: (Collaboração)

A mulher foi creada para ser a rainha da familia, da cidade, do paiz, do mundo inteiro. Aquela que souber cumprir o seu dever na sociedade, dever de filha, irmã, esposa e mãe, não terá nunca falta de consolo, não conhecerá nunca as oras amargas do arrependimento tantas vezes tardio; será sempre uma fonte inesgotavel de felicidade vivificadora para todos que a rodearem. Os tempos atuaes proclamam a mulher independente, conferindo-lhe quase todos os papeis, até então desempenhados só pelos homens. È muito bom que a mulher seja livre, que saiba manter-se por si mesma , com onestidade e firmesa, que tenha preparo intellectual e concorra, o quanto possivel para o bem comum.

Nenhuma porem, deve deixar-se dominar pelo esagero que, representa um perigoso declive que fará descer do seu pedestal, por mais alto e solido que seja. Como filha obediente e dedicada a seus paes, a mulher adquire desde creança a força da alma, a dignidade e firmesa de carater, que deverá conservar por toda a vida. Seguindo os conselhos de seus paes, ela se torna irmã sensata e carinhosa, amiga e sincera, conquistadora inconsciente de grandes e espontaneas simpatias.

Si a mulher for correta, todo mundo será correto porque ela é a força motriz de todas as causas. Si como esposa ela deve ser a alegria dissipadora das contrariedades do marido, o alento das oras de trabalho e o consolo dos momentos de aflição, como Mãe o seu papel é mil vezes mais importante e sublime porque ela deve ser a Rainha do Lar e o lar domestico é a mais importante escola do caráter. È nele que todo o ser umano recebe a sua melhor educação moral. Existe um provérbio que diz: ‘O lar faz o omem.’ Desta fonte pura ou impura, nacam os princípios e as máximas que regem a sociedade. Os mínimos fragmentos de opinião semeados no espírito das creanças na vida privada, brotam mais tarde no mundo tornando-se opinião publica, porque as nações formam-se das creanças e por isso, aqueles que as dirigem tem nas suas mãos um poder maior do que os chefes de governos.

A educação de qualquer omem por mais sábio que seja, não pode deixar de receber sempre forte influênciã do circulo moral dos seus primeiros anos. Quem não aprendeu, não pode ensinar. A casa da família é a escola das creanças que mais tarde serão omens e mulheres optimos ou ruins, conforme a influênciã que forem possuídos. Daquela em que virmos o espírito do amor e do dever, em que a cabeça e o coração reinarem com sabedoria, em que o mando for terno, bom amante e a vida onesta e virtuosa pode a nação esperar serem bem formados, sadios, felises e capazes, quando as forças lhes chegarem, de seguir as pisadas de seus paes pelo caminho reto e

sábio, contribuindo assim para o bem geral de todas as cousas. Si é o omem quem governa, si é a educação que forma o caráter, si é a mulher quem educa, ela deve ser considerada a Rainha do mundo.

O esemplo da mãe é para os filhos, estrela, farol e guia; ai daquela cuja estrela da dignidade estiver sem brilho, cujo farol da justiça estiver apagado, cuja rasão não saiba guiar aquelles que lhe pertencem! Sendo destinada a uma missão tão nobre e sublime, não pode encontrar no delírio do tango, no entusiasmo do tênis, no rigorismo da moda ou na permanência á janela, a sua preparação para a vida real. Não deve também viver reclusa, isso a tornaria ridícula e incapaz de alcançar a vitória do seu dever.

Para tudo porém, existe o encantador – meio termo – que é a represa poderosa contra o esagero. Nunca a moda e os praseres devem distrair-as das ocupações domesticas. É preciso que a mulher, desde creança, se acostume á pratica das cousas mínimas para que não lhe faltem as forças para cumprir o grande dever que a humanidade lhe impõe. Aquela que governar com retidão sua casa, governará a humanidade, será a Rainha do Lar e a Rainha do Mundo! O Tempo, 09/11/1921 – Quarta-feira, 1ª p. 3ª e 4ª colunas. Stella Maris.

Para ‘O Tempo’

Dever conjugal:

Olhae e vede quanta tristeza e quanta desordem existem no interior de muitos lares, que apresentam á sociedade a apparencia de uma felicidade que, nunca conheceram, ou que, pelo menos, já não vive mais.

E porque tanta dor, tanta aflição e lagrima nesse templo sagrado da família, onde só deviam reinar o consolo, a paz, e a alegria?

É no lar que os filhos, hoje creanças ou jovens, aprendem com avidez os exemplos paternos, para amanhã, depois de emancipados e livres, praticarem as mesmas acções que tiverem visto ou ouvido dos Paes, os primeiros mestres da vida de cada um.

Haverá um dever que organize a vida dos esposos? Sim há, pelo menos, um dever, o dever dictado pelo bom senso, e há também uma lei, uma lei que conduz ao caminho da verdade immutavel, e esta é a lei de Christo, e é também a de todos os povos cultos e civilizados.

Si existe uma lei, existe também o dever de cumpril-a porque as leis não foram feitas, estudadas e aprovadas para ficarem em olvido, em abandono, em desrespeito. As leis são creadas, quando se

sente a falta dellas, para corrigir defeitos e evitar desgraças, para, em summa, proteger e garantir, o quanto possível, a felicidade de cada individuo.

Ninguém, portanto, devia casar sem estudar a lei correspondente a esse grande acto: aquelle que assim procedesse faria a promessa de cumprir uma causa que desconhece; commeteria, portanto, uma insensatez, um acto de menosprezo á constituição da sociedade.

Si o marido deve prover todas as necessidades da família, á mulher cabe a missão de facilitar-lhe esta tarefa, vivendo dentro dos recursos de que o marido dispõe e cuidando de que nada se perca. Si o marido deve enfrentar as tempestades commerciaes e os desgostos das tribulações a vencer por amor da família, a mulher tem o dever de confortal-o com o seu carinho, procurando fazer de modo que, em casa, nada falte dessas mil pequeninas cousas que muitas vezes são a causa de toda harmonia do lar.

Amor e carinho não consistem somente nestas externas demonstrações de affeto que chamamos abraços e beijos. Carinho sincero, amor verdadeiro é o que faz com que cada um procure estudar o carácter e o gênio de quem escolher pra companhia durante o tempo em que peregrinar por este mundo; consiste em que cada um supprima em si o que reconhece e desagrada ao outro; assim seriam evitados muitos pezares e creadas muitas compensações.

O amor dos esposos deve ser firme, respeitoso, soffredor e perspicaz.

Tão firme que cousa nenhuma possa abalar.

Tão respeitoso que não dê logar a futuras offensas.

Tão soffredor que se supportem com paciência nos tempos de contrariedades.

Tão intelligente e perspicaz que um só olhar baste para a comprehensão de muitas cousas.

Si o marido é responsável por tudo, si é o nome delle que cobre toda a família, a mulher deve concordar com elle e fazer-lhe a vontade em tudo quanto é justo, e justo é tudo aquillo que não vae de encontro ás regras do bom senso, da Religião e do critério da boa sociedade.

Si a mulher deve concordar, o marido tem também a obrigação de ser razoável nos seus direitos, concedendo, na medida do possível, tudo aquillo que é do gosto da esposa, exercendo ao mesmo tempo uma autoridade carinhosa e suave.

Não devia haver segredos entre os esposos, para se poderem mais facilmente se auxiliarem um ao outro; infelizmente, porém, não é assim.

Muitas são obrigadas a esconder as economias para que os esposos não percam tudo ao jogo. Muitos fallam em meus negócios para que as esposas não gastem tantos chapéos, sedas, jóias,

etc; cuja importância fatalmente lhes faria falta para atenderem a compromissos que muitas vezes chegam inesperadamente.

Uns procuram o Club em demasia.

Umam vivem em visitas e passeios com as amigas.

Outros são os parasitas da sociedade; desde o proprietário da casa que occupa até a pobre lavadeira, ouve-se a mesma queixa da falta de pagamentos.

Outras vivem para a exhibição de modas, são manequins ambulantes, enquanto no lar, em todos esses casos, permanece triste e desamparado.

Quando os dois ou um dos dois quer fazer somente aquillo que lhe agrada, transforma o lar em um inferno de contrariedades; os filhos ficam desnorteados vendo os Paes discutirem e se insultarem mutuamente em presença delles; perdem-lhes o respeito e lá se vae a sociedade pelo declive da decadência.

É preciso que cada um cumpra o seu Dever, e não sua Vontade.

Que o genioso se domine, que a sensível não chore, que o forte se contenha, que a débil tenha animo, que a tristeza tenha limite e que a alegria seja moderada.

Dirão muitos que tudo isso é muito bonito, mas difficil de executar; tem razão, é verdade; mas também é verdade que só os preguiçosos é que não luctam para alcançar um ideal. Stella Maris.

O Tempo, 28/10/1922 – Sábado, 1ª pg, 1ª e 2ª colunas.

Pandemia Moral

Contendem agora os sociólogos e moralistas sobre as causas possíveis da actual dissolução de costumes, e ainda há pouco Julio Dantas denunciava a crise do lar portuguez.

O phenomeno é geral, em todos os paizes, e é inútil procurar restringir-lhe extensão, que é a mesma das pandemias de que não se pode isolar inteiramente em qualquer parte do globo. O morbo está no ar, e não faltam correntes e autores que a propaguem. De modo análogo, a infecção moral, gerada no foco dos grandes centros da velha civilização em franca decadência dos costumes é prodigiosamente disseminada no livro, na estampa, no palco, no cinema, principalmente neste.

Não está nas mãos das autoridades o meio efficaz, a prophylaxia sufficiente contra esse contagio envolvente, que anestesia a vontade, entorpece a consciência moral e deixa no sangue das vitimas a excitação dos instintos da animalidade. A inconsciência desse Estado sobe a tal ponto de

obsecação naquelas vitimas, que não chegam a aperceber-se do espanto que estão causando aos da velha geração, formada no seio da família christã, em que se cultivava com as virtudes domesticas, a planta melindrosa do pudor. Que lhes importa a essas Evas, o escândalo que dão, si muitas, antes mesmo de provar a maçã, já estão de posse da sciencia do bem e do mal. Não precisam de cumplicidade ou sugestão da serpente mosaica, de cuja inferioridade pueril se ririam as nossas melindrosas do maxixe, do tango e de outras danças libidinosas, levadas, com as *toilettes* pompeinas, dos *cabarets*, dos prostíbulo *chics*, para nos salões familiares ou aristocráticos, onde outrora a distincção do minueto e mais tarde as quadrilhas e os lanceiros traduziam expressivamente o respeito fidalgo entre os dois sexos. Advertil-os do perigo pueril são os papaes e mães que as levam carinhosamente, desde a mais tenra idade, a iniciar-se na arte de colher os longos beijos voluptuosos das operetas vienenses e dos cinemas eróticos? O mal está generalizado e endêmico. Para o extinguir de uma vez, nos tempos bíblicos, não achou Jheovah outro remédio que uma chuva de enxofre ou betume, e da própria família única preservada, nem escaparam a mulher de Loth, pela malicia da curiosidade, convertendo-se em sal, nem as duas filhas, que, peor ainda, se casaram com o pae.

Mas o flagelo moral entre nós ainda não dominou a todos. Há muitas famílias que estão preservadas, e outras que, advertidas não mergulharão no Asphaltite. É preciso salvá-las. Do Vaticano já desceu o anathema contra os abusos concupiscentes da moda, que está despindo as mulheres dos últimos véus de pudor. Há já trez annos que D. Silvério, recém eleito pela Academia Brasileira, scandalizado por moda muito mais discreta que a atual, manifestara o seu desgosto pelo despudor dos vestidos curtos, qualquer que seja a crença religiosa de cada um, acho que a palavra do papa e do arcebispo de Marianna, por traduzir uma verdade que todos estão sentindo e poucos tem tido a coragem de dizer, devem ser secundadas por uma propaganda de reacção contra a crise moral, em que se enerva a sociedade moderna.

Teve essa coragem Julio Dantas, apontando aos seus patrícios portuguezes a decadência do seu lar tão tradicionalmente affectivo; teve a Mario de Lima, proclamando nas columnas do “Minas Geraes” o saneamento dos costumes pelo infloxo religioso; teve o “A Noite” do Rio, ao estigmatizar com fino estylete em braza, os cóllos nus das nimphas provocadoras, como os das megeras metidas a elegantes. Accentuada esta salutar reacção que a imprensa deve refletir, aos recalcitrantes e ás recalcitrantes peiores elementos que os indesejáveis de dynamite, imponha a policia sua mão, aos garotos a sua vaia, e a sociedade honesta o seu desprezo: que outra sancção

não merecem os destruidores da família. Não esperemos, para lavar a luxúria reinante, a chuva de betume como Sodoma, nem as lavas do Vesúvio, como Pompéia. O Tempo, 08/01/1920 – 1ª p. 1ª coluna.

Os cabellos cortados:

Lembrou-se alguém de consultar sobre este caso já banalíssimo dos cabellos cortados o especialista cinematographico Samuel Goldwin, perguntando-se-lhe se os artistas do theatro mudo devem ou não prosseguir a depilação.

Goldwin, que parece ser autoridade reconhecida nos EUA, em matéria de arte cinematographica respondeu pela negativa, apoiando sua opinião em nove argumentos. Ei-los aqui:

1. Os cabellos curtos privam a mulher de sua encantadora feminilidade;
2. Os cabellos compridos foram sempre considerados, em todos os tempos, como a coroa gloriosa da mulher;
3. Os cabellos curtos não são mais que consequência de uma moda, que será passageira como todas as modas;
4. Os homens não podem amar as mulheres que não conservem todo o aspecto de mulher;
5. Os cabellos curtos dão morte á galanteria, posto que fazem com que a mulher pareça um rapazola;
6. Quando assume um aspecto varonil, a mulher não tem mais a mesma graça;
7. Jamais um poeta ou um novelista sério cantou uma mulher de cabellos curtos;
8. Essa moda não embelleza a mulher; á sua maior parte, condenna-a á fealdade;
9. Contra o que á primeira vista parece os cabellos curtos obrigam a mulher á perda de um tempo precioso ao toucador. O Tempo, 06/12/1925 – 1ª p. 7ª coluna.

- Devem as damas usar cabelo curto ou comprido?

É a pergunta que se ouve nos centros elegantes, nas praias, como nas modestas reuniões familiares. Uma senhora que lembre da definição de Schopenhauer não terá dificuldade em responder.

-Cortemos os cabellos. Ao menos assim, não terá sequer metade de razão a tolice daquelle azedo e saturno philosopho alemão para quem as mulheres são animaes de ideas curtas e cabellos compridos.

Mas a questão nem sempre se coloca nesse pé. E em geral as mulheres se preocupam muito pouco com aquelle philosopho solteirão, que disse muito mal delas – e para isso devia ter suas razões.

-Deve-se usar cabello curto ou comprido? Ou antes, é mais bonito e mais higiênico o cabello aparado, ou, ao contrario, o comprido?

A julgar pela aceitação que teve a moda dos cabellos curtos, parece que as miulheres se acham realmente mais bonitas assim, meio parecidas com os homens. Resta saber se também estes as acham mais bonitas sem os lindos ondedados que tanto aformoseias um rosto já bonito.

Sob o aspecto da hygiene, ninguém se incomodará até agora em dizer qual das modas era preferível, talvez porque, no tocante as modas, as mulheres pouco se importam com a hygiene. Nem por isso um medico francez, muito preocupado com a hygiene, se julgou dispensado de vir dizer em publico a sua opinião sobre o assumpto.

O higienista, diz o Dr. Louis Rehm, está inteiramente de acordo com a nova moda: os cabellos aparados offerecem vantagem á saúde.

Não há remédio mais heróico (continua elle) para a quéda dos cabellos. As longas mechas fazem um maravilhoso filtro que retém as poeiras atmosphericas, vehiculos de micróbios perigosos. Dahi resultam moléstias do couro cabelludo e a propagação de certas affecções contagiosas. Lavar uma cabelleira de mulher, é coisa muito difícil. Os cabellos curtos são muito fáceis em lavar e portanto em desinfectar. Além disso, não há mais necessidade de grampos e pentes, que ferem e causam tão freqüentemente as enxaquecas, doença feminina por excellencia. Não esqueçamos também – é ainda o higienista quem fala – os accidentes innumerados devidos aos grampos de cabellos. Além do que, há nessa nova moda uma grande economia de tempo. Num momento, a senhora está prestes a sahir, já penteada. Não mais as longas horas diante de um espelho para o difficil arranjo das fartas mechas loiras ou negras. E o senhor não tendo esse motivo para se enervar, conserva um bom humor encantador, e é a felicidade no lar...

Eis como fala um higienista – bom higienista talvez, mas péssimo conhecedor da outra metade do gênero humano que até agora tinha os cabellos compridos. Então, elle achará mesmo que cortando os cabellos a mulher leve menos tempo ao toucador? O Tempo, 11/11/1923 – 1ª p. 6ª coluna.

Os cabellos cortados:

Vai por conta do ‘Diario da noite’ de São Paulo, esta alarmante noticia:

‘O Sr. Nicolau Ciancio descobriu que as mulheres que usavam cabellos curtos soffrem perturbações na alimentação do arsênico, intoxicando-se levemente. Essa intoxicação se traduz por pequeninos edemas faciaes que alteram os traços da graça feminina e dão as mulheres aquella physionomia especial e uniforme que o povo chama ‘cara de irmã de caridade’ exactamente porque as religiosas aparam os cabellos. 09/12/1925 – 1ª p. 3ª coluna.

Eva de suspensórios

As mulheres, que já nos haviam surrupiado a bengala e o cigarro, o direito de voto e o atrevimento, querem roubar-nos, agora, o mais precioso dos nossos attributos e o mais suggestivo dos nossos ornamentos: as calças. É claro que não se trata daquellas calças ou calçolas, perfeitamente sem sexo e sem masculinidade que as damas vem usando de alguns annos a esta parte e que são mais intimas dellas do que os seus respectivos maridos. Trata-se agora, das calças exteriores, das calças legitimas, dessas enormes calças typo Oxford, dentro das quaes as nossas magras pernas de homens dansam e bambolem como palitos tuberculosos em gordas capas de piano. Não senhores! As netas de Eva não se contentam mais em fingir de homens durante os três dias malucos do Carnaval, nem se limitam á pratica, sem consequência, da roupa característica dos homens. Vão mais longe, para escândalo da moral e confusão dos Sexos: namoram as mulheres, casam-se com as mulheres e – o que é mais, o que é terrivelmente mais! – dão filhos a essas mulheres, filhos sem pais, é verdade, mas filhos com duas mães (que felizardos!). Como nascem seus filhos, só ellas e suas *esposas* o sabem. Se Pasteur não tivesse provado que a *geração espontânea* é um mito, eu acreditaria na geração espontânea. Porque, espontânea ou não, a geração é um facto e não há argumento mais poderoso do que uma criança que nasce, um fedelho que chora e chama “papá” em voz esganiçada...

e o facto é que a moda das mulheres-homens, como todas as modas, mal nasceu e já vai de vento em popa. Ainda ontem, no morro do Salgueiro, foi descoberto um moleque que, além de não ser moleque, tinha a pouca vergonha de não ser homem! Vejam só que moleque atrevido! Há, por toda a parte, no Rio, Athanasios que são Clarindas, Manoeis que são Raimundas e Ladislaus que não passam de vulgares e cynicas Gertrudes... Dentro de um punhado de saias, havia,

antigamente, na peor hypothese, uma mulher; hoje, pode haver tudo, desde uma virgem romântica até um conquistador desabusado!

Um noivo, no dia do casamento, á hora solenne em que os convidados se retiram, deve ir para o quarto conjugal com um *bouquet* de flores na mão direita e uma pistola de 8 tiros na esquerda: flores para a hypothese-mulher, balas para a realidade-canalha...

Nunca se sabe, numa sahida de baile, se a creatura que se debruça sobre o peitilho engommado da nossa camisa, suspirando e dizendo palavras doces (“benzinho”, “queridinho”, “riquinho da minha alma”!) é uma donzela ou um “boxeur”, uma Julieta tímida ou um salteador de maus bofes.

É curioso notar que não há casos de homens phantaziados de mulher – o que prova que são, mesmo, as mulheres que se empenham em mostrar-nos que *passam perfeitamente sem nós...* Exaltadas pela mania de imitar os homens, ellas vão, logo, ao extremo, e roubam, com unhas de gato, o que temos de mais imponente: as calças. Será que as mulheres pensam que a virtude dos homens está nas pantalonas? Serão tão ingênuas que acreditam que o habito, que não faz o monge, venha a fazer o *homem*? E se não pensam assim, para que desejam, então, as nossas calças?

Há, positivamente, um grande *qui-pro-quo* em tudo isso. Tenho ouvido muita mulher dizer, olhando, com ódio, o marido inútil: “*Ah! Se eu tivesse as tuas calças!*” Ou, então: “*Nada como a gente usar calças!*” É evidente que, tudo o que temos no guarda-roupa e na vida, é essa parte do vestuário o que ellas mais invejam. Não é a casaca aristocrática, nem o *smocking* discreto, nem o jaquetão elegantíssimo: são as calças, sempre as calças, nada mais que as calças! Vivem a espreitar-nos esses dois cylindros moles de panno e, decerto, á noite ainda, milhares de calças dansam, molemente, nos seus pequeninos cérebros empastados de pó-de-arroz...

Que mau gosto o vosso, minhas senhoras, em querer, de nós, o que temos, precisamente, de menos esthetico! Se não fosseis netas de Eva, talvez ignorásseis que não é a farda de almirante que ensina alguém a navegar com êxito... Podeis levar tudo o que é nosso, as calças também, e deixar-nos verdadeiramente, de tanga: mesmo de tanga, e por trás de um biombo, nós seremos mais homens com as vossas saias do que vós, mulheres, com as nossas calças!

30/10/1931 – sexta – anno XXV, nº 270 – 1ª p. 1 e 2ª colunas

De tudo: As saias

As saias compridas, já de há muito vencedoras em Paris, acabam de aparecer em Nova York, principalmente nos bairros elegantes. Não é sem alguma luta que as saias curtas lhe cedem o lugar.

Algumas mulheres sentem o seu desaparecimento e, entre outras, aquellas que tinham orgulho em mostrar as pernas, ou julgavam ter motivo para isso! Mas, a saia curta cahirá, morta pela saia comprida, que esconde melhor o que muitas nunca deviam ter mostrado...

A tyrannia da moda é tão absoluta que impede todo e qualquer raciocínio. A saia curta devia ter encontrado por parte das mulheres uma resistência feroz, visto que, na generalidade, não lhes era nada favorável. 24/06/1924 – 1ª p. 5ª coluna.

Saias e cabellos compridos

A mulher começa a lutar contra a tyrannia da moda, dizem de Paris, numa correspondência recente. E acrescenta que o verão de 1926 verá “La Garçonne” voltar a preferir o que novamente a approxime da condição essencialmente feminina.

Nos salões apontados como os mais luxuosos, centenas de conhecidos costureiros e um milhar de manequins, formados deante dos freguezes nas “presentations” da estação, acabam de fazer seguir para Nova York e Londres e mesmo para Tóquio o seguinte telegramma:

“No verão de 1926, a mulher voltara a ser o que era”.

Durante o anno passado e por ahi além, a moda feminina escravizou de tal modo a mulher, que era comum as moças no boulevard serem tomadas como se pertencessem a outro sexo. Para estar na moda, uma dama deveria ser esguia como um pinheiro solitário. Foram postos de lado os manequins que ouzassem mostrar qualquer contorno feminino em seus desenhos.

Mas Paris, a creadora da moda, está exhibindo vestidos agora que darão graça maior a todas as agradáveis irregularidades do physico feminino, voltando os manequins aproveitáveis.

A linha da cintura, que no anno passado foi soffrendo alterações, quase a ponto de desaparecer, foi elevada agora quase ao seu ponto natural.

Alguns boatos ainda confusos foram ouvidos em Paris, vindos do interior, a respeito da restauração das saias compridas. Si o mundo seguir os passos de Paris, como sempre faz, Golpher Prainie usará saias tão curtas quanto até agora, e talvez ainda mais curtas.

Mas, Paris não é tarda em idéias. Falou-se em saias compridas – Impossível! Mas faremos mangas compridas, dizem os “leaders” da moda, e já as mangas são compridas. Exceptuam-se, sem duvida, os trajés nocturnos. No mais, as mangas são longas, com os punhos ligados nos pulsos.

Todavia, a moda não póde divorciar-se, com um só golpe, da influencia masculina. São vistos numerosos vestidos matinaes e vesperaes em que o collarinho é a nota predominante, com sua indefectível gravata.

De sorte que o que se nota é que, embora as inclinações á volta da influencia das linhas femininas, Paris não se mostra entusiasticamente inclinada a bater palmas cegamente a todas innovações. 10/04/1926 – Sábado – 1ª p. 3ª coluna.

De tudo para todos:

A verdadeira origem da mulher, segundo uma lenda indiana, é a seguinte: ‘Twashtri’ o deus Vulcano da mitologia hindu, criou o mundo, e ao querer fazer a mulher reconheceu que tinha esgotado na criação do homem todos os materiais criadores, e que lhe não restava nenhum elemento sólido. Cheio de perplexidade, o deus pôs-se a meditar profundamente, e quando, afinal, encontrou a solução, foi tomando: a redondeza da lua, a curva ondulosa da serpente, os graciosos contorcidos das plantas trepadeiras, o ligeiro estremecimento da berva e a delicadeza do caniço, o aveludado das flores, a levesa da pena, o olhar gentil da gama, a vivesa do raio de sol, as lágrimas das nuvens, a inconstância do vento, a timidez da lebre, a vaidade do pavão real, a dureza do diamante, a crueldade do tigre, a astúcia da raposa, o frio da neve, a tagarelice do papagaio, o arrulho da pomba; e, com tudo isso, formou a mulher. 05/06/1920 – 1ª p. 4ª coluna.

Concessões para a felicidade:

Há algumas mulheres que desejam para esposos homens de intelligencia inferior á sua. Julgam isso uma probabilidade de ventura, demonstrando assim em egoísmo quase grosseiro. Que prova isso? Que a mulher quer dominar ‘quand mème’, quer ser temida, quer ser respeitada pelo seu marido, não pelo amor, não pela sua fragilidade e doçura, mas pelo medo, o vergonhoso medo de ser mais ignorante e menos polido que ella.

A mim então parece-me que deve ser o contrario, que ao lado do homem , o mais forte, o responsável, o chefe, e que deve estar, mesmo para alegria e conforto de nossa alma, a superioridade intellectual.

É o nosso esposo que nos conduz pelo braço, atravez dos caminhos da vida que a sociedade embarça com seus preconceitos terríveis; é firmado no seu nome, na sua honra, na sua dignidade, que o nosso espírito descança e que nos vemos cercados de respeito. Tanto mais forte elle for, quanto mais admiração lhe teremos.

Os seus triumphos, são as nossas alegrias; o seu êxito no mundo, o nosso orgulho; a sua intelligencia e o seu renome, o melhor quinhão que a Providência nos poderia atirar! São essas alegrias affectuosas as que mais prendem e docemente enlaçam os corações dos esposos.

Verem-se comprehendidos e nivelados pelo amor, eis quel deve ser a aspiração de todos os casaes.

Lembrei-me disto a propósito de uma senhora instruída de quem o marido dizia, escrevendo um artigo:

‘...ella não me ama, nem me amou nunca, reconheço-o agora; e, como sabemuito mais do que eu, vivo envergonhado a seu lado. Chego a temel-a e em quanto a adore, arrependo-me de haver casado! Estou numa situação melindrosíssima, porque, emfim, vendo-me obrigado a acompanhar minha mulher, sei mesmo que ella não me considera ‘apresentavel’.’

Doloroso!

Ora, se esta mulher leviana tivesse procurado no casamento, não um marido rico e pouco instruído, mas um homem para quem o seu coração a impellisse unicamente, não teria feito melhor? Não reconhecerá que o seu capricho fez um desgraçado? Terá, apesar de tudo, alegria e socego? Eis ahi uma coisa que nem sequer posso imaginar! Ela realizou talvez seu sonho, arrastou o marido pelas cidades da Europa; ele pagava, ella dirigia; elle se admirava-lhe o espírito, ella achava-o fastidioso! E sempre vivendo juntos, ella dominando, elle obedecendo, - nem um nem outro podiam ser felizes.

É talvez por isso que um adorável escriptor francez recomenda muito ás mulheres que não sejam perfeitas, aconselhando-as a guardarem ao menos um pequenino defeito que as ponha ao abrigo da protecção do esposo, o quel deve sempre crer-se, o mais forte.

A respeito, conta ter visto em Heynes, na Provença, um magnífico jardim todo plantado de laranjeiras, convenientemente espaçadas, na melhor disposição. Não havia entre ellas, diz elle,

nem videiras nem arvores que as prejudicassem; somente ao longo das aleas alinhavam-se pés de morango, admiráveis, deliciosos e aromáticos.

Como se sabe, os morangueiros sarmentosos teem poucas raízes e espalham-se á superfície, sem aprofundar os seus delgados filamentos.. Entretanto, as laranjeiras começaram a enlanguecer e tornaram-se doentes. Ninguém suppoz serem os pobres morangueiros o motivo da moléstia; as próprias arvores robustas, se as consultassem, não teriam certamente confessado ser sua enervação devida a uma coisa tão pequena, - mas o certo é que morreram.

Os morangos haviam sugado toda a seiva da terra!...

É preciso que nós, que somos em força comparáveis ao homem como uma planta débil á arvore robusta, busquemos a sua sombra, não para estiolar á custa da nossa vaidade, mas para dar-lhe maior gloria com a nossa pequenez e vivermos em paz na sua protecção. 03/07/1921 – Domingo, 1ª p. 3ª e 4ª colunas.

O escotismo feminino

Apreciamos o outro dia os altos desígnios do escotismo feminino que a illustre professora D. Lindroeta Teixeira está organisando nesta cidade uma bandeira, com alimnas do Colégio Elementar Bibiano de Almeida, promovendo nas meninas que a ella se filiaem – o caracter, a solidariedade, a saúde, o patriotismo, a assistência aos enfermos e às creanças, o conhecimento dos trabalhos manuaes e domésticos.

O código da escoteira é um decálogo soberanamente bello: - a honra de uma escoteira é sagrada; a escoteira é de lealdade inquebrantável; a escoteira é útil seja a quem fôr, a escoteira é cortez, a escoteira protege os animaes; a escoteira sabe obedecer, a escoteira ri e canta nas dificuldades; a escoteira é econômica; a escoteira é pura no pensamento, nas palavras e nas acções.

Si a nossa juventude feminina fôr plasmada obedientemente a esses grandes preceitos, poderemos estar seguros de que a Pátria terá boas cidadans e o lar verdadeiros anjos tutelares. 22/10/1924 – Quarta – 1ª p. 4ª coluna.

Mulher-soldado

Aqui há tempos, num dos theatros cariocas, foi representada uma burleta, ou coisa semelhante, com o titulo acima. Com algum espirito, era uma critica as pretensões do feminismo, figurando o que seriam as mulheres militarizadas. Mas parece que não agradou, como obra theatral, porque as pernas femininas não appareciam, ao contrario do que deseja o grosso publico, senão envoltas em horríveis botas masculinas.

Si o senador norte-americano Wood tivesse assistido a um desses espetaculos, talvez desistisse do projeto que, segundo correspondência de Washington para Paris e telegrama da metrópole franceza, pretende apresentar ao parlamento do seu paiz, creando um exercito de amazonas, subordinado ao departamento de guerra. Dahi, pode ser que não, porque o preocupa, nessa criação patriótica, mais o lado moral que o esthetico, tanto assim que attribuem, o seu exercito de amazonas terá uma organização autônoma, sendo separado das outras unidades militares e commandado por uma generala.

Quer isso dizer que não haverá qualquer contacto entre os soldados masculinos e os soldados femininos da Norte América. Mas não será isso um perigo para a paz da grande republica, uma vez que os dois exércitos podem se transformar em temerosos inimigos, ameaçando a tranqüilidade de seus patricios e até a estabilidade das instituições?

Por outro lado, se assim não for, que conseqüências trágico-comicas poderá ter a cordialidade das relações entre as duas classes armadas” Imagina-se uma ‘capitã’ de artilharia, de catadura pouco amável, casada com um soldado da mesma arma, incorporado á companhia do seu commando. Por ocasião dos exercícios, ter-se ia de ver um ‘obus’, ao envés de ser manobrado, commandar o próprio artilheiro...

Não! Nada de mulher-soldado. Mesmo á paisana e com um simples revólver ellas já dão que fazer aos homens, como aquella ‘ladra que beija’ e assalta... a vontade dos leitores. Fardadas e armadas – pobre do famoso sexo forte, que tem o monopólio de morrer em tudo, tanto nas guerras como nos gastos domésticos... 12/02/1925 – 1ª p. 3ª coluna.

O feminismo:

Somos daquelles que não acreditamos no movimento feminista em nosso paiz, em que péze as suas mais brilhantes defensoras.

Tudo quanto nesse sentido se tem feito ou se pretenda fazer por aqui, reduz-se a uma questão de temperamento, exaltação, desejo de ineditismos.

Porque afinal o feminismo no Brasil?

Numa terra onde a mulher desfructa o maior bem-estar; num paiz, onde o homem mantém o culto do bello sexo com verdadeiras subserviências, as idéas de equiparação dos direitos femininos aos masculinos tem qualquer coisa de extemporâneo.

A idéa póde ser procedente em se tratando de paizes outros.

Nos EUA, por exemplo. Ali haverá talvez necessidade de se dar á mulher mistéres outros que não exatamente os do lar. Povo essencialmente pratico, a mulher ocupa na esphera das actividades um logar em nada inferior ao do homem.

Não assim em nossa patria. Ninguém vê a mulher como um factor de progresso material, a não ser o da reproducção; cada homem é um eterno enamorado, cada mulher uma deusa, a que rendem vassalagem dezenas de aulicos. Nos bondes, nos logares publicos, basta surgir uma mulher para que os homens se afastem, como se um ente sobrenatural passasse. Quando palestram com as senhoras, refinam o estylo, com receio de que uma palavra menos elegante fira as delicadas ouças da interlocutora.

Nenhum homem, no Brasil, julga de bom tom, ao lado de uma senhora ou senhorinha, fazer incidir a palestra sobre assumptos que não sejam o cinema, os vestidos, os bailes, quando muito as partidas de bolapé. Um homem que ignore taes assumptos, mas conheça a politica, litteratura ou finanças, sente-se impossibilitado de trocar idéas com as mulheres.

O feminismo não se comprehende, não tem razão de ser entre nossas gentes. 05/10/1921 – Quarta-feira, 1ª pg, 2ª coluna.

O voto feminino:

São muito criteriosas estas considerações, que deparánomos numa das mais conceituadas do paiz: ‘Será o voto feminino uma aspiração de nossas patricias?’

A resposta não pode ser dada senão pela negativa. Em verdade – exceptuados os entusiasmos emancipadores da senhora Bertha Lutz e de mais umas poucas damas que fazem o ‘front’ da

prematura cruzada ‘for women’ – não se sabe de actos, nem sequer de palavras, com que as senhoras brasileiras tenham manifestado o desejo, ou reclamado o direito, de intervir na vida política da republica.

A indifferença com que o mundo das mulheres se conserva em face do problema, olhando-o com suspeito olhar de quem não lhe cobiça as vantagens, é, positivamente, de desconcertar, e desarmar a reduzida phalange das suffragistas nacionaes.

E tem razão as damas brasileiras: nem tão limpa coisa é a política para que a gente asseada lhe vá bater ás portas.

A concessão do voto ás mulheres seria uma optima conquista, se a intervenção das nossas patrícias na actividade eleitoral do paiz lograsse sanear as nossas praticas políticas, expungi-las dos feios vícios que as corrompem, ajustal-as aos princípios cardeaes do regimen, emergi-las da inferioridade estercoraria em que ellas jazem, purifical-as, dignifical-as. Isto, porém, não se daria, e não se daria porque fallece a todos nós, homens e mulheres, a necessária madureza espiritual para realizarmos dignamente o ideal democrático.

Bem andam, portanto, as nossas criteriosas patrícias desinteressando-se, por emquanto, do problema em espécie. Tempo virá em que a emancipação intellectual lhes conquiste, socegradamente, sem hulha nem matinada, a emancipação política. Mas esta é que não pode preceder aquella: seria inverter a ordem natural das cousas... 05/07/1921 Terça-feira, 1ª p. 6ª coluna.

A mulher brasileira:

Acabamos de ler o que o publicista Redney Dutcher, correspondente da United Press em Chicago, escreve acerca da nossa ilustre patrícia Bertha Lutz, que representou o Brasil na Conferencia Feminina de Chicago.

Vai o nosso leitor também travar conhecimento com as expressões do jornalista norte americano. São estas: ‘Há dois meios para as mulheres alcançarem o que desejam: o primeiro é sahir a campo e combater em favor de suas intenções, e o segundo, o mais simples, é apenas limitar-se a ser uma mulher.

Esse segundo método é adaptado, com grande êxito, no Brasil e preferido por todas as senhoras do paiz, que passam os seus dias calmamente em suas casas, entregues unicamente aos seus deveres domésticos, bebendo café, limonadas e outros licores innocentes e que, no entanto, tem

tanta influencia nos negócios nacionaes quanto as suas semelhantes dos Estados Unidos da América.

É o que declarou a senhorinha Bertha Lutz, do Rio de Janeiro, que foi delegada do Brasil na recente conferencia pan-americana de senhoras que também poderia ser, facilmente, representante de seu paiz, num congresso internacional de belleza.

A senhorinha Lutz é hospede da sra. Jane Addams, de Hall House. O brasil deve ser um esplendido lugar para se morar, pos, conforme disse D. Lutz, todas as suas mulheres são bellas, vestem pelo ultimo figurino de Paris e não tem ‘reformadoras’ ou ‘prohibicionistas’.

D. Bertha dá o exemplo de elegância das suas patrícias, vestindo um magnífico costume, que lhe dé aspecto de mulher dos trópicos; um encanto vivo e seductor, ajudado pela brandura de sua voz, que deve lembrar o vento murmurando nas palmeiras de sua terra. Disse ella que as mulheres do Brasil, para conseguirem os seus desejos, não necessitam de batalhar nas ruas em exhibições másculas de força.

As mulheres do Rio, disse ela, não são tão progressistas, ou antes, ‘agressivas’, quanto as vossas mulheres. Mas com seu sorriso, o encanto das suas virtudes e a sábia persuasão de suas palavras, nós geralmente alcançamos os nossos objetivos. Procedemos de um modo mais diplomático.

D. Lutz não explicou qual seria esta diplomacia, mas não é preciso ser muito atilado para perceber aonde ella quer chegar.

‘Não temos o direito de voto, consagrado na nossa constituição, mas se podessemos tê-lo nunca recorreríamos aos processos das suffragistas inglezas ou americanas, atacando, fazendo greve de fome, ou outra qualquer semelhante a essas. Não somos militantes. As militantes não tem cabimento no Brasil.

Lá não temos reformadoras ou prohibicionistas. Talvez não tenhamos os problemas que perturbam a vossa vida. Não julgo que precisemos no Brasil de prohibicionismo.

As mulheres do Rio vestem-se com toda a elegância, como as de Paris. Saias curtas, corpinhos apertados e tudo mais que a moda recomenda. Mas as moças do Rio de Janeiro ainda não cortam o cabelo, como começa a fazer intensamente aqui. 16/08/1922 – Quarta-feira, 1ª p. 3ª coluna.

O voto feminino:

Está em andamento no Senado, contando com o apoio decidido de alguns representantes da nação, um projeto de lei tendente a tornar extensivo ás mulheres o direito do voto. Pelos modos, o projeto, mais dia menos dia, triumphá.

É curioso este caso. Curioso e instructivo. Põe-nos em relevo um traço interessante da psychologia nacional.

Já numerosos paizes do antigo e do novo mundo têm admitido as mulheres a tomar parte das actividades políticas – a votar e ser votadas, a ocupar cargos electivos, a chefiar agrupamentos, a entrar em combinações eleitoraes, a operar em logares da administração, da justiça e da diplomacia, etc. Diante de tantos exemplos, infere-se no Brasil, que nada deve obstar, seriamente, á participação das mulheres em nossa vida publica.

Se tantos paizes dos mais altos cultos tem proclamado a perfeita capacidade da mulher para concorrer com a outra metade do gênero nas pugnas cívicas e no acesso aos postos de representação e de commando, porque há de o Brasil obstinar-se em desconhecer o valor feminino e conservá-lo á margem dos campos onde se cultivam os interesses da comunhão?

Isto, á primeira vista, parece argumentação embatucante. Mas só á primeira vista.

O que os paizes estrangeiros têm feito não é reconhecer a capacidade da ‘mulher’, assim em abstracto, para exercer os direitos do cidadão. O que elles fazem é reconhecer que as ‘suas’ mulheres, lá delles, taes como lá se apresentam, devem e podem ser equiparadas politicamente aos homens, por terem attingido, através de uma evolução social mais avançada, um grau de desenvolvimento que as habilita a entrar no grande jogo nacional das opiniões e das ambições.

Assim, nós não devemos perguntar, em frente desse facto, se o Brasil pode persistir em considerar ‘a mulher’ como incapaz para a vida publica; mas, sim, se o Brasil deve considerar ‘a mulher brasileira’ em condições de vir para o terreno das lutas políticas, em igualdade de direitos e deveres com os homens.

Ora, a resposta a esta ultima pergunta não pode ser outra: as nossas mulheres, em geral, não estão, absolutamente, aptas para isso. Tirantes algumas, raras senhoras mais inteligentes, mais batalhadoras ou apenas mais espevitadas, a verdade é que a massa da população feminina se acha tão pouco preparada para a política militante como a população infantil. A concessão do direito de voto ás mulheres só poderá trazer alguma vantagem pelo augmento considerável dos eleitorados, aumento que é, até certo ponto, uma condição de moralidade nos pleitos. Mas é

sempre duvidoso se esta vantagem compensará a balburdia que há de resultar da apparição repentina de legiões de votntes sem nenhuma orientação objetiva e sem nenhum habito de encarar de frente as questões ligadas ao exercício dos direitos políticos.

A melhor prova de que as mulheres não se interessam pela vida nacional nem pelos seus próprios ‘direitos’ está em que ellas, excluídas umas pouquíssimas exceções, não sentem nenhuma necessidade de votar e ser votadas, nem estão reclamando coisa alguma.

Os cavalheiros que andam a cogitar a extender o direito de voto ás mulheres estão apenas a querer fazer-lhes um gracioso presente. São muito gentis. Mas procederiam melhor tratando primeiro, com um pouco de esforço tenaz e sincero, de transformar em realidade essa ficção que é ‘eleitor’ indígena e essa mentira que são as ‘eleições’ no Brasil. Quando tivermos eleitores machos, dignos daquelle nome e desse qualificativo, e tivermos eleitoraes de verdade, então será tempo de irmos pensando em preparar as senhoras para intervir na vida publica. 10/07/1923 – Terça-feira, 1ª p. 2ª coluna.

Um voto feminino – um ensaio em Buenos Aires

Pela primeira vez em Buenos Aires, realizaram-se comícios eleitoraes femininos, conjuntamente com o acto civico legal.

Tratou-se, já se vê, de um simples ensaio, organizado pela Dra. Alicia Moreau e outras conhecidas propagandistas dos direitos da mulher, resultando uma nota original e interessantíssima na capital Argentina.

No comitê central, onde funcionava também um dos comícios, houve durante todo o dia uma buliçosa animação e um enthusiasmo tão intenso como o que reinava nas assembléias eleitoraes dos differentes partidos.

Era, realmente, um espectáculo admirável, aquelle enthusiasmo platônico. Os votos femininos foram bastante numerosos. Só em uma circunscrição, a 18ª, apresentaram-se a votar cerca de seiscentas senhoras; à 3ª compareceram 500 e tantas.

Em cada sala havia listas de todos os partidos e não aconteceu o que em alguns collegios eleitoraes dos homens se deu, nos quaes as listas de determinados partidos desapareceram. E todavia não faltaram partidárias fanáticas do socialismo, nem democratas ardentes, havendo até não pouca radicaes e algumas anarchistas.

É preciso registrar que naquele ambiente partidarista não havia odoisidades, mas pelo contrário, reinava uma transigência fraternal.

Um jornalista que percorreu as assembléias femininas assistiu a uma scena interessante. A presidente da mesa, pertencente ao partido democrata encontrou-se com a presidente de outra mesa, que era do partido contrário e havia feito grande propaganda em prol do seu candidato.

Interrogaram-se:

- Quantas votaram na tua mesa?
- Muitas. E na tua?
- Muitíssimas.

Abraçaram-se com entusiasmo, felicitando-se mutuamente. O interesse da causa feminista prevalecia nellas acima de suas opiniões políticas.

A vida política da mulher começou, pois, na Argentina sob os melhores auspícios, pois apuraram nas 28 mesas que instalaram em todos os distritos eleitoraes, 18 mil e tantos votos, que não é pouco, tratando-se de um primeiro ensaio.

Um incidente:

Não houve desordens nem urnas quebradas.

Apenas se registrou um incidente, que foi logo resolvido pela intervenção imediata da autoridade policial. Ocorreu na 18ª circunscrição, em uma mesa presidida pela senhorinha Elvira Saenz Hawes. Foi promovido por elementos anti-feministas e adversários dos direitos da mulher. Mas – circunstância engraçada:- estes elementos anti-feministas eram duas senhorinhas, e a causa que atacavam foi defendida, contra ellas, por um cavalheiro. Este chegara à sessão feminina um pouco antes, não para votar, seguramente, mas acompanhando duas filhas, as quaes, depois de depositarem seu votos na urna, foram interpeladas com energia pelas anti-feministas.

O cavalheiro respondeu, e para evitar disputas e conflito, pois que o dialogo ia-se azedando, a presidente requisitou a presença da autoridade.

Uma cidadã octogenaria:

A uma das mesas compareceu a votar uma senhora quasi octogenaria. Entrou na sala, lentamente, pelo braço de um filho, dando signaes do seu rheumatismo. A sua attitude e seu sorriso de satisfação revelavam a alegria com que contribuía, senão para o triumpho, pelo menos para a propaganda das idéias feministas.

Uma fraude:

- Confesso que votei quatro vezes com falsos nomes - declarou no Comitê Central Feminista a doutora Sara Justo, uma das propagandistas que mais trabalharam na Argentina, por meio da imprensa e da tribuna pública, em favor dos direitos femininos.

Esta declaração produziu espanto, e a Dra. Moreau, aproximando-se dela, interrogou-a:

- Como! Será verdade o que acaba de nos dizer? Será possível que tenha cometido um acto tão repreensível?

- Sim, fi-lo; trata-se de um simples ensaio, e quiz, assim, contribuir com seu melhor resultado, fazendo ver, com esta fraude, a necessidade que há de que se faça um censo de cidadãs argentinas que estejam nas condições de votar. Então, poderia provar-se, também, que proporção de mulheres reclamam o seu direito de voto.

- Oh, responderam-lhe algumas – não se pode fazer tudo de uma vez. 05/09/1920 – Domingo, 1ª p. 1ª e 2ª colunas.

O nosso feminismo:

Não se pode dizer que tenhamos no Brasil a questão feminista. Ainda não chegou até nós o movimento que caracteriza as pretensões do chamado sexo fraco e as mulheres, no Brasil, parecem satisfeitas com a sua condição social, nada demonstrando até agora que a brasileira venha para a praça pública pleitear direitos que lhe tenham sido negados.

A consideração de que goza a mulher nos meios cultos brasileiros, a sua influencia persistente e tenaz na formação da família nacional; a sua situação de rainha incontestada no pequeno mundo do lar, parece que lhe dão suficiente, o bastante para que se considere feliz. Não se julgue, porém, que o papel da mulher fique circunscripto ao lar.

Freqüentemente, o homem lhe cede certas ocupações profissionais, para as quaes, até pouco se exigiam qualidades que só a virilidade, segundo se cria, pode dar. Os logares de professor primário, enfermeiro e alguns outros de pouco dispêndio de energia foram confiados as mulheres, com vantagem para a sociedade. É verdade que alguns delles as mulheres se revelam inferiores ao homem, cessando, diante da prova experimental, a pretensão das nossas patricias, que enveredam, então, para as profissões em que as suas qualidades se evidenciam proveitosamente.

A noticia de um concurso aberto no Museu Nacional, do Rio, vem revelar o progresso que no capitulo instrução estão revelando as mulheres brasileiras. Com effeito, para uma vaga

verificada naquella casa, entre os diversos candidatos, apresentaram-se duas jovens patricias, resolvidas a disputar, em concurso com homens, a especialidade de antropologia e ethnografia. Recebida com agrado pelos outros concorrentes, a mulher brasileira se vae elevando no conceito da nação, não pelas suas pretensões políticas, mas pela sua cultura, que é a maior ascendência que pode haver num paiz de organização republicana. Aquillo que no Brasil se poderia chamar de feminismo, isso é, a elevação gradativa, natural e invencível da mulher, vae-se operando num ambiente de calma e socego, sem despertar reação ou forçar até ao ridículo a influencia da mulher na sociedade brasileira. 16/07/1925 – Quinta-feira, 1ª p. 4ª coluna.

O voto feminino

Theoricamente, o feminismo é acceitavel. Memso antes do seu advento no nosso meio, quando não se pensava a sério em tão cedo dar-se o que hoje se vê, inclusive as damas alistarem-se eleitoras, eu achava uma injudtça negarem-se á mulher os direitos políticos que geralmente se concedem aos homens. Em abono a minha these militava a circumstancia de ter sido professor de moças e rapazes, tanto no Districto Federal como nos Estados de São Paulo, Minas e Mato Grosso. E lecionando durante vinte e nove annos, conclui que o cérebro das mulheres não fica aquém do dos homens, não só na capacidade de apprehender os factos, senão também na de generalizal-os para uma synthese creadora.

A mulher que trabalha e estuda consegue realizar tudo o que o homem faz. E hoje vemos a brasileira vencendo nos concursos para logares públicos, sem nenhum favor ou galanteio aos seus encantos feminis. A sociedade, que acaba de conferir-lhe o direito do voto, há de esperar o seu esforço na campanha em prol do bem commum.

Mas... logo de inicio surge um embaraço.

Não podendo abdicar jamais de sua principal prerrogativa, dada pela natureza, de ser esposa e mãe, e isso porque são funcções em que ella não póde soffrer a concorrência dos homens, temos que a mulher deve provavelmente dedicar-se na carreira publica, a cargos que lhe não lhe diminuam a majestade e a extensão daquella prerrogativa inalienável. E é o que não será tão fácil, como se afigura que é, nos discursos das *leaders* feministas. E eis porque. – O lar encarna um ministério ou pequena pátria, com um aparelho administrativo complicadíssimo, e é do seu regular funcionamento que dependem a economia e a moral da grande pátria. E em outro ponto de vista também respeitável, a pasta que Deus confia á moça que se casa perante um altar contém

tamanhas responsabilidades, no tempo e no espaço, que a mulher verdadeiramente religiosa há de sentir-se peccadora, há de sentir-se faltando aos deveres exigidos pela sociedade christã, quando se afasta de seus filhos ou quando distrae o pensamento dos negócios de sua casa, sem que haja uma absoluta necessidade – de vida ou de morte – para isso. Com que remorsos se recordará uma das nossas maiores belletristas de que, emquanto no Prata fazia ella, sob ovações ruidosas, um fascinante recital de arte, seu único filhinho, numa rua de Botafogo, era esmagado por um caminhão!

Perdoem-me as minhas compatriças. Eu lhes quero muito, porque me habituei a admirar-as, com toda a justiça, nas aulas e nos lares, como professor e como medico; mas sei bem, conheço de facto, por isso que vivo na intimidade das famílias, os dramas entrestecidos na sombra que se faz, quando uma mulher é obrigada a deixar de projectar, no doce ambiente em que é soberana, a claridade divina da sua presença constante de esposa e mãe.

Esses dramas são os mais negros e atrozes; espelham nitidamente a desordem que campeia o mundo. A sua causa não passa de uma só: a mulher moderna não quer bem á sua casa. Ella prefere a rua, as amigas, o cinema. Não amando a casa, não educa os filhos, não lhes forma o character. Quer dizer: ella procria apenas, não cria. Criar, no caso concreto, é educar, formar o character, - e este é função do ambiente em que a creança passa os primeiros annos de existência, deriva exclusivamente da moral que o infante recebe da mãe. Os collegios internos para isso não servem; são um remédio para os casos de família mal organizada, doente, por assim dizer, em que se procura afastar a creança dos maus exemplos que se lhe deparam todos os dias. O internato não é um lar, é um hospital, ou um asylo para quem não pode receber instrucção residindo na casa de seus Paes, como succede aos moradores do interior do paiz.

Não fuçamos á gravidade do tema. A influencia da mãe sobre o filho é absoluta, não empolga, apenas, a consciência que desabrocha, impregna indelevelmente o subconsciente que há de inspirar as futuras inclinações. A própria autoridade do pae, o respeito que os filhos tem pelo dono da casa, só é effectivo e real quando a creança observa com seus próprios olhos o respeito e a admiração que a mulher mostra pelo marido. As expansões de amor conjugal não tem expressão alguma para a creança, se ella não vê um superior fundo moral consolida-las. Não há critico, nem juiz mais imparcial, a analysar os actos da vida dos Paes, do que os seus próprios filhos.

Ora, o problema social tremendamente grave do momento é a falta de character dos homens, a ausência de senso moral. Tudo mais tem progredido assombrosamente, as sciencias, as industrias,

o commercio. A crise em que se contorce o universo não corre, portanto, da falta de intelligencia e de trabalho; resulta de uma syncope no escrúpulo, nas virtudes pessoas de que outrora se orgulhavam os bons cidadãos. E é num momento desses que a mulher brasileira quererá abandonar o seu legítimo campo da mais nobre e alevantada acção?

Todavia, estou convencido de que há mulheres que nasceram para deputadas, medicas, oradoras populares, suffragistas. Está certo. São as mulheres-homens. Não raro, a endocrinologia traz uma explicação satisfatória da anomalia. Ellas se chamam, num nome sonoro, “emancipadas”. Serve. Não dão para o lar. Abominam o casamento. Algumas chegam a ridicularizar aquellas que amam demais o marido, ou que são mãe de muitos filhos, os quaes criam no peito. Para estas emancipadas, claro está, impõe-se – não o direito, mas o dever do voto. Ellas em casa para nada servem; pode ser que na vida publica sejam grandes revelações. Mesmo porque talento e preparo geralmente não lhes faltam. O que lhes mingua é o equilíbrio, a ordem de espírito; mas isso depende de circumstancias orgânicas e humoraes, não tendo ninguém, pessoalmente, culpa dos erros da natureza.

Mas vamos a um accordo. Nem oito, nem oitenta. Reconheço e proclamo que a mulher moderna precisa collaborar na solução de sérios problemas sociaes, certamente mais da sua alçada do que da competência dos homens. Há mesmo assumptos delicados, em que a classe varonil, chamada acaso para atendel-os, devia jurar suspeição. Tal, por exemplo, o da protecção e fiscalização do trabalho da mulher pobre, seja solteira ou viúva e necessitando de emprego, seja casada e infeliz, lançada ao abandono do marido ou ao ultrage do desquite judicial.

Distingamos. A grande maioria das mulheres brasileiras, com certeza, agradece penhorada a distincção que lhe foi conferida (o voto), por isso que prefere preparar primeiramente, no remanso dos seus lares, o eleitor. Prepara-se o eleitor formando o character da creança. Vote quem um dia votar, seja homem ou mulher, é preciso que se demonstre estar elle á altura da funcção de eleitor, isto é, -tenha noção de probidade, de honra, de integridade moral. Essa noção só pode vir dos lares bem organizados, que são a única escola de semelhante disciplina, tanto mais que os deveres cívicos, entre nós, não passam, até hoje, de matéria absolutamente theorica, em que muito bem prega Frei Thomaz.

Mas aquellas senhoras modernas ou emancipadas, elemento ainda excepcional na nossa sociedade, que sintam inclinação decidida para a carreira publica, deverão alistar-se, pois hão de fazer figura brilhante, estou disso muito certo. Digo-o com a maior sinceridade.

E seja como fôr, a mulher brasileira conseguiu, com o direito de voto, o direito de impor a sua vontade esclarecida. Mas tal direito – é preciso frisar-se bem esse ponto – antes de ser *jus-oblogatio* é evidentemente uma regalia. As mulheres exercel-o-ão *quando quizerem*, ou seja, quando fôr da sua conveniência pessoal e *quando puderem*, ou seja, quando o exercício do voto não prejudique os deveres inalienáveis da mulher na sociedade. E assim sendo como é, ponham as mulheres á margem os “partidos”, com que *coram populo* já lhes acenam os homens. Elles as querem (ainda uma vez!) como instrumento da sua política, de seus caprichos e interesses. Organizem ellas, se preciso fôr, um único partido com uma só bandeira: o partido da mulher pela mulher. E hão de vencer sozinhas, após o voto, como, sem auxilio de partido algum, o conquistaram, numa arrancada impávida de esforço e de talento. 13/12/1932 – Terça – anno XXVII, nº 12 – 1ª p. 1 e 2ª colunas

Cadec es...
Bandeiras
 ...
 ...
 ...

HOJE ...
AMANHÃ ...
 ...
 ...

ANNEMANN
 ...
 ...
 ...

Madeiras
 ...
 ...
 ...

trio
 ...
 ...
 ...

Ho-Grande-1913
MARÇO 13 de Outubro
ANO XIII - N. 258

HOJE ...
AMANHÃ ...
 ...
 ...

A DEBACENCIA DA MULHER
 ...
 ...
 ...

DESPACHO DA AMERICA
 ...
 ...
 ...

UN FADRES
 ...
 ...
 ...

HOJE ...
AMANHÃ ...
 ...
 ...

A DEBACENCIA DA MULHER
 ...
 ...
 ...

DESPACHO DA AMERICA
 ...
 ...
 ...

UN FADRES
 ...
 ...
 ...

Silveira, Soares & C.
 Representantes e Importadores
EMERGENCIA CIVIL
 ...
 ...
 ...

JA RECEBEU
CASA GERMANO
 ...
 ...
 ...

Commercial do Para
 Campanha de Seguros Maritimos e Terrestres
FUNDAÇÃO R\$ 1000
 ...
 ...
 ...

UN FADRES
 ...
 ...
 ...

A HORA LEGAL
 ...
 ...
 ...

UN FADRES
 ...
 ...
 ...

